

HISTÓRIA E
ANTOLOGIA DA
LITERATURA
PORTUGUESA
S é c u l o
XVI



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

HISTÓRIA E
ANTOLOGIA DA
LITERATURA
PORTUGUESA

S é c u l o

XVI



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Agradecimentos:

Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo
Lello Editora, Lda.

Ilustração:

Cerco de Div. Canto. XI. Jerónimo Corte Real, 1574. Lisboa,
Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Coleção Casa de Cadaval,
Cofre Forte, Livro 31.

Ficha Técnica

Edição da Fundação Calouste Gulbenkian
Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura
Av. de Berna, 45A – 1067 LISBOA CODEX
Coordenação científica de Hélio J. S. Alves
Coordenação técnica de Cristina Monteiro
Apoio técnico de Anabela Antunes
Concepção gráfica de António Paulo Gama
Composição e impressão – Gráfica Maiadouro
Tiragem de 37 000 exemplares
Distribuição gratuita
Depósito legal n.º 6 208/84
Série HALP n.º 20 – Dezembro 2001

POESIA ÉPICA

Índice

Nota Prévia 7

Estudos/Introduções

Os Épicos Maiores: para uma nova história da
poesia portuguesa
Hélio J. S. Alves 11

Antologia

Sucesso do Segundo Cerco de Diu
Jerónimo Corte-Real 25

Naufrágio e Perdição de Sepúlveda e Leonor
Jerónimo Corte-Real 32

Elegiada
Luís Pereira 51

O Primeiro Cerco de Diu
Francisco de Andrada 59

Santa Isabel Rainha de Portugal
Vasco Mouzinho 65

Afonso Africano
Vasco Mouzinho 68

Bibliografia 87

Nota prévia

A poesia épica de Jerónimo Corte-Real e a de Vasco Mouzinho (de quem se conhecem também os apelidos Quebedo/Quevedo e Castelo-Branco/Castelbranco) constitui o tema principal deste fascículo. A decisão de aqui dedicar espaço a este género literário justifica-se na medida em que, se em literaturas como a francesa e a inglesa os maiores mestres do Renascimento ou Neoclassicismo, nos domínios da poética arquitectónica e da caracterização psicológica, tendem geralmente para a poesia dramática, na literatura portuguesa esse lugar primordial é muitas vezes (embora não reconhecidamente) ocupado pelos poetas eponarrativos. Por isso, e dada a carência de bibliografia crítica actualizada e adequada ao efeito, considerei necessário redigir um ensaio introdutório totalmente novo para este boletim, em vez de proceder à costumeira selecção de estudos críticos. Aparecem depois as passagens que pretendem divulgar alguns dos momentos importantes da arte e do ideário desses dois autores. Acrescentaram-se, no ensaio, referências a outros poetas épicos dos séculos XVI e XVII, representando-se os mais antigos, na antologia, por excertos que me parecem poder ainda tocar o leitor actual.

As restrições de espaço obrigaram a grande contenção. Os conhecedores poderão lamentar a falta de alguns episódios notáveis, como o enamoramento de Leonor, o castelo de Faria e o epílogo fúnebre do *Naufrágio e Perdição*, ou a aparição de Anteu, a ilha das Ninfas e a morte de Zara no *Afonso Africano*, entre outros. Os catálogos (róis de nomes de lugares geográficos, pedras preciosas etc.) são quase sempre omitidos (as excepções são: os ventos brandos no Canto Sétimo do *Naufrágio* e as constelações no Canto Terceiro do *Afonso Africano*), como costuma fazer-se, aliás, em antologias de *Os Lusíadas*, ganhando-se em interesse romanesco o que se perde noutros valores. Personagens fundamentais, ou ficam completamente excluídas dos versos

seleccionados, como o tragicómico Proteu de Corte-Real, ou aparecem sob uma luz que lhes rouba muita da complexidade “psicológica” que possuem, como o rei Afonso de Mouzinho. Pude apenas chamar a atenção do leitor, no ensaio introdutório, para alguns aspectos poéticos essenciais que nenhuma antologia deixa transparecer.

Tanto quanto foi possível, modernizou-se e uniformizou-se a ortografia. Quando a original correspondia, real ou presumivelmente, a uma pronúncia diferente da normativa actual, ela foi mantida. Nem sempre obedeci às iniciais maiúsculas e minúsculas que constam das edições referidas. Para a pontuação enfrentei problemas ainda mais delicados: procurando manter a prosódia, modernizei o emprego dos dois pontos e introduzi o ponto e vírgula. Tentei ser cuidadoso nas alterações. Em geral, procurei pontuar o menos obstrutivamente possível, mas sem deixar de realçar a expressividade em passagens que, a meu parecer, o requeriam. Introduziram-se aspas em tudo o que denotava discurso directo das personagens.

Segue-se uma Bibliografia com a maior parte dos (poucos) textos de interesse e qualidade até agora publicados sobre estes poetas e poemas épicos individualmente considerados.

Hélio J. S. Alves
Dezembro de 2001

¹ A poesia épica portuguesa do século XVI, para além da de Camões, é pouco conhecida e é Hélio J.S. Alves – professor da Universidade de Évora – o seu principal e mais actual estudioso. Por isso, pedi-lhe que se encarregasse da elaboração deste número da História e Antologia da Literatura Portuguesa. É sua, pois, a obra feita, pelo que muito lhe agradeço.

Isabel Allegro de Magalhães

ESTUDOS BREVES.
INTRODUÇÕES.

Os Épicos Maiores: para uma nova história da poesia portuguesa

HÉLIO J. S. ALVES*

*La plus universelle qualité, c'est la
diversité.*

Montaigne

*Why should we accept the hypothesis
of a single, endlessly reiterated
fable of identity?*

Stephen Greenblatt

*Detestados pelos líricos de trazer e
trazerem-se por casa, os verdadeiros
poetas.*

Mário Cesariny

A poesia, a grande poesia, encontra-se
amíúde onde menos se espera ou deseja.

Desde que aquele instituto crítico nacional
chamado João Gaspar Simões decretou que a
única poesia que vale a pena é a lírica, Portugal
anda cheio de líricos mas reduzido em poetas.

* Texto escrito propositadamente para este boletim.

Escrever mal anda de mãos dadas com expediência. A lição dum Carlos de Oliveira, dum João Cabral ou, mais radicalmente nas expectativas criadas pelo seu neoromantismo torrencial, do último Pascoaes, é uma grande lição, mas poucos a aprenderam realmente. Há mais poesia no céu e na terra do que Horácio criou. Mesmo os sofisticados Calímaco de Cirene e Apolónio de Rodes, pais gregos do pai latino dos líricos ocidentais, adversários da magniloquência, abraçaram o que estava para além das miniaturas egolátricas que, malgrado esse latino e esses alexandrinos, tantas vezes passam hoje por lirismo. Eles cantaram os muitos do mundo, quer dizer, foram poetas épicos e dramáticos. Eles, adeptos militantes do ponto pequeno, souberam que lhes não bastava dominar a linguagem, o ritmo e a intensidade para serem verdadeiramente grandes. O poeta maior tem de ser capaz de ir mais longe, na ideia, na forma, na sintaxe, na estruturação vasta mas justa de um conjunto prenhe de significação afinada em face do mesmo conjunto. Precisa de «mais caudal de invenção, de ordem, de mistério e de alento» como dizia Manuel de Faria e Sousa. Precisa do comovido reclinar da mais generosa das musas.

A epopeia, desde tempos imemoriais, através de todas as transformações que entretanto sofreu, incluindo o grande romance, o poema longo, a película demorada, foi sempre, se não o ponto de encontro dos maiores poetas com a grandeza maior da poesia, ao menos o ponto para o qual almejava a sua ambição afirmada, silenciada ou denegada. Virgílio foi insuperável nas bucólicas, mas sem a *Eneida* teria sido apenas um grande poeta menor. Admiramos a lírica de Cavalcanti e de Dante, e mais até a daquele do que a deste, mas a grandeza do Alighieri como poeta é desmedidamente maior do que a do seu admirável contemporâneo, exactamente porque escreveu a *Comédia* a que chamaram *Divina*. E aos poetas que não foram Virgílios nem Dantes, não se aplicarão as palavras que Lamartine tornou explícitas mas que tantos preferiram dissimular? «Dante ou Tasso ou Petrarca talvez pudessem compor a epopeia da alma; mas não há em mim, discípulo demasiado degenerado desses grandes homens,

mais do que a força de sonhar com tal concepção, sem o poder de a criar».

No século XVI literário português, aquele particularmente rico em energia poética que emerge com os pré-renascentistas Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, e fenece afogado no Tejo com Francisco Rodrigues Lobo, há escritores próximos do nosso total desconhecimento que partilham as grandes musas originárias com que Lamartine gostaria de ter comunicado. Refiro-me a Jerónimo Corte-Real (? – †Évora 1588) e a Vasco Mouzinho (Setúbal – †depois de 1628).

Cumprir dizer, de início, que a grandeza destes dois poetas não se limita à prática do poema épico, muito embora tenha sido neste que, à maneira dos Virgílios e dos Miltons, culminaram as suas ambições artísticas. Sabemo-lo porque o gosto seguro de Jorge de Sena observou que o *Auto dos Novíssimos* de Corte-Real só pode provir dum «grande poeta» e porque a pouca crítica já nos permite concluir que alguma da poesia lírica de Mouzinho se encontra num plano autenticamente superior. É preciso dizer-se, de facto, que ser-se um épico maior significa, desde Virgílio, afirmar-se na primeira linha de *toda* a poesia.

Alguém me dirá que a escolha dos maiores épicos portugueses é subjectiva e que, ou os referidos não possuem os méritos que lhes atribuo, ou outros dos 'séculos clássicos' serão tão bons ou melhores. Responder à primeira objecção é tarefa ingrata, como veremos. Mas começando pelo mais fácil, valerá a pena referir, enquanto obras de arte, quatro epopeias de mérito da nossa literatura antiga. O *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas (1699, edição póstuma), sob o ponto de vista da mescla dos modos que Northrop Frye designou de "mimético elevado" e "mimético baixo", na linha duma radicalização, única em português, de certa causticidade de extracção ariostesca (*Orlando Furioso*), é obra por vezes notabilíssima. Por isso, e por uma ou outra cena de alguma força expressiva, o poema é digno de lugar de destaque na história da literatura portuguesa de Seiscentos. Parece-me que o autor da *Malaca Conquistada* (1634 e 1658), Francisco de Sá de Meneses, pela consistência estilística e efabulatória da sua epopeia, bem como pelo livro de

sonetos que julgo seu na Biblioteca Pública de Évora (que Carolina Michaëlis considerou «de bastante merecimento em parte», pensando pertencer ao seu homónimo quinhentista, o autor das belíssimas, mas uma vez mais esquecidas, endechas ao rio Leça), merece nota de alguma distinção. Não será por acaso que Manuel Pires de Almeida, o brilhante crítico eborense do século dezassete, cuja exegese da Proposição de *Os Lusíadas* deveria ser impressa e logo adoptada pelos actuais programas escolares, deu o seu aval, em ante-texto, à *Ulissipo* (1640) de António de Sousa de Macedo. Os sonantes elogios que em tempos obteve a *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro (1636, edição póstuma), bem como o sério trabalho filológico de homens conhecedores como Edward Glaser e J. A. Segurado e Campos, impedem-me de lhe recusar valor poético. Porém, por mais agrado e menos fastio que estes quatro poemas heróicos suscitem, eles não constituem, até prova em contrário, mais do que a consequência de talentos derivados. Nenhum deles transporta em si a seiva fecunda donde brotam os poetas maiores.

Ainda assim, as referidas produções são por norma bem superiores, do ponto de vista estético, a muito do que se possa nomear de épico entre os 'quinhentistas'. A *Elegiada* de Luís Pereira (1588), *O Primeiro Cerco de Diu* de Francisco de Andrada (1589) e *O Condestabre* de Rodrigues Lobo (1610) sobreviverão apenas como curiosidades da história literária. Se merecem aparecer em antologias, é menos pelo seu valor artístico, em regra medíocre, do que por uma ou outra qualidade notável que se encontra rara e pontualmente pelo meio de cada vasta mole. Valerá a pena, na amargurada *Elegiada*, destacar alguns momentos personalizados: num enquadramento bucólico degradado, uma representação feroz da fome e das desigualdades sociais que ela expõe; um aproveitamento alternativo de certa parte da viagem infausta de Sepúlveda que parece repercutir as presenças do Velho do Restelo ou do Rei Tártaro, mas onde Pereira, sob certa perspectiva, vai mais longe do que os seus contemporâneos Camões e Mendes Pinto; um ou outro lampejo de alguma vibração, como quando a perda do próprio pai resulta dum «Novo Reino»

mal edificado, ou quando o autor traça, com expressões lapidares, os últimos momentos da vida de D. Sebastião. No restante, é meramente histórico e filológico o interesse possível do enorme *affresco* de Pereira. O poema de Andrada, se conseguisse muito mais vezes produzir episódios com a frescura quase adolescente dos que aqui transcrevemos, talvez viesse a rivalizar com alguns dos momentos vivos do passeio das divindades mitológicas na poesia renascentista maior. Mas o grosso d' *O Primeiro Cerco de Diu* não difere, em regra, do *Condestabre*: ambos estão competentemente metrificadas e por aí se ficam.

Em vez de aceitarmos estes tempos de desorientação no discernimento crítico, impõe-se cada vez mais separar as águas, distinguir o especial do banal e a excelência da mediania. Neste campo, os esforços do lote de *minores* mais fazem realçar o brilho da arte dos épicos maiores. E de facto, com todas as suas falhas e debilidades, com todas as suas redundâncias, quebras e outros defeitos, Corte-Real e Mouzinho estão entre os melhores dos melhores. Longe da estabilidade medíocre, cada um destes escritores de presença inconfundível, de pensamento vasto e sensibilidade profunda, é igualmente um escritor de superação, de génio e de risco.

*

Mas como pode ser assim, se mal se ouve falar deles? Se quase não lhes encontramos referências, quanto mais estudos críticos? As razões são várias, mas talvez as determinantes se possam reduzir a três.

1. Com felizes mas raras excepções, a história da literatura portuguesa tem sido tradicionalmente feita por críticos que (tão-só) se lêem mal uns aos outros. Devem-se a personalidades estrangeiras, como Bouterwek, Sismondi ou Denis, as primeiras memórias menos mutiladas da poesia portuguesa antiga, seguidas de perto pelas tentativas de Almeida Garrett e doutros. Mas foi sol de pouca dura: a partir da morte dos primeiros românticos, a regra impôs-se. O *Curso Elementar de Literatura Nacional* publicado no Rio de Janeiro em 1862, por exemplo, designava

de «belíssima a imprecação» com que Eudolo termina a narração da batalha de Alcácer-Quibir no *Afonso Africano*, mas considera-a «mal cabida na boca dum muçulmano». Não se deu o redactor conta de que a personagem em causa se havia entretanto convertido ao cristianismo? O mesmo *Curso* afirmava peremptoriamente que a acção do *Afonso Africano* peca «gravemente contra as leis da unidade», enquanto Camões aparece aí como «escrupuloso observador da unidade de acção». Pergunta-se se seria possível a alguém que não se tinha apercebido dum facto tão central na estrutura do poema de Mouzinho como a inversão de marcha (a 'peripécia' dos eruditos) do principal antagonista, se esse leitor poderia debitar juízos sobre a perfeição da unidade narrativa. E pergunta-se também porque se ignorava que a preocupação com a unidade poética é flagrante no trecho do *Afonso Africano* e pouco menos do que impalpável na acção e cronologia geralmente roteirísticas de *Os Lusíadas*...

2. Por motivos históricos compreensíveis (o que não quer dizer aceitáveis), desde muito cedo se instalou em Portugal um forte preconceito contra os autores ditos castelhanizantes. Há rumores do passado que, às vezes, dizem tudo: «Outro vá igual/ ao Corte Real/ que ao Monte Maior/ não hei-de brindar./Se escrevera em Português/ o brindara desta vez». O poeta romântico inglês Robert Southey, que recolhe este dito de algum velho manuscrito, revela assim as antipatias coevas por Jorge de Montemor, o autor dos *Siete libros de la Diana* (1559?), bem semelhantes às queixas claramente suscitadas pela *Vitória de Lepanto* de Corte-Real (1575-78) e, mais tarde, pelo *Triunfo de Filipe III* de Mouzinho (1619). O que sobejaria no poema épico de Camões, o sentimento patriótico que chegava a ser referido como seu principal título de glória, faltaria em absoluto a estes autores. Quando a isto se acrescentava o aparente bem-estar de ambos durante o período filipino, comparado com a apregoada desgraça e morte «com a pátria» do autor d' *Os Lusíadas*, a receita completava-se. Num primeiro momento, a cólera; depois, a condenação ao olvido; finalmente, o silêncio, cobriram de breu a obra e a biografia destes homens.

3. Talvez haja, porém, uma razão mais funda, mais entranhada, que, derivando das duas anteriores, tenha pesado decisivamente sobre a fortuna destes poetas. Se já no *Segundo Cerco de Diu* os portugueses parecem estar sempre à beira de provocar o ódio e de cair em guerras intestinas, de tal maneira que D. Sebastião é exaltado como chegada adventícia «no meio das discórdias esperadas» (Canto XXI), os demais poemas de Corte-Real e de Mouzinho, de certo modo em contraste com a ilusão de unidade e integridade da História lusa tal como *Os Lusíadas* a refiguram, representam Portugal como uma nação caracterizada pela depressão, pela discórdia civil e pela morte, donde ressaltam as exceções heróicas que confirmam a regra. O *Naufrágio e Perdição*, primeiro, o *Santa Isabel Rainha de Portugal* e até o *Afonso Africano*, depois, não somente focam um Portugal constitutivamente derrotado, mas um Portugal derrotado por si mesmo, que esses poemas tentam reerguer em bases de virtude e sanidade mental.

A partir de todo este contexto pode observar-se como Camões e *Os Lusíadas* foram supremamente canonizados também por irradiarem a luz que torna invisível o que não quer ver-se. De facto, é devido a uma narrativa única e unívoca da nacionalidade, essa fábula infantilizante com que (ainda) varamos a educação dos nossos conterrâneos, que Camões ocupa o centro e as margens da memória literária portuguesa. Diga o que disser Eugénio de Andrade em prefácio a uma colectânea recente, na exaltação dos sonetos de Camões, por mais que se procure fugir à hipertrofia lusocêntrica que *Os Lusíadas* estimularam ao longo da História, tem lugar o nacionalismo de quem se vê e revê na imagem do poeta, euforicamente heróica sempre, mesmo quando (como a retrata Jorge de Sena) paradoxalmente imaginada a defecar «a merda lá na sombra». Repare-se: não está em causa o elevadíssimo valor artís-

tico desses sonetos ou, com melhor justiça, de alguns deles. Está em causa, sim, o facto de não ser possível dirimirmo-nos, na sua apreciação, daquilo que, por razões alheias à apreciação crítica da arte, se nos impôs até às vísceras.¹ Basta ver como ainda m(ai)usculamos “o Épico” e “o Poeta”; basta ver como, desde muito cedo, fomos atribuindo a Camões obras que, ainda hoje, só atribuímos a outros poetas quando as provas nesse sentido são insofismáveis (isto é, quase nunca); basta ver como desconhecemos a *grandeza própria* da lírica de Diogo Bernardes, Manuel de Portugal e do nosso Vasco Mouzinho, ao ponto de lhes desconfiarmos a autoria, ou de os deslocarmos para enriquecer o espólio camoniano, ou de os compararmos desfavoravelmente a Camões (com comentários, em regra, falaciosos) ou, finalmente, de os transformarmos na poeira esvaecente do esquecimento. Enfim, basta ver como não reconhecemos a *diferença* na prática escritural destes poetas, porque não nos é já possível ver as estrelas depois de tanto olhar para o Sol. É que o brilho do Sol nos parece superior apenas porque nos ficámos pela Terra, e nem todos dedicamos o tempo e a energia necessários para a preparação duma viagem interestelar.

Não restam dúvidas acerca da imensa qualidade e força retórico-poéticas de tantos versos de *Os Lusíadas*, jóias da língua e da memória; de alguns episódios, como a entrevista entre Vénus e Júpiter, a despedida de Belém mais a fala do fantasmagórico velho, o gigante do Cabo com a pequena narrativa enxertada do seu amor e destino, algumas sentenças e apóstrofes na primeira pessoa, bem como as estupendas descrições da «ilha namorada» e da «máquina do mundo»; ou quase todo o Canto Sexto, em meu entender, o melhor do poema. Não deixará de observar-se, também, a fabulosa capacidade de equilibrar, numa estrutura bastante compacta e com um vibrante ritmo narrativo, as desvairadas e alucinantes exigências do género, para as incorporar numa formidanda *Ideia* global.

Mas dizer tudo isto não é dizer que *Os Lusíadas* se elevam incomparavelmente acima de outros poemas, ou até (a quanto se alcandora a arrogância!) que se elevam a espécimen cumeeiro

¹ Quando isto escrevi, ainda Eugénio de Andrade não havia sido contemplado com o Prémio Camões 2001. A atribuição, porém, bem como as declarações do poeta aos *mass media* sobre a própria designação do prémio, parecem talvez ampliar, com alguma não premeditada ironia, a pertinência deste meu comentário.

e único da literatura ocidental. Por um lado, algumas fraquezas da obra são importantes ao ponto de representarem inêxitos concludentes. Não falo tanto da monótona fidelidade histórica na crónica de reinados e feitos militares, pois essa era característica comum a todos os épicos coevos da Península. Nem falo sequer do reconhecimento das deusas gregas pelas personagens cristãs no Canto Nono, pois as palavras de Voltaire a este respeito pairam ainda como assombramentos sobre aquela ilha de todas as conciliações. Lembro antes a articulação desajeitada (como já assinalou Fernando Gil) entre fundação e viagem, aliás amplificada a partir de idêntica falha nas *Décadas* de João de Barros. Lembro o exagero de erudição superficial e despropositada em tantas comparações, dir-se-ia que para compensar uma sensação íntima de inferioridade académica. Lembro o martelar a tecla do orgulho pátrio (como já notara René Rapin no século XVII, tão maldito pelos “camonistas” fanáticos quanto erudito em matéria de poética), orgulho «ignóbil» em poesia, segundo o apuradíssimo senso artístico de Fernando Pessoa («reporto-me às palavras sublimes de Goethe quando falou de quão pouco o sentimento patriótico sobe até às paragens de ar puro e raro onde vivem os Superiores», justificou o autor de *Chuva Oblíqua*). E lembro ainda as passagens artisticamente indigestas sobre as acções de Vasco da Gama e outros heróis na Índia; o «mau gosto da fala de Inês a el-rei» (palavras de Almeida Garrett na *Memória ao Conservatório*); os trocadilhos pueris nas oitavas de Leonardo...

••

Claro que a primeira epopeia de Corte-Real, concebida e apresentada a D. Sebastião antes de *Os Lusíadas*, fica a perder, de longe, perante a luz emitida pelos deuses das oitavas de Camões, deuses que Corte-Real, um pouco à maneira do ibérico Lucano, não quis fazer participar na sua penosa orgia de sangue, suor e bombardadas, em versos esventrados da doçura da rima. Mas se o esplendor cantante de *Os Lusíadas* ofusca a mole maciça e áspera do *Segundo Cerco de Diu*, onde encontraríamos naquele poema vinhetas

alternativas às que seleccionamos neste? Onde encontraríamos a denúncia quase palpável do medo? Onde a representação, estética mas não paliativa, da extrema violência? Onde a delicada singeleza das palavras nuas da liberdade e do amor? E onde em Baco, ou mesmo no Turno da *Eneida*, teremos motivos para a ira épica com a força e a legitimidade morais de Mamude e doutros sultões do Indostão?

Muito embora, por estas e outras razões, valha a pena atentar nas qualidades do primeiro poema verdadeiramente epopeico da história literária portuguesa, a obra-prima de Corte-Real é de facto o *Naufrágio e Perdição* dos Sepúlvedas (impresso já póstumo em 1594), o primeiro grande poema português a editar-se depois de *Os Lusíadas* (se excluirmos a versão menos acabada da *Castro* de António Ferreira, de 1587). Para nossa infelicidade, publicou-se certamente sem as revisões finais, com opções editoriais substituindo-se às autorais (a começar pela extensão do título) e provavelmente mutilado pela censura de Fr. Bartolomeu Ferreira (deverá existir, por exemplo, um corte impio na fala religiosa de Sepúlveda no Canto Oitavo). Não obstante estas imperfeições de circunstância, trata-se de um texto tanto mais admirável quanto consegue ser fundamentalmente novo e atingir alturas também novas de expressão, na consciência do desafio lançado aos vindouros por Camões.

Pois que mais extraordinária réplica aos discursos chorosos de Vénus a Júpiter e de Baco aos deuses do mar em Camões, do que a única entrevista de Anfitriote com Éolo em Corte-Real? O Amor transformado em Ciúme, o Despeito e a Inveja (*phthonos* grega de tão trágicas consequências), todavia mesclada com a ironia dumas lágrimas de crocodilo...

Dir-me-ão que os referidos episódios de *Os Lusíadas* são esteticamente superiores, para além do mais porque se encontram integrados numa bem articulada ‘comédia dos deuses’ (como dizia António José Saraiva), enquanto as divindades daquela cena do *Naufrágio* surgem como por encanto, sem nexos narrativo ou simbólico com o resto do poema. No entanto, uma ‘comédia dos deuses’ existe mesmo na epopeia de Corte-Real, embora seja de natureza muito diversa da que

Camões imitou quase sempre da *Eneida*. Neste *Naufrágio* em que Lucrécio e os poetas-pastores se juntam, na macroestrutura de imitação, ao Virgílio épico, o irracional, salvaguardando os dogmas da religião cristã, personifica-se num desfile de divindades renascidas da cultura helénica.

Anfitrite é uma face da tríade Amor-Vingança-Morte, axial no poema, que tem origem simultaneamente no triângulo Leonor-Falcão-Manuel e, ao nível dos deuses, na longa e soberba alegoria do Amor requestado por Sepúlveda, viajando até à ilha da Vingança e dando morte a Luís Falcão. Esta tripartição do universo do poema, sob a jurisdição dum Amor contrário a si mesmo (Eros-Ânteros), confirma-se nos deuses da Água (Anfitrite incluída), da Terra (como Pã) e nos espíritos do Ar (Éolo...) que envolvem e oprimem toda a narrativa da acção e da perdição dos protagonistas. Se, como alguma crítica lúcida tem observado, as personagens da viagem d'Os *Lusíadas* carecem de capacidade de decisão, agindo quase tão-só como joguetes dos deuses, Corte-Real "corrige-as" da forma mais assombrosa, mostrando que os homens dependentes de deuses não podem senão agir mal, que os deuses constituem um produto da falsa consciência humana e que, finalmente, esses mesmos homens incorrem, idólatras que são, no castigo do Deus abscondido mas justo.

Dir-me-ão agora que, ainda que tudo isto seja admissível, Corte-Real não retirou do emprego do maravilhoso as belezas que encontramos n'Os *Lusíadas*. Há-de concordar-se em parte: o *Naufrágio e Perdição* não produz as mesmas belezas pagãs da epopeia camonianiana, nem sequer em aproximações voluntárias, como a fala de Anfitrite há pouco mencionada. Produz porém outras, que por vezes clamam alto pelo seu valor único. Veja-se a graça meiga com que as Graças sussurram melodias junto ao berço, ou a maneira como o poema joga com a possibilidade do contacto físico entre uma mulher e um deus (Leonor e Pã), ou ainda como, imitando episódios bem conhecidos da *Eneida*, dá força originária às cenas do «pressago canto» do rio e da aparição do fantasma, a um Sepúlveda atormentado pelos seus mesmos pensamentos.

O ambiente marítimo é exemplo de como Corte-Real pode conjugar os movimentos da natureza com o maravilhoso mitológico. A expressão literária do mar e dos ventos rivaliza com a dos Cantos Quinto e Sexto d'Os *Lusíadas* em pertinência, sofisticação e beleza, mas até aqueles críticos que reconhecem a qualidade da tempestade do *Naufrágio* (a meu modesto juízo, poeticamente superior àquela sofrida pelo Gama camoniano) a apodam de excessivamente longa. Todavia, como poderia ela ter a extensão dos versos de Camões ou Virgílio sobre o mesmo assunto, se a ideia de naufrágio está no cerne mesmo do poema? Veja-se a batalha de Alcácer-Quibir, até ela descrita como um naufrágio...

Quem quiser ainda procurar paralelos com Camões, poderá encontrar recriações extraordinárias de Vénus — claramente a figura da epopeia coeva que Corte-Real mais desejou — nos dois ou três retratos de Leonor, onde «as roçagantes roupas» (expressão, por acaso não de Corte-Real, mas de Mouzinho) se contrapõem ao coleante velame da deusa do amor, mas onde o traço carnal, tão diferente, refulge com uma energia erótica comparável. O triunfo de composição artística que é a entrevista, feita tanto de silêncios e gestos como de palavras, entre Leonor e Garcia de Sá, parece uma lição de contensão dramática, mas pode ser vista igualmente como uma esplêndida "correção" dos afectos de Vénus n'Os *Lusíadas* (pense-se em especial no Canto Segundo, estrofe 41.^a, da epopeia de Camões).

A força poética do *Naufrágio e Perdição* existe também, é claro, sem equivalentes camonianos. O nascimento de Leonor, nascimento primaveril desta narrativa das estações e dos climas, é peça de antologia sem igual, mas porque não compará-la com o parto, os espectros e as fadas da *Comédia de Rubena* de Gil Vicente? A cena de combate com Diogo Vaz Dourado e António de Sampaio, herdeira de Homero, impressiona pelo modo como torna quase palpável a dor física e a morte pelas armas. E já que falamos de mortes, veja-se a do filho de Manuel de Sousa Sepúlveda, o mesmo filho que regressa perto do fim para a comovente visão fantasmática do pai. Veja-se (ou melhor, pressinta-se...) a morte da filha de Jefté (*Jepte* na ortografia da primeira edição) e com-

pare-se com o relato do Antigo Testamento (*Juízes* 11: 29 e segs.). E veja-se, sobretudo, a morte de Leonor, sobre a qual houve quem escrevesse: «duvido que em alguma Tragédia se encontre uma Cena em que o terror e a compaixão esteja levada a este auge!» (Costa e Silva).

Por entre tais nichos de verdadeira arte, por entre *la beauté infinie des détails* (Denis), vão-se-nos abrindo os olhos, devagar, para a nublada engrenagem que se condensa no poema, um pluriforme e delirante maravilhoso, resumido em versos talvez menos sonoros do que os da «máquina do mundo» de *Os Lusíadas*, mas com uma beleza explicativa de estremecer:

Sabe, senhor, que as formas incorpóreas,
Caducas, vãs, aéreas e sulfúreas [*dos céus e dos infernos*]

Que de noite aparecem com sembrantes
Horrendos, e espantosas, tristes sombras,
Comummente se julga serem almas
Que, divinos sufrágios pretendendo, [*ofícios religiosos em seu benefício*]

À mortal vida tornam. Mas é falso,
[...]

Que as funestas visões, que em várias partes
Se mostram na sombria e muda noite,
Obras ocultas são da natureza,
Segredos seus que a poucos comunica.
E quando algum mortal acaba o termo
Que da potente mão foi limitado, [*a vida, delimitada por Deus*]

Quando já desfaz co'a triste morte
A humana e admirável compostura,
A natureza mãe e sábia experta
Da criação que fez neste, saudosa,
O filho, que acha menos [*que falta*], forma e

De exalações terrestres e vapores.
Com átomos, com pó sutil ligados,
Ûa forma incorpórea deles cria
Que aqui e ali se move; dá-lhe o effecto
Disposto e acomodado ao seu intento
E, já restituído, já formado
Desta leve matéria, o leva e guia
Ao seu desejo antigo.

A concepção duma Natureza desejan-te, ligada aos seres que gerou ou imaginou pelo poder terri-velmente contraditório do amor, enforma a grande máquina cósmica do livro póstumo de Corte-Real. Mas para compreender a *Ideia* formidanda do *Naufrágio e Perdição*, a sua simbologia de névoa e paixão, não basta uma antologia, basta tão-somente o poema inteiro.

Contrariamente ao que hoje poderá parecer, a obra de Corte-Real foi conhecida e louvada fora da época em que foi escrita. Na Espanha seiscentista houve escritores de nomeada para quem ela se nivelava pelas epopeias de Homero e Virgílio. Entre os críticos francófonos do primeiro Romantismo houve quem lhe exaltasse a sublimidade e o gênio, colocando o poeta a par de Camões e Tasso. E nunca se terá reparado como o *Naufrágio e Perdição* antecipa em quase um século vários aspectos fundamentais daquele que é geralmente considerado o melhor poema não dramático da língua inglesa. Tal como o *Paraíso Perdido* de Milton, o *Naufrágio e Perdição* é, em sentido profundo, um poema sobre a condição humana em que os protagonistas não passam de um frágil casal. Tal como no poema inglês, Corte-Real concebe um herói assumidamente culpado que, conquanto queira afastar dos seus filhos o castigo divino, sabe que não pode senão arrastá-los consigo para a perdição. Em comum ambos têm viagens no espaço, espíritos etéreos, quadros vastos de ciência natural, conteúdos teológicos, verberações e sátiras extensas da devoção falsa ou errónea, dois Cantos consecutivos de relato histórico, e epílogos comparativamente infelizes, sendo estes a causa ou o resultado da preferência partilhada por títulos assentes em cognatos de 'perder'. Até o verso sem rima une os dois épicos, e bem pode ser que o autor londrino tivesse pensado em Corte-Real quando, em nota preambular ao *Paraíso Perdido*, refere poetas "espanhóis" celebrados que escreveram, antes dele, em decassílabos brancos.

Também neste recanto do Ocidente europeu assimilou-se bastante da lição poética de Corte-Real. Parece indesmentível algum influxo sobre os demais poetas épicos portugueses do século XVI, ao ponto de se ter escrito que eles «se filiam mais depressa na obra *pendant* de Corte-Real do

que na de Camões» (Gilberto Moura). Mas se esta hipótese vai carecendo de estudos comprovativos, o maior dos sucessores imediatos dos dois grandes épicos portugueses, Vasco Mouzinho, não pode senão ter tido o *Naufrágio e Perdição* defronte dos olhos quando, no *Afonso Africano* (1611), elaborou o historial dos feitos portugueses em África nos Cantos Décimo e Décimo-Primeiro; quando organizou a sequência que vai da contemplação das estrelas, em elegantíssimo catálogo, passando pelos prognósticos do piloto e desembocando numa tempestade; ou ainda quando, em passagem aqui escolhida, pai e filha se encontram, em diálogo sobre casamento e morte. Tudo isto recuperando cadências de Camões e, ao mesmo tempo, exacerbando a energia compositiva no sentido do aperfeiçoamento das concepções dos seus dois ilustres predecessores-poetas.

Assim, entre o mundo de cristal que domina *Os Lusíadas*, um mundo em que as emoções são preteridas em favor da perfeição objectal, e o mundo sentimental do *Naufrágio e Perdição*, onde os seres humanos nascem, amam, têm filhos, choram e morrem, Mouzinho procura o equilíbrio que afine, quer a implacável perfeição heróica de Afonso, quer a sensibilidade da vivência interior de Zafira. E se o consegue na eloquência da réplica medonha do rei a Omar, no discurso da mulher moura junto ao marido moribundo, Mouzinho atinge uma intensidade de reflexão sobre a intimidade, muito difícil de conseguir, quanto mais de sustentar, debitando das mais finas e memoráveis palavras da história do verso português.

Foi no *Santa Isabel Rainha de Portugal* (publicado, com *Várias Rimas*, em 1596) que o poeta setubalense deu os primeiros passos no género épico. O que incomoda nesta estreia não é o facto de ser estruturalmente desequilibrada, como alguma crítica tem assinalado. O que incomoda é o facto de o ser voluntariamente. Com efeito, o poema exhibe (e o prólogo ao duque de Aveiro confirma-o) o carácter fortemente experimental no tema e na disposição, ao ponto de se realizar com base no vocábulo e conceito de *corte*, corte duma tela poética, que

pode ir da cesura à mutilação; *corte* que tem por base referencial a realidade exterior pós-sebástica tornada interior ao sujeito. O texto, tão radical sob este aspecto, foi de tal maneira apagado da “memória nacional” que, com muita probabilidade, será aqui a primeira vez, em mais de quatro séculos, que trechos dele se reimprimem. De notar, para já, o eloquente discurso de Isabel sobre a terra (mais do que pátria) mãe, bem como o requinte plástico do conceitismo especial (ia dizer: original) do autor.

Mas se a poética de Mouzinho na primeira fase (a do *Santa Isabel* e das *Rimas*) se cinde entre a técnica da alegoria emblemática e aquilo que Maria Vitalina Leal de Matos designa de discurso sinuoso da subjectividade, o *Afonso Africano* realiza a desejada conjugação superadora da clivagem entre essas duas modalidades da escrita artística. Sob uma alegoria universal (na verdade, a primeira em língua portuguesa) que tantas posições de desagrado suscitou na crítica romântica e pós-romântica, desfiar-se as fimbrias, agora no plano externo da terceira pessoa epopeica, da subjectividade inconformada. Assim, se não faz hoje sentido desprezar a Alegoria em prosa da *Jerusalém Libertada* (a matriz daquela que Mouzinho elaborou para o *Afonso Africano*), uma vez que alguns estudiosos têm demonstrado a centralidade e seriedade do pensamento de Tasso a seu respeito, existe já um espaço mental que permitirá aos leitores repensar as intenções simbólicas do poema português tal como os textos prefaciais as revelam. Não é por acaso que o escritor setubalense afirma a existência de «alegoria (...) no intento da fábula, como nos mais episódios» e a enlaça com «mostrar tanto ao vivo os afeitos da humana natureza» (“Prólogo ao Leitor”). Não é por acaso que ele expõe apenas o esqueleto, ou seja, a «Alegoria do Poema segundo a Fábula», deixando à perspicácia do leitor a carne e a linfa com que o poema por inteiro, «fábula» e «episódios», se pode fazer análogo à recreação do ser humano universal, o «Varão» feito de razão e imaginação, mente e sentimento, que empreende o grande combate «*contra si mesmo*, trabalhando render e avassalar a

Cidade de sua alma» (ênfase minha). E tal concepção não é senão o desenvolvimento e aperfeiçoamento narrativos daquilo que, afinal, regia já a substância da admirável lírica de Mouzinho:

Fujo de mim, quando me não precató,
Sem querer, outra vez me acho comigo.
Tenho-me por suspeito e inimigo,
E comigo perpétua guerra trato.

Entrando em mim, destruo, prendo e mato.
Mas eu, quando me vejo em tal perigo,
Contra mim me levanto e me persigo
A ferro e sangue, sem querer contrato.

Por mim tenho os sentidos que me acodem.
A razão co' a vontade e co' a memória
Sustentam contra mim outro partido.

Ai civil guerra sem despojo e glória,
Onde os que podem mais contra si podem,
Onde o que é vencedor fica vencido!

A epopeia de Mouzinho reescreve a globalidade da História lusa e a sua relação identitária com a nacionalidade de modo a integrá-las nesta grande *Ideia* superestruturante. Episódios como a libertação de prisioneiros, com alusão à guerra civil que teve em Alfarrobeira o seu símbolo mais depressivo, justifica-se na economia dum poema que procura recolar os pedaços em que se repartiu a vida portuguesa, desde a mancha do reinado de D. Afonso V, até à rota de Alcácer-Quibir e às cortes estilhaçadas pelas aldeias. Assim, a luta do Ser contra o «inimigo humano» assume um significado de expiação colectiva que, dotado dum entrosamento das acções bem mais complexo e artístico do que alguma vez fora possível nas epopeias de Camões e Corte-Real, se espelha na articulação da saga nacional com o que seja universal na vida psíquica.

Não nos leve isto a pensar, contudo, que o *Afonso Africano* concebe a vida interior apenas como correlato da vida política da nação. Uma das mais fascinantes características do poema é o libertar-se de certos constrangimentos de ordem contra-reformística e nacionalista através da

invenção de Outros, personagens muçulmanas ficcionalmente vivas. Se bem que a legitimação obtida pela fantasia romanesca às mãos de Tasso permitisse o aparecimento, na epopeia, de princesas africanas ou orientais sentimentalmente envolvidas na narração, e se bem que, no campo mais restrito da literatura portuguesa, uma *Menina e Moça* enriquecesse o feminino já sensível nas velhas cantigas de amigo, a presença de uma Zara, articulada como está num entrecho traduzido em termos de complexidade interior, possui um não-sei-quê de inteiro, junção de sonho e veias, que aproxima e completa uma mulher perante o leitor. Essa presença viva da outridade alivia de centralismo a narração da identidade nacional, ao ponto de obrigar à questionação dos padrões que lhe servem de suporte. A história em torno de Ali é um dos vários símbolos da força centrífuga que o poema acciona, soltando as energias da alma à revelia das mais fortes cadeias ou repressões: impulsos de cólera, recalçamento do amor paterno, abandonadas mostras de insegurança e paixão, alegria e desespero, enfim, a «nota humana da comoção» (Hernâni Cidade) que sobressai no *Afonso Africano*. Como o soneto citado já mostrava, todas as tentativas de «render e avassalar» a alma acabam por não resultar completamente, ficando assim o poema como único real vencedor desse combate.

A oitava italiana adquire aqui uma maleabilidade tal que, se em muitos momentos ela serve para alongar, majestosa, a máquina ético-emocional que a alegoria passo a passo constrói, noutros deseja dar a rápida, porque intensa, sensação do instante irrepetível. A velocidade e movimento excepcionais na revista dos cavaleiros de Alcácer-Quibir faz com que aqui se encontrem alguns trechos do melhor que a arte da poesia tem para oferecer, como a última cavalgada de D. Fernando Mascarenhas e o encontro final de João Carvalho com seu filho. Neste último passo, também se «publica/afeitos grandes que alma em si conhece», quer dizer, expõe-se o subjectivo no objectivo, a impressão no gesto, o ser-em-si na pessoa do outro, os meandros da alma na forma da alegoria.

Em tudo isto, Mouzinho não tem verdadeiro semelhante em língua portuguesa. Historiadores literários quiseram incluí-lo na chamada “escola espanhola”, se é que ela alguma vez existiu. A posição de fundamental excentricidade perante os muitos poetas que produzem em Espanha a melhor lírica europeia de Seiscentos, bem como a verificação do facto de que a arte de Mouzinho vem na linha duma história da poesia portuguesa ainda por giz, desencorajam tal classificação. Apenas a nível comparatista se poderá afirmar que uma vária e profunda erudição, uma lírica da mais penetrante indagação acerca do ser e do tempo, uma narrativa em que a precisão na concatenação das partes não impede a fertilidade imagética e o virtuosismo metafórico, obrigarão a ter Mouzinho em conta de poeta mais completo e importante do que a generalidade dos grandes poetas secundários da literatura filipina em castelhano.

Tanto Corte-Real como Mouzinho têm muito a ensinar nos campos da versificação e do estilo.

O primeiro oferece, sob certo ponto de vista, as dificuldades maiores à adesão do leitor “romântico” actual, tantas vezes o seu verso não parece senão, como escreveu Aubrey Bell, «excelente prosa». Não podemos esquecer-nos, porém, de que o verso é, acima de tudo, *ritmo*, e que certamente um dos objectivos de Corte-Real ao empregar o decassílabo branco sem distribuição estrófica foi *libertar* esse ritmo, não somente da rima final, mas particularmente da regularidade equânime da oitava-rima. O poeta consegue, assim, uma multiplicidade de geometrias e uma soltura de efeitos que dependem de algum treino dos olhos e (principalmente) dos ouvidos.

O ritmo do verso branco permite o emprego riquíssimo de repetições de vários tipos (anáforas, antanáclases etc.), das mais próximas às de mais largo espectro. A extensão dos processos de encavalamento amplifica a grandiosidade épica do estilo (como Milton bem sabia) e incorpora alofonias, aliteraões e até onomatopeias, de forma a criar efeitos de justaposição de constelações ou mesmo de vórtices fono-semânticos,

como nas passagens seleccionadas do Canto Décimo do *Segundo Cerco de Diu*. O emprego generalizado do plural de verbos e substantivos acentua estes efeitos de justaposição aliterativa e turbilhão sémico. A frequente acumulação de epítetos, prática pela qual o poeta foi censurado, obedece à mesma lógica amplificatória. E se Corte-Real é capaz de escrever «os acesos ardores do molesto, / intolerável, duro, seco Estio», será bom lembrar que Ronsard não se coibiu de redigir, nos seus canónicos *Sonnets pour Hélène* (1578), versos como «Ô douce, belle, vive, angélique sereine».

Entretanto, admiramos em Corte-Real o experimentalismo na acentuação e sonoridade do verso, quando quer exprimir o movimento, o peso, o espaço, a pungência emotiva. «A errónea interpretação da fórmula horaciana ‘ut pictura poesis’, contribuía para este esforço de transportar para a poesia a expressão pictórica e sensorial do mundo externo» (Vitor Aguiar e Silva). Mas se se tem observado como Camões compõe com sons e ritmos a realidade exterior, dificilmente nele e noutros poetas coevos encontraremos exemplos tão incisivos e arrojados como os seguintes, todos do *Naufrágio e Perdição*:

Contrário e ao revés do que soía

Lastimada e doída do impio caso

Negras, a prodigiosa ave voava

Para compreender o requinte destas sonoridades alusivas, é preciso entender que o poeta joga aqui com o decassílabo chamado heróico, isto é, com a máxima incidência da acentuação na 6.^a e na 10.^a sílabas, alterando a extensão das próprias sílabas conforme o efeito pretendido. Assim, no primeiro exemplo, temos a rápida sucessão das sílabas |trá|riole aol| com remate em |solíl|. A repetição semântica (“contrário” e “ao revés”) é imitada pelos encontros vocálicos extremados. Situação semelhante, sob este ponto de vista, acontece com o segundo e terceiro exemplos, embora para fins completamente diversos: um, enquanto mimagem de desesperados gritos inte-

riores; outro, para completar uma descrição da noite com o voejar do morcego.

Por diferentes procedimentos, o mesmo fim é procurado em

Nos ares soa o vivo
Apito e a pesad' âncora levam
ou num verso como

Em roda larga o mar abre, batendo
ou ainda, com uso discreto de aliteraões,

Justa no corpo até a cintura e dela
Afastando-se, em roda a terra toca.

No primeiro caso, ouçam-se os *ii* logo seguidos duma 6.^a sílaba acentuada que, sem deixar de o ser, cede o passo à 7.^a, ao peso e à cheia nasalção. No segundo, observe-se como o poeta força a abertura das vogais na 4.^a e na 7.^a sílabas, colaborando com a inevitável 6.^a. No último, a finura é ainda maior, na tensão das sinalefas e elisões, na articulação semântica do encavalgamento, nas consonâncias. Tudo para que sobressaia, enérgica, a corporalidade plástica de cada imagem e momento.

Por comparação com outras práticas, particularmente a arcádica e a romântica, Corte-Real produz efeitos que hoje nos surpreendem pela aparente modernidade. É o caso de decassílabos quase surrealistas como

Qualquer boi, qualquer vaca e tem por certo,
ou o timbre notável de

Os célembros sangrentos sobre os ombros.

Por outro lado, evitam-se os efeitos do trocadilho e doutros jogos de agudeza que distraiam barroquisticamente da nobreza sóbria da linguagem, da procura sistemática dum "estilo natural". Corte-Real, embora seja um versificador muito mais expansivo e menos duro do que um Sá de Miranda ou um António Ferreira, é ainda, linguisticamente falando, o mais austero dos antigos poetas portugueses. Comparar a sua escrita à estilística arquitectónica que teve contemporanea-

mente em Évora a sua capital, o chamado 'estilo chão', talvez seja, por isso, um exercício não de todo improficuo.

Se a dificuldade em apreciar Corte-Real hoje deriva da forma como o autor esconde a sua grandíssima erudição poética sob uma maneira aparentemente prosaica, com a obra de Mouzinho as dificuldades do leitor serão, de certo modo, as inversas. A linguagem do poeta, diz ele, «há-de ser peregrina», o que equivale a solicitar a maior distância possível em relação à prosa corrente. Por isso, os aspectos preferidos da prática versificatória de Mouzinho tendem a ser outros, e não apenas porque o escritor de Setúbal se serve sempre da rima.

É certo que se não escusa a jogos aliterativo-miméticos, como o seguinte, em que o nome dum cavaleiro assente em fricativas palatais se impõe primeiro e se vem a dissolver depois na multidão dos inimigos:

É tempo já que alongue a vista e veja
O destorso cruel que deixa feito,
E quanto há-de fazer, antes que seja
D. Jorge à temerosa lei sujeito;
Larga passage a seu pesar despeja
Daqueles que lhe põem contrário o peito,
E como a multidão que crece admira,
Com resguardo e cautela se retira.

Mas as preferências de Mouzinho residem antes na argúcia duma sintaxe e dum conceitismo que parecem constituir uma radicalização pessoal de processos para os quais tendia a poesia europeia em geral, à medida que o virar do século literário se consolidava. Comparativamente aos poetas de gerações anteriores, observa-se uma maior exigência no refinar das construções sintácticas, na pregnância semântica dos jogos de palavras, enfim, naquilo que se poderia confundir com cerebralismo, não estivesse o autor tão preocupado em segurar pela linguagem o tecido subtil do sentimento humano. Os exemplos são constantes, e poderão ser apreciados livremente nos excertos poéticos escolhidos.

* * * *

Camões tornou suficientemente claro que queria ser o Virgílio da sua pátria, imitando-lhe o *cursus*, a carreira ou percurso profissional, começado nas éclogas e culminado na epopeia:

Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado
Um estilo grandiloco e corrente.

Mas Virgílio não lhe foi suficiente. Camões quis monopolizar *todos* os 'cursos' disponíveis: o cortesanesco (glosas, vilancetes), o petrarquista (sonetos e canções em cancionero 'autobiográfico'), o ovidiano (elegias amorosas e elegias do exílio) e até o do canto 'ao divino'. A Musa de Camões vale para todos os géneros poéticos e em todos pretende triunfar, derrubando os maiores autores:

Em vós tenho Helicon, tenho Pegasus;
Em vós tenho Calíope, em vós Talia,
E as outras sete irmãs do fero Marte;
Em vós perde Minerva sua valia,
Em vós estão os sonos de Parnaso,
Das Piérides em vós se encerra a arte
[...]
Podeis fazer que creça de hora em hora
O nome lusitano, e faça enveja
A Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer também que o mundo veja
Soar na rude frauta o que a sonora
Cítara mantuana só merece
[...]
Pois o mesmo Virgílio a vós se rende.

Esta ambição egolátrica foi superior à capacidade do poeta: nunca seria pelos amores cortesanescos que se lhe reconheceria universalidade, o cancionero supra-petrarquista não se completou, os percursos virgiliano, ovidiano e devocional ficaram muito imperfeitos, com o calendário mal esboçado das éclogas, a fragmentação das elegias e a inferioridade da lírica religiosa. Porém, como escreve Ignacio Navarrete, «é assombroso ver até que ponto os poetas renascentistas (...) triunfaram na intenção de se incluírem a si mesmos no cânone, pois o que pensamos deles hoje em dia é o que eles queriam que pensássemos».

E Camões quis fazer de si mesmo o porta-voz único da poesia lusa, um personagem gigantesca-mente genial, torturado pela Fortuna mas maior do que ela, um herói sempre, na sorte e na desgraça. Por isso ocupou praticamente todo o espaço do cânone português, dentro e para além do Renascimento, afirmando-se superior a Homero, Virgílio, Dante, Petrarca, Ariosto, Garcilaso e... de quem quer que viesse, como que obrigando o público a afunilar nele todos os sentidos.

Através da história da recepção e da crítica literárias em Portugal não se assistiu senão a este fenómeno concentracionário, diminuindo ou apagando as práticas, os estilos e as linguagens distintas de mestres mais ou menos coevos. Os modernos portugueses, inclusive, não foram como a Geração de '27 espanhola nem como os Modernistas ingleses quando produziram novas visões dos respectivos cânones nacionais e apadrinharam as obras de Gôngora e Donne. Até as vanguardas foram nisto passadistas: o saudosismo de Pascoaes e o sensacionismo de Pessoa exploram, mas não põem em causa, o 'génio da raça' e a monomania camoniana. E, no entanto, poderiam ter encontrado na epopeia póstuma de Corte-Real a mais grandiosa e sapientemente espectral das poéticas da saudade, e na obra de Mouzinho, lírica e épica, a mais sofisticada e penetrante das metafísicas do sentir humano. Claro que a recuperação destas obras pressupunha a reapreciação crítica de certas técnicas de expressão, particularmente da alegoria enquanto processo de construção arquitectónica, e a aquisição duma cultura literária que estava nos antípodas da sensibilidade romântica que, apesar de tudo, predominava (e predomina?) ainda. O desafio colocado à centralidade camoniana pela prática alternativa de outros grandes poetas foi assim, pouco surpreendentemente, diminuído em extremo ou apagado de todo ao longo de quatrocentos anos.

Oxalá possa acender-se agora para quem o quiser viver.

A N T O L O G I A
D E
T E X T O S
L I T E R Á R I O S

Sucesso do Segundo Cerco de Diu

de JERÓNIMO CORTE-REAL *

Canto I: sonho de Mamude, jovem sultão de Cambaia.

Canto II: carta de Mamude aos senhores das cidades portuárias indianas.

Canto X: durante o cerco de Diu, D. Francisco de Almeida e os seus homens, depois auxiliados por um grupo liderado pelo capitão-mor da fortaleza D. João de Mascarenhas, defendem o baluarte S. Tomé dum ataque pela infantaria de Mamude.

Canto XV: os soldados de D. Manuel de Lima, seguindo as ordens do governador D. João de Castro, esquadram tripulações de barcos que levavam mantimentos ao exército de Mamude.

Canto XVI: mulheres da costa do Malabar dizem do medo que sentem dos portugueses; destruição de Ançote pelos homens de D. Manuel de Lima.

Canto XIX: a morte de animais domésticos às mãos dos soldados de D. Manuel de Lima.

Canto XX: durante o sonho de D. João de Castro, o velho Merecimento mostra-lhe duas pinturas de feitos históricos no Norte de África.

Canto Primeiro

[...]

Estava o mundo todo envolto em sombra,
De luzentes estrelas o céu cheio;
Em grave e doce sono transportados
Os trabalhados corpos dos que vivem;
As feras, nas montanhas e desertos,
Em profundo silêncio descansavam;
Não repousa Mamude; desvelado
Está, que nunca os olhos sono admitem,
Mas um cuidado a outro encontra e fere,
Crecendo por momentos a milhares;
Revolve na torvada fantasia
Um grão tropel d'acordos diferentes;
Parece-lhe já ver, bem sucedidos,
Os casos que inda não vê começados:
Um pensamento vão, ãa esperança
De natural soberba acompanhada,
Já deste incerto bem o certificam.
Estando assi consigo vacilando,
Entra o sono quieto e invisível,
Prende com sutil manha os desvelados
Olhos e liga os membros de Mamude.
Cessaram, por então, os pensamentos,
E o seu ânimo teve algum alívio.
Não tardou muito espaço que o mancebo,
Sepultado em profundo e doce sono,
Lhe parecia ver ãa disforme,
Horribel, infernal, triste figura,
A cabeça de bíboras cercada
E rebuçada com sangrentas toucas.
O nome desta fúria era Discórdia,
Que até nos paternais peitos acende
Ódios e dissensões, guerras e mortes.
Chega-se a fera sombra ao rei dormido
E com rigor lhe diz estas palavras:
«Qual coração será tão de diamante,
Quais entranhas de hircano, fero tigre,
Que não se movam, vendo a crua morte
Que ao grão sultão Baudúr se deu sem causa?
Como sofrerás tu tão grande ofensa?
Como não andarás sempre corrido,
Se não vingares morte de um tal homem
Em tudo tão perfeito e acabado?
Sofrerás, porventura, que ãa gente
Peregrina, estrangeira e tão soberba

* Obras de *Jerónimo Corte Real*, intro. e rev. M. Lopes de Almeida, col. "Tesouro da Literatura e da História". Porto: Lello & Irmão Editores, 1979, pp. 1-477. Edição quase diplomática, cuja ortografia, e pontuação actualizei segundo os critérios indicados na "Nota prévia".

Mate um tão grande rei dentro em seu reino?
Não és tu neto seu? Que mais aguardas?
Que fazes, que não vingas tal desonra?
[...]

Canto Segundo

[...]
Sendo chegado o tempo de mostrar-se
Aquele desamor que está escondido,
O grão sultão mandou embaixadores
Aos príncipes e reis que ali possuem
Marítimas cidades, onde havia
Fortalezas cristãs, e a todos quantos
Ao lusitano rei pagam tributo.
Mandou ao Idalcão e ao Bramaluco;
Mandou também aos reis que a grande costa
Do Malavar habitam; e as palavras
Das cartas que mandava assi deziam:
«A vós, reis poderosos do Oriente,
Mamude paz, amor e bem deseja.
Bem vedes quão sujeitos somos todos
A estes portugueses fementidos;
Bem vedes quantos danos e desgostos,
Quantos roubos e mortes, quanto males,
Estes duros inimigos vão fazendo
Cada momento mais por nossas terras,
Oprimindo, avexando a gente fraca;
Bem vedes que, por força, se fizeram
Absolutos senhores do Oriente.
Se se isto não atalha e se castiga,
Cedo nos deitarão de nossos reinos,
Por força, desonrados e abatidos.
Restauremos as terras quasi postas
Em jugo e vencimento. Com armada
E belicosa gente persigamos
Estes cruéis tiranos e inimigos.
Como a nova vos for que já de todo
São quebrados os pactos e a paz rota,
Que por nós foi guardada injustamente,
Todos acudireis com tal socorro
Qual para livres ser é necessário.
Úa liga façamos todos juntos,
E assi conquistaremos esta gente
Enganosa e soberba, tiraremos
Os nossos naturais de ser cativos,

Vingaremos aquela grande afronta
Que até este ponto a todos nos é feita,
Tributos e pensões sempre pagando,
Fazendo-nos sujeitos, sendo livres.»
[...]

Canto Décimo

[...]
Todos juntos seguiram Dom Francisco
Que diante deles vai ao repentino,
Mui improviso e não cuidado encontro.
Coberto de um pesado e forte escudo
Os primeiros cometeu, e a um, que vinha
Com devisa lustrosa e ricas armas,
Dá-lhe um pesado golpe, outro e outro
Lhe redobra com força e entra rijo,
Todo aceso em furor lhe esconde a espada
No meio das entranhas, pola parte
Por onde a alma se rende mais asinha;
Lança-se impetuoso antre os que ficam;
Rodeia ali com força e grande pressa
O incansável braço a todas partes,
Dando muitos e ferros, mortais golpes,
Assi como se vê lobo raivoso
Que a vorace garganta tem faminta
Da sangrenta comida, e, constringido
De dura fome, salta sem receio
(Nem de bravos mastins, nem [de] pastores)
Em rebanho de ovelhas temerosas,
Fazendo nelas um mortal estrago.
Os mouros o rodeiam num momento;
Carrega ali sobre ele grande turba
Com alarido horrendo e som das armas,
Mas ele firma o pé, forte e seguro,
Sem atrás o tornar, espera e sofre
Muitos e duros golpes. Como quando
Em acendida frágua decem juntos
Aqueles instrumentos trabalhosos,
Movidos com grão força per obreiros
Que, de suor e pó negro cobertos,
Dando golpes contínuos e apressados,
A mal composta casa enchem de vivas
E ardentes faíscas, retinindo
Os negros cantos e fumoso tecto,
Assi descarregavam nele os mouros

Mil alfanges, pedras e zargunchos.
Os famosos soldados que o seguiam,
Com tal exemplo, fazem cousas dignas
De fama gloriosa e alto nome.
O combate travado e a peleja,
Acendendo-se em fúria sanguinosa,
Altas vozes se dão na fortaleza,
«Armas, armas!» bradando. Logo se ouve,
Polos delgados ares, sonoro,
Agudo e vivo som alvoroçado
Do sino que com pressa chama e brada:
«Socorrei, socorrei!» Eis vem correndo
O capitão e traz força de gente.
Já soldados chegavam, já fidalgo
E outros bons cavaleiros se arremessam
No meio da batalha que arde em fúria.
[...]
O vento se mostrava favorável
Aos amigos que dele se aproveitam,
Levantando c' os pés o pó do entulho,
O qual vinha por força (constrangido
Do poderoso assopro) dar nos olhos
Dos que a afrontada estância defendiam.
Os soldados raivosos se apegavam
Nas paredes e os pés na terra firmam,
Cerram olhos ao pó, dentes apertam,
Com cólera mil corpos derrubando,
Deles mortos, deles mal feridos.
Estava o baluarte todo cheio
De corações ferozes, de rebustos
E mui ousados ânimos, fervendo
Em todos viva raiva, pelejando
Com espadas, com lanças e com dardos,
Com grossas chuças, pedras e alcanzias,
E os que subir não podem, disparavam
Compridas espingardas furiosas
E mil montes de setas nas estâncias
E maltratados muros, mas respondem
Das torres e cubelo com mui grandes,
Medonhas bombardadas, derrubando
Muitos mouros, e outros em pedaços,
Sem lhe valer o arnês, menos a malha.
Cubelos, baluartes, todos ardem
Com coruscantes fogos ardentíssimos;
Levantam-se nos ares mil maneiras
De formas diferentes que o espesso
E negro fumo faz, mas em pequeno

Espaço se desfazem; também se alçam
De turbulento pó nuvens mui grandes;
Ouvem-se na peleja, em cada parte,
Mil brados e outros mil gemidos tristes,
Muitas vozes carpidas e um estrondo
Espantoso de feros, mortais golpes,
Retrato e viva imagem dos tormentos
E penas infernais. [...]

Canto Décimo-Quinto

[...]
Os soldados com fúria se arremessam
Àqueles que a morrer já estão julgados;
Com grande crueldade cortam membros,
As entranhas desfazem, tiram almas
Que em breve espaço vão, com dor gritando,
Ao Reino tenebroso, fero e triste.
De um congelado, negro e frio sangue
Os soldados estavam todos cheios.
Rodam polos conveses as cabeças
Defuntas, em coalhado sangue envoltas.
As cotias encheram desta carga;
Polos rios as metem, publicando
A temerosa nova em toda parte.
Já se ouvem tristes prantos e altos gritos
Onde a funesta armada toma porto;
Corre a mísera gente sem concerto;
Ajuntam-se mulheres em manadas:
Espantadas vão ver o fero caso
Que, visto, as faz ficar emudecidas;
Um medo torpe ali combate as almas
Desta mísera gente, e rouba aos rostros
Aquela cor de vivos, parecendo
Levantar-se das frias sepulturas;
Os dentes se lhe apertam e um rugido
Nas desmaiadas bocas se lhes ouve,
Qual sói causar no fraco, triste enfermo
O frio da quartã. Um grande espanto
Nos seus corações causa o esquadrão negro
Das carniceiras aves que seguiam
A frota avorrecida com clamores
Desconcertados e altos que rasgavam
As mais subidas nuvens; constrangidas
Da dura fome, decem com grão pressa
Àqueles corpos vis, despedaçados,

Armando antre si mesmas nova guerra
Sobre a partilha vil da imunda carne.
Os tristes, miseráveis alaridos
Da gente que isto via, atroa os montes,
Todos os fundos vales, e as cavernas
Côncavas retumbavam com mil gritos.
[...]

Canto Décimo-Sexto

[...]
Sabida a cruel nova geralmente,
Se faz um novo pranto, e as mulheres
Que os pequenos filhinhos sustentavam
Nas sabrosas tetas, quando ouviram
Do capitão contar tais crueldades,
Apertam-nos consigo; suspirando
E gemendo, diziam: ‘Tristes filhos,
Ai míseras de nós, se porventura
A fortuna cruel vos entregasse
Nas mãos dos carneiros portugueses!
Ai filhinhos pequenos, Deus não queira
Que o capitão que agora fez tal dano
Venha onde vós estais, para vos vermos
Acabados, e a nós com tristes mortes!
Isto dizem as mães desconsoladas,
Em lágrimas banhando os tenros filhos,
E destes sobressaltos tinham sempre
As almas e as entranhas trespassadas.
Tinham todos temor e um medo grande,
Porque viram bandeira e mão armada
Com perdas de lugares, de fazendas,
Com tanto dano, em parte onde cuidavam
Que era cousa impossível portugueses
Poderem chegar nunca em algum tempo.
Assi lhes parecia que um tal homem
Nascera por seu mal, e quando nele
Falavam, logo os rostros descobriam
Das almas o temor, a côr perdendo.
[...]

[...] Ançote mostrava os edifícios
Apartados dali pouca distância.
Neste grande lugar havia muitas
E bem lavradas casas, todas cheias
De mui grossas fazendas; tinha ruas

Direitas e compridas onde estava
Ûa só fortaleza, alta e soberba.

Entrados na cidade, em breve espaço
Começa o fogo arder por muitas partes;
Cobre-se o alto céu de ùa fumosa,
Espessa nuvem, negra, escura e triste;
Já os soberbos e os altos edifícios
Com espantoso estrondo vêm a terra;
Já se movem os braços vitoriosos;
Já soam grandes golpes, grandes gritos
Dos tristes que da morte o duro encontro,
E do inimigo a fúria vão sentindo;
Em todas partes crece o pranto e o medo
De mil mortes cruéis acompanhado.
Os soldados com força derrubando
Vão, com fortes marrões, as grandes casas,
Matando a quantos acham polas ruas;
Ó caso cruel, duro e lastimoso,
Que só a lembrança dele nos inclina
E move a piedade: muitas moças
Alvíssimas, fermosas, cuja idade
Florecia em tal tempo, temerosas
Daquele grande incêndio, não sabendo
A que parte fugissem, vinham todas
Cair nas duras mãos de seus imigos,
Que, acesos em furor, não nas tratavam
Co’ aquela cortesia, honesta e branda,
Que por razão se deve, em todo tempo,
A uns olhos fermosos, a ùa graça
Onde costuma Amor armar seus laços;
Antes de todo cegos, denodados,
Os tenros peitos abrem e as espadas
Banham naquele puro e limpo sangue;
A todas partes correm, tão cobertos
De abundoso suor, de espesso fumo,
De fresco e ruivo sangue, que parecem
Figuras infernais antes que humanas.
Não fica ali com vida o fraco velho,
A inábil mulher, o tenro moço,
Nem o gado inocente, bruto e manso,
Com tudo o mais que goza a vital aura.
Trinta e cinco cotias ardem todas,
Com outras mil fazendas diferentes.
O Rumeção recebe grandes perdas.
Ficam mil mercadores destruídos.
Baneanes de resgates proveitosos
Enforcados os deixam nos caminhos.

Nas mesquitas lhe fazem mil injúrias,
Mil grandes vitupérios a seus deuses
Falsos e mentirosos. Daqui foram
Quasi duzentas almas ao profundo,
Hórrido, pavoroso e triste inferno,
Ficando esta cidade, e tudo nela,
Sem nada se salvar, ardendo em fogo.

Cansados todos já de tantas mortes,
Ao serviço d'el-rei tão necessárias,
Embarcam-se nas fustas quando Apolo
O luminoso carro já escondia
E os cavalos banhava no Oceano,
Ficando o ar envolto em negra sombra
E o mundo todo em côr escura e triste.
Todos tomam repouso do contínuo
Trabalho em que o passado dia andaram.
Estendem-se por bancos, por conveses,
Dão repouso aos cansados, lassos membros,
Entregando-os a um brando e doce sono.
Dormindo, movem uns os fortes braços,
Dando com muita força em vão mil golpes;
Outros, com vozes mal destintas, dizem:
«Aqui matemos estes que nos fogem!»
Alguns, isto dizendo, levantavam
As cabeças em sono sepultadas,
Mostrando, com sinais de furor grande,
Naquelas mortes inda andar envoltos;
Mas o profundo sono torna logo
Render os alterados corpos, liga
Os sentidos de novo, e representa
Em todos ãa imagem, muda e triste,
Da cruel, fera, horrenda e negra morte.

Quando, no meio já da grão jornada,
As luzentes estrelas se subiam
E a terra estava então em mor silêncio,
A deserta cidade com mais força
Se abrasava de todo, e se ruíam
Até o cimento as casas, sepultando
Aqueles mortos corpos meio ardidos.
O fogo vai buscando onde se esforce,
Onde faça mais dano com braveza:
Acha vasos mui grandes, de estimado,
Preciosíssimo óleo (nesta parte
Caro e custoso assaz); os vasos ardem,
Derrama-se o licor, desaparecem
As grandes e furiosas labaredas;
Vivas brasas de azeite ficam cheias,

Fervendo e levantando um fumo negro,
Mas logo, em pouco espaço, ali se acendem
Chamas mais esforçadas que as primeiras.
Já com fogosa luz os mares mostram,
Em largo circuito, o grande incêndio;
Já se converte em dia (antes das horas
Costumadas) a fria, escura noite.
[...]

Canto Décimo-Nono

[...]
Sua gente, ordenada em bom concerto,
Começa de marchar com atrevido,
Seguro, diligente e largo passo;
Leva os três baneanes que lhe mostrem
O direito caminho. Começando
Entrar polo sertão, viu mil pagodes,
Mil tanques, bem lavrados e custosos,
Onde se vão lavar, assi guardando
Seus costumes e torpes cerimónias.
Os soldados começam, com violência,
Derrubar, destruir quanto aqui acham,
Sem cousa lhe ficar a que perdoem,
Porque, como esta gente toda adora
Qualquer boi, qualquer vaca, e tem por certo
Estes serem seus deuses, os soldados
Matavam muitos bois, e as imundícias,
Com cabeças e peles todas cheias
De negro sangue, deitam nos pagodes,
Nos tanques e nos poços de água fria,
Delgada, cristalina e saborosa.
[...]

Com espadas e lanças atravessam
Aqueles grandes corpos proveitosos.
Tanto que cai algum, os tristes correm
Onde estendido está; cheiram-no, dando
Sobre ele mil tristíssimos bramidos;
Mas, neste bruto e tão fúnebre pranto,
Outros muitos daqueles ficam mudos,
Atalhados da morte que os soldados
Lhe dão com pressa e fúria num momento.
Triste 'spectáculo era ver no campo
Tanta soma de gado diferente,
Com vozes desiguais, queixar-se todo;
Quasi com natural destinto humano

Pareciam sentir as graves mortes
Que todos, sem ter culpa, padeciam.
[...]

Canto Vigésimo

[...]
Vês um grande esquadrão, em que vêm juntos
Mil e quinhentos mouros, e que seguem
A bandeira vermelha? Vês os trajos
Que trazem, de mil cores diferentes?
Vês adargas e toucas todas brancas?
Vês cavalos briosos, quão folgados
A dura terra batem? Se desejas
Saber quem governava esta luzida
E belicosa gente, sabe certo
Que era Bengija alcaide. Ei-lo vai, junto
Daquele do albernoz. Não vês qual digo?
Não vês o que ali leva a rica espada,
E de prata o tailí com borlas verdes,
Naquele tão fermoso potro ruço?
Pois esse mesmo é. Vês o prudente
Conde que se apercebe e aos seus esforça
Para entrar na batalha? Vês que chegam
Os corredores já e que apegando
Naquela escaramuça vão c' os nossos?
Olha que o Conde dá, com grande força,
No mor peso da gente, e não podendo
Os mouros aguardar a força e fúria
Daqueles cavaleiros, vão fugindo
Da maneira que vês, deixando todos
Polo caminho as armas, porque possam
Os cavalos correr com mais soltura.
[...]

Vês o mouro que vai naquele grande,
Poderoso cavalo ruço, e leva,
Revolto ao braço esquerdo, um bedém branco,
E na robusta mão direita mostra
Brandir ãa mociça, grossa lança?
Contar-te quero dele um raro caso
Que cometeu, levando de furioso,
Cruel Amor passado o triste peito.
Antre aqueles cativos que vês juntos,
Guardados de valentes cavaleiros,
Vai ãa bela moça. Queres vê-la?

Olha aquela que os olhos, agravados
Das lágrimas, virando vai ao mouro
Que tal vista recebe lá no meio
Do triste coração e alma afligida.
Trasportado se chega, sem lembrança
Do perigo evidente; constringido
De ãa dor insofrível, diz: «Não hajas
Medo, nem te pareça que com vida
Hoje pode ficar (indo tu presa)
Quem vive só de ver-te e de servir-te.
Esforça-te, que temos grande o dia.
O poder Deus o tem, e neste braço
Está ãa força nova que, de ver-te
Neste perigo tal, sinto crecida.
E se o Céu me negar favor, protesto
Morrer hoje no campo, que mais sinto
Ver-te levar assi a teus imigos,
Do que posso sentir a cruel morte
Recebida por mi ante teus olhos.
Este coração já ao ferro agudo
Entregara; mas temo que, pois nele
Tão imprimida estás, ali recebas
Algum dano que o meu faça mais grave.»
Dizendo estas palavras, vai seguindo
O cerrado esquadrão da forte gente,
Conjunção esperando em que pudesse
Livrar quem o levava tão cativo.
A moça, mal segura das palavras
Que pareciam ser mui duvidosas,
Lhe diz: «Nunca cuidei que um fim tão triste
Se guardasse a um amor tão verdadeiro.
Cinco anos me serviste, e quando estava
O meu coração já ao teu sujeito,
A fortuna envejosa nos aparta,
Pondo-me no poder de meus imigos,
Onde em pura saudade estará sempre,
E em tormento cruel, esta alma minha.»
Após isto, soltou de triste pranto
Ûa mui copiosa e larga veia.
Aqueles tenras lágrimas penetram
O coração ousado ao forte mouro;
Determina morrer, e disto o rosto
Mostrou claros sinais, a côr perdendo.
Os olhos nela fixos, com esforço
E ânimo denodado a voz levanta,
Favor pedindo a quem, com brandos rogos
E lágrimas, lhe vai favor pedindo.

Firma-se nos estribos, põe a espora
Com grão força ao cavalo, sai ligeiro
Mais que furioso raio, e onde estavam
Os míseros cativos chega e toma
Aquela por quem todo o caso grave
Lhe parecia ser fácil e leve.
Desta sorte a levou, sem lhe poderem
Resistir o furor que nas entranhas
O poderoso Amor lhe tinha aceso.
Alarga-se trás ele o esquadrão todo,
Segue-o com grande instância algum espaço,
Mas todo foi em vão este trabalho,
Que num instante o mouro não é visto,
Porque o medo e o amor lhe deram asas.
[...]

Naufrágio e Perdição de Sepúlveda e Leonor

de JERÓNIMO CORTE-REAL*

Canto I: nascimento de Leonor; Graças e Erínias cantam junto ao berço; Garcia de Sá, que tinha a filha prometida a Luís Falcão, fala com Leonor para saber se ela se casou clandestinamente com Sepúlveda.

Canto IV: reflexões sobre o tempo e a mudança; retrato do casal (Leonor e Manuel de Sousa Sepúlveda) pronto para o matrimónio oficial na Índia.

Canto V: primeiros tempos felizes do casal e nascimento do primeiro filho.

Canto VI: invectiva contra os enganos da fortuna; partida do galeão S. João.

Canto VII: navega-se sossegadamente no mar alto; o piloto ouve e vê sinais de tempestade; Anfitrite, rainha do mar, com ódio a Leonor, dirige-se até perto do galeão e pede a Favónio, o vento primaveril, que chame Éolo; chegada de Éolo na companhia dos ventos brandos; fala de Anfitrite e resposta de Éolo, que vai buscar os ventos tempestuosos; à vista do cabo da Boa Esperança, solta-se a tormenta; o galeão vai-lhe resistindo como pode; Éolo censura os seus ventos por não conseguirem destruir o navio; Euro e Noto atiram o galeão contra um rochedo; Leonor, agarrada aos filhos, desmaia; Sepúlveda, ajudado por alguns homens, carrega Leonor e os filhos para um batel.

Canto VIII: Sepúlveda confessa a sua culpa (no assassinato de Luís Falcão) e pede a clemência de Deus, oferecendo os filhos em sacrifício; começa a peregrinação por terra.

Canto IX: morrem alguns de fome e cansaço, incluindo o filho que Sepúlveda teve de outra mulher; recontro armado com africanos; morrem Diogo Vaz Dourado e António de Sampaio; junto ao acampamento dos portugueses, Pã toca música na noite, quase tenta seduzir Leonor adormecida, mas recua; de manhã, deita-se sobre as ervas onde Leonor dormira.

Canto X: enquanto Pã lamenta o seu amor impossível, Leonor tem pesadelos; agarra-se, deitada, ao marido que não pára de dar largas à imaginação; já em sonhos, Sepúlveda vê no Templo da Verdade a história de Jefté, o universo em cataclismo e Cristo encarnado na Cruz.

Canto XI: ainda em sonhos, Sepúlveda vê no Templo da Mentira a porta da Hipocrisia, para a qual se dirige um seu amigo no meio duma multidão inumerável; inquirido pelo capitão, o amigo explica-lhe a natureza do edifício.

Canto XIV: Alcácer-Quibir: cenas da batalha, rescaldo e resgate dos cativos.

Canto XV: estado de espírito de Sepúlveda antes de passar o segundo de três braços do rio Lourenço Marques; de noite, alça-se o rio com as suas náíades; dirigem um canto a Sepúlveda, avisando-o dos males que lhe irão acontecer; de manhã, percebe-se que aquele canto enlouqueceu o protagonista.

Canto XVI: depois de já despojados de tudo, até das próprias roupas, Sepúlveda procura alimento no mato; numa parte mais cerrada e húmida vê a imagem do filho que deixou morrer no Canto nono; desaparecido o fantasma, Sepúlveda já espera e recebe ver Leonor morta.

Canto XVII: morte de Leonor e primeiros lamentos do marido.

* Obras de *Jerónimo Corte Real*, intro. e rev. M. Lopes de Almeida, col. "Tesouro da Literatura e da História". Porto: Lello & Irmão Editores, 1979, pp. 479-877. Edição quase diplomática, cuja ortografia, e pontuação actualizei segundo os critérios indicados na "Nota prévia".

Canto Primeiro

[...]

Naceu Lianor já quando o louro Apolo
O dourado carneiro deixa e segue,
Com aprazível rosto e ledó aspecto,
O touro que a Finícia fez tão triste.
Altas serras e campos, altos montes,
Todos de viva graça então se vestem.
Nas frescas alvoradas, nas sombrias
Tardes, a irmã de Progne se lamenta.
Vê-se no verde prado o roxo lírio,
A suave, purpúrea ou branca rosa
E outras diversas flores com que os ares
De cheiros suavíssimos abundam.
Então a namorada Clície busca
Continuamente o seu amado Febo.
Então, junto da fonte clara e pura,
Em flor já transformado, se levanta
Aquele por quem Eco convertida
Em miserável voz e escuro acento,
Nos côncavos penedos, nas sombrias,
Desertas lapas, faz amargo pranto.
Então as altas árvores, movidas
Do fresco e brando assopro de Favónio,
Tocando-se c' os verdes, frescos ramos,
Com voz surda se dão paz amorosa.
Chegado o ponto já, e a tão temida
Hora, do alegre parto, com silêncio,
Com pias orações aguardam todos
Quantos há no aposento nova boa.
Com manso movimento ferve a gente,
As tímidas criadas não repousam;
Ūas, a qualquer grito que ouvem, correm
E com torvação grande à porta chegam;
Outras, ouvindo as vozes esforçadas
Da que o officio administra de Lucina,
Nos duvidosos ânimos recebem
Intrínseco alvoroço e prazer grande.
As amigas vêm já, e, com fingido,
Dissimulado riso, a pena encobrem
Do sucesso cruel que a receada,
Áspera conjunção lhes prometia.
Já da mestra sagaz a tremulosa,
Rouca voz ali soa, e dela mesma
O fabuloso conto, a leda história
Para entreter o tempo já se ouvia.

O termo já se chega em que um receio
E um medroso temor de mau sucesso,
Junto a um vivo desejo de boa sorte,
Os corações tremer lhe faz a todas.
A velha, em tal officio experta e sábia,
O divino favor alegre invoca.
Ouve-se juntamente um tenro choro
E ũa contente voz que diz: «Alvíssera!»
Levantadas as mãos, correm sem tento,
Com prazer publicando a leda nova.
Ūas sobre outras chegam por ver cousa
Que no parecer é quasi divina.
Dizem: «Deus te dê tal a boa ventura
Qual beleza te deu!». Com estas palavras,
Faz o sinal da cruz a que o perverso
Olho mau e mortífero receia.
De ricos, nobres panos adornada,
A tenra criatura gosta o fértil,
Branco, abundante peito da que estava
Já pera tal criação ali escolhida.
A casa já quieta da passada,
Revoltosa alegria, entram seguras
Três mulheres de um mesmo trajo e rosto,
De branca seda todas três vestidas.
Inda que as aparências mostram corpos
De sujeito mortal e humano efecto,
Fantásticos e vãos são, cujas formas
Aos olhos um ar grosso as representa.
Alegres e risonhas, derramando
Mil flores polos ares, entram dentro
Onde Lianor está de doce sono,
Naquela conjunção, ligada e presa;
Chegam-se-lhe, dizendo: «Deus te guarde,
Fermosa e tão perfeita criatura;
Ele, que assi te fez entre as mais belas,
Com tantas eventages escolhida,
Te dê, quais tu mereces, os ditosos,
Alegres, florecidos, longos anos;
Ventura tenhas próspera, abastada
De mil contentamentos e bens grandes.»
Ao descansado sono ali interrompe
A fatídica voz e acento alegre;
Com tenro, infantil choro já se queixa
Aquele que com vir ao mundo o honrava.
Assentam-se as três Graças junto dela,
Para tornar o sono já perdido,
Movendo mansamente o berço, dizem

Com vozes suavíssimas tal canto:

«Vai-te longe daqui, tempo malino,
Nunca apareças cá, triste ventura,
Felices conjunções do Céu benino
Vinde todas, vereis a fermosura,
Vereis o parecer mais peregrino,
Retrato do criador na criatura,
Honra da natureza hoje nacida,
De mil bens, de mil graças [tão] comprida.

Vinde todas alegres, trazei flores,
Trazei lírios, trazei branca açucena;
Vinde, Vénus e Amor, trazei amores
Que par' eles o Céu tal rosto ordena;
Trazei-lhe mil galantes servidores,
Ditosos por sofrer tão doce pena;
Honre o mundo a que nele hoje é nacida
De mil bens, de mil graças tão comprida.

Tragam tais olhos almas arrastadas
Com tormento suavíssimo e glorioso;
A corações e entranhas indomadas
Vença o seu raio vivo e poderoso;
As mãos já desde agora costumadas
A despojos, e o corpo tão fermoso,
Nos mostrem com razão ser-lhe devida
Qualquer coração, alma ou qualquer vida.»

Aquelas concertadas vozes prendem
Outra vez, com quieto e doce sono,
Os delicados membros; e as ligeiras,
Incorpóreas figuras se desfazem
Nos transparentes ares escondidas;
Desaparecem súbito, deixando
O côncavo aposento todo alegre
E de fermosa luz todo ocupado.

Depois de um breve espaço que as três sombras
Prósperas, venturosas e felices
São desaparecidas, entram outras
Três, cruéis, infernais, tristes figuras.
Desconsolados rostos todas mostram,
Por eles estendida côr sulfúrea;
Reverberam nos olhos inflamados
(Com mortífera vista) ardentes chamas;
Cercadas as cabeças de ùa turba
De bramadoras cobras, que, açoutando
Ombros, peitos e rostos horrendíssimos,
Os enchem de mortífero veneno.
Entradas no aposento todas juntas,

Ardendo com viva raiva e as entranhas
Inchadas de furor, todas três alçam
Medonhos e espantosos alaridos,
E, em lugar de suaves versos, rompem
O ar com vozes tristes e carpidas,
Pronosticando ali futuros males,
Este canto infelice repetiam:

«Ledas graças fugi, fuge ventura,
Desta que ao mundo vem por fera história;
O fim de sua estranha fermosura
Fique entre os fins mais tristes por memória,
E a sua miserável sepultura
Seja a todos geral, seja notória,
Desd' onde o Sol levanta o carro ardente
Até às partes remotas do Ocidente.

Veja-se nela igual a triste sorte
Com aquele parecer tão peregrino;
A furibunda, horrível, fera morte
Traspasse o belo peito alabastrino;
Um sucesso espantoso, duro e forte,
Lhe guarde o fim cruel o tempo indino;
Seja a mais infelice das que viram
Mais males, mais trabalhos e os sentiram.

Um funesto discurso e triste vida
Passe que cause espanto à redondeza,
E quando em mores bens se vir subida,
Da cruel roda veja a mor baixeza;
Seja em mortal image convertida
A graça que lhe deu a natureza;
Em terra estranha e montes levantados
Seus anos juvenis sejam cortados.»

Após este presságio horrendo, alçaram
As funestas irmãs um triste grito,
E chegando-se ao leito onde a perfeita,
Belíssima Lianor está dormida,
Com uivos e gemidos miseráveis
O rodeiam três vezes, derramando
Sobre ela, polos ares, mortais ramos
De fúnebre acipreste e triste teixo.
Partem-se todas três e inficionado
De veneno ficou este aposento,
E todas três sumidas, alegraram
O ar, o céu e a terra com sua ausência.
[...]

Fica Garcia de Sá, na fantasia
Torvada, mil desgostos revolvendo.
Já consente, já brando fica, e logo
De súpita braveza se arrebatava
E o sofrimento perde, vendo a filha
Tão contra sua vontade assi casada.
Não sabe aconselhar-se no que deve
Fazer em tal afronta; determina
Perguntá-lo a Lianor e não se sente
Pera o poder sofrer se for verdade.
Onde a fermosa filha está vai todo
Torvado, com sembrante e ânimo triste.
Estando com ela só, pera movê-la,
Com brandura lhe diz estas palavras:
«Filha minha, a quem amo mais que a vista
E luz destes meus olhos, não me negues
O que te perguntar. Bem sabes, filha,
Os termos em que está teu casamento,
Que tenho a Luís Falcão já prometida
A minha fé e palavra verdadeira.
Ele é tal que não quer mais que o que eu quero,
E eu pera ti o mundo só queria.
É nobre e da fortuna tem tal parte
Com que ambos vivereis mui descansados;
É discreto, cortês, sesudo e brando,
E em toda a perfeição avengeado.
Estando este negócio já no cabo
Com tanto gosto meu, Manuel de Sousa
Agora neste ponto, agora, agora
Dizer me manda o que eu de ti não creio,
Que clandestinamente era contigo
Casado, e por verdade mo afirmava.
Costume é de mancebos, com tal manha,
Desviar o alheio bem que eles pretendem.
Bem sei certo quão longe estarás disto,
Quão fora e descuidada deste engano,
Mas quero que me digas, por que possa
Com razão mais urgente desculpar-me».

A belíssima dama a tais palavras
Os olhos não levanta, antes humildes
Na paterna presença, e arrasados
De lágrimas, em terra os tinha fixos.
Pelo fermoso rosto se lhe estende
A côr que a torvação tinha roubada
E fica qual parece a fresca e pura,
Orvalhada, suave, intacta rosa;
Os olhos não levanta, menos abre

A boca pera dar nisto desculpa,
Mas assi disse mais do que dissera
Se respondendo ao pai o confessara.
Calar dá por repostada, consentindo
No recado do Sousa e reprovando
A tenção de seu pai, inda que fosse
Em seu próprio proveito tão fundada,
Que amor não lhe consente que as palavras
E branduras do pai um ponto admita.
Não ousa confessar o que deseja
E o que o pai lhe oferece não no aprova.
Õa dor vergonhosa lhe traspassa
O triste coração e alma afligida.
Não move de um lugar os olhos, antes
Por eles grossas lágrimas despede
Que, tidas no meio do afrontado,
Alabastrino rosto, lhe acrescentam
Mais (se pode ser mais) a fermosura
E mais (se pode ser), lhe dão mais graça,
Qual se vê, muitas vezes, a vermelha
Rosa em manhã de Abril, que da passada,
Húmida, fria noite, um licor leve
E um celeste rocío em si recolhe;
As cristalinas gotas, na purpúrea,
Odorífera folha represadas,
Um transparente aljófar mostram, fresco,
Que causam graça à flor, aos olhos gosto.
Vendo Garcia de Sá sinal tão claro
[E] a certeza evidente do que teme,
Diz: «Levanta esses olhos, filha minha,
E a quem tanto te quer diz a verdade.»
Alça Lianor os olhos, com modesta,
Medrosa mansidão, mostra ter culpa
(Se culpa pode haver no que Amor causa)
E ao pai severo fala desta sorte:
«Se um grande amor merece grande pena,
Em mim tomai, senhor, justa vingança.
Perdão vos peço só, pois que desculpa
Não sei qual posso dar que vos contente.
No que mandais que faça, já não posso
Obedecer-vos, pois já não sou minha.
Se de Manuel de Sousa tendes queixa,
Matando-me ficais bem satisfeito».
Após estas palavras se debruça
Em terra e os paternos pés abraça.
O rigoroso pai, inda que fero,

Com tão piadosas lágrimas se move.
Furor e Amor lhe abraçam juntamente
O duro coração, bravo e raivoso;
Se castigo imagina, não se atreve,
E se a fúria o constringe, amor o impede.
Com tais contrários juntos num sujeito,
Da câmara se sai e a Lianor deixa
Arrependida não, mas degostosa
De o ver assi por ela descontente.
[...]

Canto Quarto

Nada resiste ao tempo, tudo vence,
Tudo desfaz, consume e tudo gasta,
Grandes males e perdas, grandes danos,
Grandes desgostos dá ao esquecimento.
Leva-nos da memória em pouco espaço
Aquilo que antes era espanto à gente,
E o que nos assombrou ontem, já hoje
Leve o faz parecer, brando e tratável.
Não há tristeza grande que não cure,
Não há dor que co'ele seja grave.
Todo o mal e rigor, toda aspereza
Este velho cruel nos torna fácil.
Aquele caso atroz, que a quem o ouvia
A grande indignação o provocava,
Tão esquecido fez, que quasi em sonho
Julgava a gente ser acontecido.

Cesse já a tempestade e o duro Inverno
Passe e leve consigo sombras negras,
Rompa-se o manto escuro tenebroso
Que as amorosas almas tem sombrias,
Desfaça-se o Bulcão da névoa espessa
E o infelice vapor, molesto e triste,
Venha já o resplendor do louro Apolo,
Aclare destes dous o mal oculto,
O brando, suave Zéfiro respire
Nos brandos corações dos dous amantes,
Favoreça o grão mal que o bravo e fero
Vulturno tinha neles imprimido.
Venha já, venha já a lúcida estrela
Do Sepúlveda já ditoso e ledado,
Brotem lírios os campos que atêgora
De cardos espinhosos se cobriam.
Desapareça o rosto, fusco e negro,
Da tristonha, sombria e muda noite
Que em suspiros e angústias ocupados

Os dous ardentes peitos sempre tinha.
Apareça o risonho, ledado aspecto
Da fresca Aurora, e mostre ledas cores
Nos turvos Horizontes, resplandeça
Nos tristes corações alegre dia.
[...]

Qual a fermosa Aurora se nos mostra
Em Primavera rosas derramando
Ao derredor do céu, ou qual Diana
Quando do amado irmão toma luz pura,
Tal se mostra Lianor, e em qualquer peito
Ou frio e débil já por longa idade,
Ou robusto c'os anos florecentes,
Causa um desusado, novo espanto.
Uns notam com cuidado a delicada,
Alvíssima mão, cheia de despojos.
Enlevados vão outros na beleza
Do peito alabastrino e lisa carne.
Outros o movimento assossegado
Das pomas que em alvura a neve excedem,
E aquele igual compasso sempre certo
Com que se vão e vêm atentos notam.
Outros no pensamento vão medindo
A proporção igual maravilhosa
Das partes perfeitíssimas, que a roupa
Avara, de ciosa lhe escondia.
Ao estrondo da gente alvoroçada
Assomam-se mulheres, cada ãa
No modo em que se achava, ou mal composta,
Ou aguardando já pera ser vista,
Em voz alta dizendo: «Clara estrela,
Nacida cá entre nós por dom divino,
Tanto te faça Deus ditosa, quanto
Te fez perfeita em toda fermosura».
De branca seda leva o caro esposo
As calças e jubão de ouro lavrados,
Leva caprina couro ornada e cheia
De pequenos botões de mil diamantes.
A capa e gorra são da cor da neve,
Da mesma cor a pluma alegre os olhos.
Leva rica medalha e nela escrita
Ûa letra que diz: «Tudo é já pouco».
De cristal transparente leva a espada,
D'esmaltados labores guarnecida,
Luvras de suave cheiro e a camisa
Das obras mais sutis de Lusitânia.
Soberbo de alcançar por tal tormento

Tão alto galardão e que a ventura
Não tem mais que lhe dar, pois lhe dá todo
Quanto preço e valor no mundo havia,
O mísero não sabe o fim tão triste
Que o tempo cruel lhe tem guardado,
Nem que Átropos horrenda, em breve tempo
Tal bem lhe atalhará com impio golpe.
[...]

Canto Quinto

[...]
Com Amor puro e firme se tratavam
Estes dous que em amor igual viviam,
E produziu-se deste amor suave
Um suave penhor de amor nacido.
Os limitados meses prometendo
Vêm grandes esperanças, que da bela
Árvore, um belo amado, doce fruto
Com grande gosto cedo se viria.
Chegado o tempo já e final ponto
Do rigoroso transe de Lucina,
Timido com razão, e desejado
Por preceito comum da natureza,
Entristece-se a dama em tal afronta
A ela desusada e peregrina;
Aguarda pelo termo perigoso
Com coração, com ânimo afligido.
Já por todo aposento, em qualquer parte,
Se pede a Deus favor e hora ditosa.
Ao Sousa já um receio, um sobressalto
E um medroso temor o desfigura.
O temor ao perigo já se ajunta,
E o momento apressado se oferece.
Já do tenro menino o vivo choro
Pelo tecto alto e côncavo se ouvia.
Dão-se graças a Deus, dão-lhe louvores
Pelo sucesso bom de tal jornada.
A medrosa tristeza em prazer grande
E em suprema alegria se converte.
Cada momento Amor neles influi,
E acrescenta de novo mil amores;
As almas lhe tem juntas e ligadas,
Juntos os pensamentos e os desejos.
[...]

Canto Sexto

Quem se engana c'os bens que a variável
Inconstante fortuna nos of'rece?
Quem se viu enlevado em suas dilícias
Que não sintisse o fim amargo e triste?
Quem confiou jamais no que promete
Que não achasse engano e falsidade?
Quem fundamento fez de seus prazeres
Que em lágrimas e dor não acabasse?
Quem lançou muito a mão de seus estados
Que não visse da roda o baixo assento?
Quem próspero se viu, honrado e rico,
Que esta cruel o não escarnecesse?
Triste invenção de mal que assi nos cega
O juízo, a razão e entendimento,
Que seguimos a quem se nos levanta
É por nos derrubar de mor altura.
Morre o mundo por cousas que c'o tempo
As vemos acabar e consumir-se;
Segue ao que não tem ser, e ao vento leve
Entrega todas suas esperanças.
[...]

Já do Patrão nos ares soa o vivo
Apito e a pesada âncora levam,
Deixam-se vir abaixo as despregadas
Velas e segue-as logo ãa alta grita,
Incha-se o grande treu, a nau com força
As ondas rompe, e faz «leda viagem».
[...]

Com vela inchada vai a nau cortando
O transparente campo de Neptuno,
Impelida por Zéfiro, atrás deixa
Um rasto de salgada, branca escuma;
Foge-lhe a conhecida terra, fogem
Num momento a grão praia, o porto, a gente;
Altas frondosas árvores de vista
Se perdem já, e em névoa se convertem.
A costa já se vê toda confusa,
Mal distintos os montes e agras serras,
E quanto mais se aparta, tanto em grossos,
Turvos, densos bulções tudo se muda.
[...]

Canto Sétimo

A tenebrosa, fria e muda noite,
Estava pelos ares estendida
E um silêncio geral aos mortais corpos
Seus males e trabalhos aliviava.
Naquela conjunção com brando vento
As velas a quartel inchadas iam,
Ouvindo-se do mar, cortado e roto
C'o a poderosa proa, um rumor surdo.
[...]
O Piloto indo todo transportado
Na contemplação alta das estrelas
Com olho vigiador, vendo as mudanças
Que os inconstantes ventos no mar usam,
Um intrínseco medo pelos ossos
Discorrendo-lhe vai, ignorando a causa,
Na garganta lhe fica a voz pegada
Hirto o cabelo ao céu e a côr perdida.
[...]
Grandes perturbações viu nas estrelas,
E nos Planetas viu tristes prodígios,
Que lhe mostravam claro a desventura
Que ao mísero galeão se prometia.
A Lũa viu sangrenta com sembrante
Carregado, mortífero e tristonho:
Vi[ul] Cometas arder, fero espectáculo
E em Reais mortes sempre sinal certo.
Com tais sinais o triste varão sente
Um súbito temor, um grave espanto;
Um desmaiado frio pelas veias
Correndo lhe faz cor já de defunto.
Vendo que já no Oriente se enxergava
Que Febo estava lá quasi vizinho,
O medo vai perdendo co'a radiosa
Luz que nos Horizontes se estendia.
Mas não seguiram menos sinais tristes
E defunto agouro que os passados
Depois que amanheceu, que o luminoso
Carro sem resplendor se mostrou turvo.
E rodeando a nau, viu pelos ares
Tristes, nocturnas aves com gemidos
Carpidos e chorosos, viu grão turba
De outras muitas em género diversas
Que o alto céu rasgavam dando gritos;
Todas se acometiam, qual com garras
Agudas, qual com duro bico, em breve

Espaço, se faziam mortal dano.
Da peleja cruel muitas mostravam
As entranhas abertas e nas ondas
Ficavam sepultadas, outras enchem
De ruivo e quente sangue as brancas velas.

[...]

A marinha princesa nunca um'hora
Teve mais de repouso, antes contino
No coração lhe ferve ãa raivosa,
Penosíssima dor, quasi insofrível.
No tristonho sembrante mostra claro
Aborrecer Lianor sem causa justa.
Todo seu pensamento era buscar-lhe
Morte, de que ficasse satisfeita.
O ódio tem secreto, outro mal finge,
E com falso acidente a raiva encobre,
Fraco sembrante mostra, mas no peito
Um gusano cruel a consumia;
Nenhum repouso tem, nada lhe alegre
O triste coração e alma enuejosa,
Qualquer leda memória lhe aborrece,
Só em vingança traz sempre o sentido.
Pungida, estimulada do furioso,
Infernal, triste ardor, se determina
Valer do Rei soberbo, ao qual foi dado
Dos ventos o poder, mando e governo.
[...]

Chama o fresco Favónio, que enfunando
Com bonançoso assopro as velas ia,
E vindo ante ela diz-lhe que a Eólia
Vá logo e diga a el-Rei que ali o aguarda.
Com asas velocíssimas se parte
O sutil mensageiro; a vela inchada,
Sintindo a sua ausência, ao grosso masto
Se pega e a nau sem mover-se fica.
Como recado teve o fero Eolo
Da marinha princesa, vem num ponto,
De brandos, frescos ventos rodeado,
Os soberbos deixando em prisão dura,
Em grutas profundíssimas, debaixo
De altos montes e serras pedregosas,
Bramando com braveza e força imensa,
Com ímpeto cruel e infernal fúria.
Zéfiro com suave força inclina,
Por onde vai passando, as verdes faias,
E os ulmeiros frondosos com voz surda
Brandamente queixar os faz com graça.

Córo, Septentrion, Phénix e Círcio,
Brancas nuvens espalham pelos ares;
Trácio, Tapir e Ethésias, com mais vivo
Sonoroso rumor entram nos bosques;
Libonothos, Olímpias e Atabulo,
Menses, Podromo, Cécias e Eurotono,
Respirando vêm todos, e nas partes
Calmosas dão favor e brando alívio.
Depois que no mar entram, vindo as ondas
Tão quietas estar, planas e em calma,
Todos juntos com brando, fresco assopros
Por diferentes partes as levantam.
Chegam Trácio e Tapir, onde a nau fixa
Com frouxa vela está sem movimento.
O grande treu, sentindo a favorável
Vinda já desejada, não na engeita,
Antes no seio côncavo recebe
O próspero socorro, e pela parte
De bombordo, s'enfuna, inchado, tira
Com forçoso poder a frouxa poja,
A mezena e trinquete o mesmo fazem,
O cânhamo torcido o masto ajuda,
Já favorece o leme a vela, e voa
Pelo encrespado mar a nau triunfante.
Onde Anfitriote está, chegando Eolo,
A cortesia faz que se lhe deve,
Por ser mulher de um Rei tão poderoso,
A quem Júpiter tinha tal respeito.
Vê que está fraca, triste e desmaiada,
Com semblante afligido e cor defunta,
O rosto e claros olhos rodeados
De aflição, de pesar e de tristeza;
A causa lhe pergunta da mudança
Da fermosura nela acostumada,
Também do triste estado em que a vê, tanto
Contrário e ao revés do que soía.
A envejosa Rainha, levantando
Os olhos lá no céu, diz com suspiro:
«Não te espantes, Rei, ver-me diferente,
Espanta-te de ver-me ainda com vida.
Se meu mal não te move a que vingança
Me dês, eu ma darei de mim, que a honra
Perdida me restaure, pois mofina
Mais que todas naci, mais sem ventura.»
Dizendo estas palavras, banha o peito
Com salgado licor de ódio nacido,
Causa usada em geral (pela mor parte)

Em peitos feminis por causas leves.
«Começar a dizer-te minha injúria
Me chega a par da morte, mas forçada
De desonra e de dor, dir-te-ei meus males
Pera que com rezão deles te doas.
Saberás, Rei, que a minha honra está posta
(Ó Deus que isto consentes!) em tal termo,
Com tal abatimento, que me fôra
Muito melhor morrer que assi ter vida.
Das partes Orientais, no proceloso
Reino do meu Neptuno, entrou soberba
Ûa vã mulherinha assi arrogante
Que cuida que em fermosa excede a todas.
Com desprezo tratou as minhas Ninfas,
E as princesas do mar tão veneradas.
A mim, nem cortesia nem respeito,
Antes sinais mostrou de ter-me em pouco.
Cuidara, por ventura, ir-se gabando
Ufana e de levar de nós vitória,
Como a leva do triste velho Próteu
Que caduca e não sabe já o que escolhe.
Pois enganada está, que se se julga
Por mais fermosa e mais que todas rara,
A somenos fermosa das marinhas
Ninfas o é muito mais, muito mais que ela.
Certefico-te, Rei, que se não vingas
Esta minha desonra, que a mim mesma
Com minhas próprias mãos me tire a vida,
Por sempre não viver com tanta mágoa.»
Após isto, soltou de triste choro
Ûa mui copiosa e larga veia.
Eolo lhe responde: «Ó valerosa
Princesa, por tão pouco não te aflijas,
Nem ponhas em balança a tua beleza
Co'essa que val' tão pouco e se presume
Igualar-se contigo, terá o pago
Conforme ao temerário pensamento.
Descansa, que o que pedes será logo
Cumprido sem faltar.» Isto dizendo,
Da Princesa se parte e passa junto
Da poderosa nau com rosto irado.
C'os assanhados olhos a rodeia,
Com semblante cruel e vista esquiva;
Num momento por ela passa e chega
Onde oprime com freio as tempestades;
Abre a porta da côncava caverna
Onde os ventos estão em fera luta,

Com ímpeto e veemência rigorosa,
E com pujante força, por soltar-se,
Os quais, vendo patente a grande porta,
Quebram grossas prisões e em tropel juntos
Se abalançam com fúria e vão varrendo
Com turbulento assopro a terra toda.

Três dias havia já que ó grão Filésio
Com perfulgentes raios ilustrava
O feroz animal que em grave angústia
A Finícia deixou com roubo estranho,
Quando a soberba nau falta de velas
(Mas ah muito mais falta de ventura)
Teve vista da costa, donde o cabo
De Esperança tem nome, inda que incerta.
Ali os soberbos ventos desmandados,
Correndo sem concerto a todas partes,
Se arremessam no mar e de alto a baixo
O revolvem com fúria num momento.
Cobre-se o céu de grossas negras nuvens,
Os ventos mais e mais cada hora crecem,
Já se escurece o céu, já com soberba
Inchadas, grossas ondas se levantam.
A nau começa já passar trabalho,
Já começa gemer, e em tal afronta
O apito soa, brada o mestre, acodem
Com presteza varões no mar expertos.
Põe-se o fero Vulturno junto ao cabo,
Levanta lá no céu furiosas ondas,
Austro, bramando, corre ali com fúria,
Dando um balanço à nau que quasi a rende.
Vem com grande furor Bóreas raivoso,
Comete por d'avante, o passo impide,
Encontra as grandes velas e, por força,
Ao masto as pega e a nau atrás impuxa.
Rompe-se por mil partes o céu, e arde
Em ligeiro, apressado, vivo fogo.
Um rugido espantoso vai correndo
Desd'o Antártico Pólo ao seu oposto.
Arremessam-se lanças pelos ares
De congelada pedra em água envolta
Com espantoso ímpeto, e, rasgadas,
As densas negras nuvens raios cospem.
De um golpe as velas vêm todas abaixo.
Colhem-nas com trabalho e afronta imensa;
O forte marinheiro, ainda que ousado,
Do evidente perigo sua e treme.
Já nas pontas de mil fragosas serras

A nau se mostra alçada, e já sumida
Em vales profundíssimos, parece
Cobrir-se de altos montes de água grossa.
Áquilo, Noto e Euro com braveza
Contra a mísera nau todos se esforçam,
Das espantosas ondas levemente
Aqui e ali a deitam e afadigam,

Como acontece a usados jogadores
Que na péla se querem mostrar destros,
Uns rebate ou boléu, com revés outros,
Outros com duros punhos a combatem.
A veloz péla vai deles forçada,
Ora toca este canto, ora outro toca,
Salta, voa a través, ao longo voa,
Não repousa nem pára um só momento,
Dá-lhe aquele dali, dá-lhe outro e outro,
Já levantada ao ar, já vai rasteira,
Todos trás ela correm com estrondo
De soberbas, discordes e altas vozes.

A nau afadigada, abalançando-se
De ãa pera outra parte, arranca e quebra
Três incuruados ferros dos que o leme
Co'a popa ajuntam, cosem, prendem e ligam.
Vem Subsolano indómito e furioso
Com espantoso cenho e vista horrível,
Com grande ímpeto chega, leva e rompe
A vela com que a nau se sustentava.
Grita o Piloto: «Arriba, arriba, cerra!»
E lança o leme à banda, mas isenta
Não lhe obedece a nau, nem dá por ele,
E já quasi rendida se atravessa.
Acodem (mas em vão) Piloto e mestre,
Acodem marinheiros, e tombando
Uns por cima dos outros sem poder-se
Suster, nem dar remédio, se maltratam.
Noto com grande fúria ali arremessa
Três poderosas ondas, dão-lhe em cheio,
Rompem, quebram, destroçam e ao mar deitam
Os fortes, proveitosos aparelhos.

Ó Deus omnipotente, ó Senhor nosso,
Dai-me agora favor, que é necessário,
Pera que contar possa aqui o perigo
Quasi chegado ao fim deste receio!

Estando em tal afronta, chega o bravo
Áfrico com rosto horrendo, encontra e fere
Com incrível força o grosso masto
Que pera o resistir cuida estar firme;

Dá-lhe um pesado golpe, e nas enxárcias
Um zunido espantoso se levanta.

A seca árvore brada e, já rendida,
Deixa-se vir abaixo feita em rachas.

A gávea e mastaréu que toca as nuves,
Olhando com desprezo os de cá baixo,
A sua presunção, antes altiva,
Humilde está debaixo já das ondas.
Traz Áquilo cruel, com força imensa,
Valentíssimas ondas espantosas;
Ūas sobre outras caem, o fero as força
Que com ímpeto e fúria se embraveçam.

Como quando se vê por estendido
Campo, grão multidão de grossas reses,
E outros rebanhos mil de simpres gado,
Fugindo com clamor, alto e tristonho,
Da fúria com que o rio, inchado e solto,
Por grandes invernadas vem cobrindo
Com grande estrondo d'água turva o campo,
Levando com rigor tudo o que alcança,
Empuxando-se vão pelo castigo

Que o seu guardador rústico, afrontado
Do perigo evidente, com voz alta
E com duro aguilhão dá, se atrás ficam,
Assi as soberbas ondas, constringidas
Da força e do poder de Áquilo, bramam,
Tornadas em medonhas altas serras,
Ameaçam esta nau triste e infelice.

O grão Bóreas raivoso ao céu levanta
Ūa terrível onda, e com medonho,
Espantoso e cruel sembrante, afronta
A nau rendida já ao vento imigo,
Dá-lhe na popa em cheio, quebra e rompe,
Desfaz e arromba o leme, e lá por cima
Dos soberbos castelos, se arremessa
Ao grão convês e nele deixa um lago,
Onde a mesquinha, fraca, inútil gente
Quasi afogada, ao céu grita, dizendo:
«Ó poderoso Deus? ó pai piadoso?
Ah Senhor? ah Senhor, misericórdia!»

O mísero espectáculo infelice,
Bastante a demover hircanos tigres,
Ver femininos gritos que apressados
Com acento afligido os ares rompem!
A nau sumida torna oferecer-se
Ao trabalho e perigo de outro encontro,
Mostrando ali outra vez a submergida

Proa, dentro no mar a popa esconde.

O fero Eolo, vendo tardar tanto
Aquele efecto com que a falsa deusa
Vingada ficará, vendo que a força
Da portuguesa nau tudo resiste,
O colérico Rei, arrebatado
Com ímpeto e furor, chega raivoso;
Com sua vinda as ondas alevantam
Um novo espantossíssimo bramido,
Com nova escuridão e sombra horrível
Se cobre o turvo céu então de novo,
Os ventos de contrárias partes bramam,
E co'a mísera nau as ondas lutam.
Afrontado por ver que assi contrasta
E vence ūa só nau o mar e os ventos,
Com sembrante feroz diz: «Sempre a força
Das portuguesas naus ficará firme
E com tanta soberba, desprezando
De Neptuno o poder e o meu, se alarguem
Por mares profundíssimos que desta
Forte nação só, foram navegados?
Não posso já sofrer tantas injúrias,
Quais esta belicosa, forte gente
Me faz cada momento!» Tais palavras
Soltando Eolo, aos ventos assi disse:
«Apartai-vos, ó fracos, desta empresa,
Pois que tanto vos dura ūa nau fraca!
I mover com brandura os verdes ramos
Dos álemos frondosos e altas faias,
Um murmúrio formai, neles suave,
E recreai com brando, fresco assopro
Os acesos ardores do molesto,
Intolerável, duro, seco Estio.
Dai a honra de tal feito a quem justos
E devidos lhe são casos maiores.»
Corridos Euro e Noto do castigo
E dura repreensão do Rei soberbo,
Ambos com força e fúria que bastara
Levemente arrancar fragosas serras
Dos antigos assentos, e a mil montes
Desfazer e aplanar em pouco espaço,
Nessa mísera nau ambos envestem
Com denotada fúria e força imensa,
Arrebatam-na, dando num rochedo
Com ela um lastimoso e impio golpe.
Clamores altos, gritos e alaridos
Até às estrelas chegam, dos que dentro

Ali salteados são da miserável,
 Última, desestrada, triste sorte.
 O estrondo infelice, que trazido
 Foi por casos adversos, vai correndo
 Até onde a fermosa Lianor tinha
 Abraçados consigo os seus meninos.
 De dor e de temor ficam cortados
 Os espíritos vitais, e aqueles olhos
 Que com luz viva e raio poderoso
 Entranhas, corações e almas rendiam,
 A força perdem toda, e traspassados,
 Sem graça ficam tristes e sem vista,
 O sembrante gracioso, diferente,
 Mudada a cor purpúrea em côr defunta,
 Qual fica a terra frol no verde prado
 Quando bruto animal, com cruel pranta
 A maltrata e ofende, escurecendo
 A fermosura e graça que antes tinha,
 Caído jaz sombrio, murcho e triste,
 Sem vigor o bellissimo ornamento,
 Aquele que do campo era honra e glória,
 Dos olhos era fresca, alegre vista.
 Acode o Sousa ali, deixa o perigo
 Geral em todos, só este receia,
 Por ãa parte vê perder-se a gente,
 Por outra vê morrer a por quem vive.
 Entre estes dois extremos pede o triste
 A Deus favor e em tal pressa remédio;
 Manda que o batel grande ao mar vá logo,
 Que esperanças da nau já as tem perdidas;
 Nos braços toma e alça o peso amado
 Daquela desmaiada fermosura,
 Toma ambos os filhinhos (doce prenda
 Em outro tempo, agora dor crecida),
 Ajudado de vinte duros homens
 Usados em trabalho e nele expertos,
 No batel entram, dando toda a gente
 Que lá fica na nau ãa triste grita.
 [...]

Canto Oitavo

[...]
 E vendo o capitão a terra estéril,
 Desabitada, só e sem remédio,
 Ajunta os principais varões e diz-lhe
 Com sembrante seguro estas palavras:
 «Amigos e senhores meus, bem vedes

Este mísero estado a que chegámos,
 Do qual espero em Deus e nele fio
 Que em outro nos porá mais descansado.
 Ser permissão divina claro consta,
 Pois cá nada se move sem vontade
 De Deus omnipotente, e assi confesso
 Que a causa deste mal são meus pecados.
 Não outros, estes são os porque agora
 Todos passamos tanta desventura.
 Ó poderoso Deus, o que eu mereço
 Co' esta grande inocência se redima!
 Dizendo estas palavras, um fermoso,
 Tenro filho nos braços levantava,
 E c' os olhos, de lágrimas cobertos,
 Postos no alto céu, assi dizia:
 «Clementíssimo Deus, eu te apresento
 Este que não tem culpa, este te abrande,
 Tem dele piedade, pois to ofereço
 Com outro inda menor em sacrificio.»
 [...]
 No cabo desta prática se sente
 Um murmúrio de lástima, causado
 Em toda aquela gente. Todos juram
 E prometem segui-lo em bens e males.
 Aparelham-se todos ao caminho
 Confuso, incerto, escuro e perigoso,
 Vendo-se geralmente em todos ãa
 Mortal e profundissima tristeza.
 Agora, musa minha, agora é tempo
 Que tu comigo cantes o discurso
 Da peregrinação mortal e o triste,
 Infortunado fim de tanta gente;
 Os trabalhos, as guerras, os perigos,
 Sobressaltos, traições, estrago e mortes;
 Dá vera informação de tantos males,
 Pois certo sou que tu deles te lembras.
 Arvora-se ãa lança e nela soltam
 ãa bandeira aos ares que a figura
 De Cristo Redentor, braços abertos,
 Mostra morrer na cruz por nos dar vida.
 Levanta-se um clamor geral em todos,
 Vendo o filho de Deus, com duros cravos,
 Pregado num madeiro e do sagrado
 Costado derramar de sangue um rio.
 Com levantadas mãos, com altas vozes
 Em lágrimas envoltas, a divina,
 Venerável figura adoram todos,
 Todos dizem: «Senhor, misericórdia!»
 [...]

Canto Nono

[...]

Crece a fome em geral, crece o trabalho,
Alento e forças quasi desfalecem,
Alguns se rendem já, já de cansados
Se deixam ser de tigres mantimento.
Os olhos nos que vão gemem, suspiram,
Em lágrimas banhados se despedem,
Dizendo: «I-vos, amigos, Deus vos livre
Deste passo espantoso em que ficamos.»
Após estas palavras, reclinando
Os lassos membros, choram seu fim triste;
Ali de bravos tigres e outras feras,
Em breve espaço são feitos pedaços.
Entre estes também fica um gentil moço,
Filho do capitão, porém nacido
De mulher diferente; este não tinha
Então dezasseis anos bem cumpridos.
A sua tenra idade não bastava
A moléstia sofrer de tal caminho,
Inda que se enxergava o nobre sangue
Suprir o que tais forças não podiam.
Os imperfeitos membros trabalhados,
Os espiritos vitais enfraquecidos,
Afadigados já daqueles passos
Arrastados do seu ânimo altivo,
De súpito se rendem, dando em terra
Um lastimoso, duro e cruel golpe,
Bem assi como a luz que a parda oliva
Com seu crasso licor cria e sustenta,
Sendo já consumido, a labareda,
Desejando viver, ali se esforça,
E quando mais vigor mostra, então súpita
Morre, deixando o ar envolto em sombra.
O nobre moço cai sem mais mover-se,
Os frios olhos já nadando em morte,
Roubada a cor do rosto e um funesto,
Pálido, mortal véu nele estendido.
[...]

Já desatada ao ar a sacra insígnia
O divino sinal dela os esforça,
Já se renovam forças nos cansados
Braços, nos corações já ferve a ira.
Grandes nuues de frechas se despedem
Lá da parte dos bárbaros imigos,

Pelos delgados ares vão fazendo
Um cego, surdo estrondo mal distinto.

Como quando se vê a espessa banda
De pintados zorzais que o proveitoso,
Miúdo e negro fruto, por distinto
Da natureza, lá no Outono aventam,
Do saboroso roubo cobiçosos,
Conjurados vêm todos em cerrado,
Alígero esquadrão, e no arvoredo
Deles bem conhecido, fazem dano.
Tantas e tão espessas bandas voam
De nocivas, mortais, ligeiras frechas,
Muitas ficavam vãs, muitas encravam
Com dor intolerável alguns corpos.
[...]

Diogo Mendes Dourado, varão grave,
Denodado, feroz, robusto e forte
Ajunta-se a este número e revolve
A cortadora espada a todas partes.
António de Sampaio, cujo aspecto
Mostra do coração o vivo esforço,
Outro arcabuz nas mãos tem com que ofende
E mata grande cópia dos imigos.
Da salitrada e negra espécia o rosto
Traz de mil negras manchas rodeado,
E na robusta frente ùa água grossa,
Caindo, lhe faz feia a catadura.
Acende-se a peleja hórrida e fera,
Cresce o bravo furor em cada parte,
Se morre um Português, com vinte vidas
Dos inimigos esta só se compra.
Procura cada um por vários casos
E por sucesso incerto haver vitória.
Levanta-se um clamor até às estrelas,
E alarido que chega e rompe as nuves.
Nũa parte as agudas frechas passam
D'esforçados varões os fortes peitos,
Em outras jazem muitos reclinados,
Os célebros sangrentos sobre os ombros.
[...]

O valente Dourado que ali tinha,
Com perigo da vida, honra ganhado,
E os seus robustos braços tinham feito
Nos inimigos um sangrento estrago,
Vendo um Cafre, que ali era entre todos
Julgado com rezão por mais valente,

Remete com furor, e não recua
O imigo, antes seguro espera o golpe,
Que sobre ele já vinha tão pesado
Que bastara fender qualquer dureza.
O ligeiro adversário furta o corpo,
O golpe fica vão e a vida salva.
Não tarda o Cafre em vir antes coberto
Do forte escudo, torna o braço alçando,
O alfange descarrega, cuja ponta
Na cabeça ao Dourado um pouco alcança.
Ambos investem, dando-se mil golpes
Com que retine o ar e o vale geme,
Que se o Dourado é forte e valeroso,
O seu contrário quasi igual responde,
Assi como cerdosos dous selvages,
Polas brenhas e mato ambos crecidos,
Um arremete ao outro, denodado,
Com agudo colmilho e crespo lombro,
Das escumosas bocas com braveza
Lançam roncros, horríbeis e fumosos,
Nos assanhados olhos amostrando
Reverberar relâmpados espessos.
O Dourado não quer que se dilate
Mais a forte contendida, chama e pede
O divino favor, do qual sentindo
Conhecido sinal, redobra os golpes.
A rutilante espada alto levanta,
E contra o duro imigo a manda e fende
O corpo quasi todo, vai fugindo
Aquel'alma furiosa ao Reino escuro.
Mas que aproveita ao triste tal vitória?
Pois que não teve tempo de gozar-se
Dela, nem teve tempo que os cansados
Membros um ponto só favorecesse,
Que apenas acabava o fero trance,
Quando lá da contrária parte voa
Ûa frecha cruel, de rigoroso
Destino infelicíssimo guiada.
Levemente lhe passa o forte peito,
Passa-lhe o coração robusto e duro,
Ûa parte ali mostra as penas, e outra
Nas costas mostra o ferro em sangue tinto,
Cai o forte varão, regando a terra
Com escumoso, ruivo e quente sangue,
Desemparrados já da luz radiosa,
Os frios olhos cerra em noite escura.
Após esta vêm duas: ùa fere

O Sampaio no braço esquerdo, e abrindo
A boca por queixar-se co'a dor grande,
A outra que lhe traz a morte chega,
Mete-se pela aberta boca e passa
Sem nada se deter, e o varão fero
Co'a raiva aberta os dentes, racha e quebra
Aquela vã, ligeira, e sutil hasta,
Cai-lhe o arcabuz das mãos, ele recua
Quatro passos atrás, e num momento
Arravessa a purpúrea alma, num rio
Todo sangrento, e cai sem mais mover-se.
[...]

Vendo Pão que o silêncio da nocturna,
Húmida escuridão, por todas partes
Estendido, em geral repouso tinha
Gentes, aves e feras ocupadas,
E que os molestos grilos, com seu canto
Importuno, se ouviam nas profundas
Aberturas da terra, e polas sombras
Negras, a prodigiosa ave voava,
Sobe-se num penedo donde via
O dormido arraial, e com suspiro
Tristíssimo a sanfona toca e canta.
[...]

Viu a bela Lianor ao sono entregue,
E vendo a conjunção ditosa chega,
Com passo duvidoso, acovardado,
Os olhos na beleza adormecida;
Com mais atrevimento os firma, e nota
Ocultas perfeições que Amor de novo
Polo mais namorar lhe descobria.
Já deseja acordá-la brandamente,
Com adúltera paz, todo afrontado,
Quasi por obra o põe, e num momento
De prepósito tal logo se muda;
Atrevido se vê, mas constrangido
De não sei que vileza, atrás se torna;
Parece-lhe que, estando assi dormida,
O sente, vê, entende e que se anoja.

Quando no claro Oriente a fresca Aurora
Ûa rosada luz mostrou, e os ares,
Ofuscados co'a noite, várias flores
Por toda a redondeza descobriam,
A Lusitana débil, fraca esquadra
Deixa o esquivo lugar e já caminha,

À marítima costa vai direita,
Tornando atrás de terra um grand'espaço.
Mudo esteve o pastor ali escondido
Até que rebulição se não sente,
Desfigurado todo segue a via,
Mas depois que a perdeu de vista, torna
Ao prado conhecido, onde nas flores
Aqueles olhos vê que em pouco espaço
O trouxeram por força a tanto dano.
Imaginava ouvir no rumor surdo
Da cristalina fonte a voz suave
Daquela suave boca, quanto ouve
E quanto vê, Lianor se lhe afigura,
Qualquer ou ave ou ramo que se move
Lhe fere o coração com sobressalto,
Alterado se vira, atenta e busca
O fantástico bem, falso e fingido,
Tremendo todo, todo embaraçado,
Rodeia os olhos a ãa e outra parte,
E ao pé de um freixo antigo, onde deitada
Dona Lianor esteve, a vista firma.
As ervas vê pisadas que a medida
Do belíssimo corpo claro mostram,
E honrando-se de a tal peso render-se,
Nunca mais levantar-se procuraram.
O Semicrapo ali se deita e sente
Ter de tal benefício algum alívio,
Toca a sanfona e nela, com voz triste,
Do soberbo e cruel Amor se queixa.
[...]

Canto Décimo

[...]

Isto dezia Pão, mas longe estava
De serem seus suspiros dela ouvidos,
A qual naquela hora a um grave sono
De todo estava entregue e já rendida.
Sonha a triste que vai sem companhia
Por ermos espantosos e medonhos,
Por caminhos estreitos e confusos,
Cobertos de cerrada negra sombra,
Onde acha a cada passo mil perigos;
Ora os filhos lhe matam, ora encontra
Manuel de Sousa todo envolto em sangue,
De mil cruéis feridas traspassado.
Com grande sobressalto acorda, e tenta

Por ver se os seus meninos tem consigo;
Traspassada, tremendo, a côr perdida,
C'ô marido caríssimo se abraça,
Que nesta conjunção nada repousa,
Antes em pensamentos quebrantados
Com imaginações todas contrárias
Aqui e ali diverte a fantasia.
[...]

Vira os olhos à parte esquerda, e junto
De ãa ara antiga viu, com triste rosto,
Ûa virgem belíssima, chorando
A sua antecipada, indigna morte.
O coração lhe quebra a fera história
Que bem merece ser eternamente
Com lágrimas sentida. Ó cruel Iépte,
Trocaste o ser de pai por ser verdugo!
Se o paternal amor não te movia,
Movera-te (sequer) tal fermosura,
Que se promessa tinhas a Deus feita,
Não se entendia ser essa que cumpres!
A Deus prometeu Iépte, se tornava
Vencedor dos contrários Amonitas,
Sacrificar-lhe a cousa que primeiro
Visse, vindo da guerra com vitória.
A filha que a ditosa vinda soube
Ao encontro infelice vai depressa,
Festejando a vitória do pai caro,
Ao qual quer muito mais que a própria vida.
Com alvoroço vai a bela dama
E com estreito abraço ao pai se junta
Com simplex inocência, descuidada
Do mal que de tal vista lhe resulta.
Tomava o lastimoso pai nos braços
Aquele tão piadoso sacrificio,
E querendo tingir c'ô puro sangue
A ara... o Sousa os olhos dali tira,
Que não pode acabar de ver um golpe
Tão bruto, tão cruel, injusto e duro,
E movido de lástima reprende
Do rigoroso pai tal crueldade.
[...]

Estava com mão douta o Sol radioso
Com estranho artifício escurecido,
Mostrando-se no mundo em toda parte
Um geral e espantoso terremoto,

Os ares turbulentos e sombrios
 Daquele horrendo eclipse, povoados
 Viu de angélicos rostos, onde pena
 E aflição dolorosa se devisa,
 Viu frias e funestas sepulturas
 Abertas, e viu nelas levantados
 Já defuntos varões, de aspectos tristes,
 Atónitos tornar à mortal vida.
 E viu num seco monte em cruz penosa,
 Estendido IESVS Verbo encarnado,
 Os lacrimosos olhos no céu fixos,
 Do padre haver perdão aos pecadores.
 Adora o Sousa a sacrossanta efígie,
 Dizendo: «Ó bom Senhor, que mais me fica
 Por ver, pois que vos vejo a vós, ó fonte
 Donde a verdade mana, assi ofendido?
 Reputado entre os maus e ser um deles
 O povo pertinaz vos apregoa.
 Ó virtude do Padre omnipotente!
 Ó entranhas de imensa caridade!
 A cruz vejo banhada nesse sangue
 Que nela derramais por meus pecados,
 E pois, Senhor, o mundo assi vos trata,
 Bem claro mostra ter ódio à Verdade!»

Canto Décimo-Primeiro

[...]

Quatro portas patentes por onde entra
 Inumerável gente viu, e alçando
 Os olhos na primeira, viu sentado
 Um varão penitente, fraco e triste,
 Vestido de vil pano mal composto,
 O rosto baixo, humilde, a cor defunta,
 Quasi os olhos cerrados, e debaixo
 Dos pés tem claras letras que assi dizem:
 «Hipocresia sou, a Deus odiosa,
 Santa vida professo, o mundo abraço;
 De ignorantes prezada, co'estes cumprio
 E faço quanto quero, inda que injusto.»
 Viu entrar por aqui, de toda sorte
 De gente, tanta cópia que não cabe.
 Uns em tristes sembrantes escondidas
 Dissoluções secretas e outros males,
 Com pálidos sembrantes já defuntos,
 E com singelo, humilde, triste aspecto,
 Os interesses seus dissimulando,

Tirânicos proveitos pretendendo.
 Sob color de virtude outros entravam
 Símplices, idiotas, escolhidos
 Pera tratar de cousas importantes,
 Em officios e cargos eminentes.
 Outros viu mostrar olhos mesurados
 Contrafeitos, pesados e tristonhos
 Com falsas aparências, trabalhando
 Por artificio vil ser admitidos.
 Outro género viu dos que frequentam
 Os divinos officios com indústria,
 Com devação forçada se mostravam
 Humildes penitentes mas fingidos.
 Tanta era a multidão destes que enchia
 Só por aquela porta o templo, e muitos
 O Sousa conheceu que, com tal manha,
 Grandes faustos e rendas adquiriram.
 Chega-se a um daqueles contrafeitos,
 Que ser-lhe amigo já se lhe mostrara;
 Espantado de o ver, lhe diz: «Que fazes
 A voltas aqui desta vil companhia,
 Onde agora conheço tais maldades,
 Com que me já enganei tendo-as por santas?»
 Aquele lhe responde: «Bem pareceis
 Não sentir o sagaz trato mundano.
 E pois és peregrino onde aqui tantas
 E diversas nações sempre concorrem,
 Sabe que o falso mundo fundou este
 Soberbíssimo templo onde aportaste.
 Aqueles que mundanos bens procuram,
 Por ilícitas vias aquiridos,
 Em romage aqui vêm, e como cursam
 Os tempos, assi deles se aproveitam.
 Todas as quatro portas estão sempre
 Da maneira que vês, e os que por esta
 Entram, conhecerás que buscam rendas,
 Estados, dignidades e privanças,
 Por virtude não vera mas fingida,
 Por aparências santas, contrafeitas,
 E pois não val' esforço ou nobre origem
 Seguirem tal caminho, porque o culpas?
 Neste tempo florece quem mais mostra
 Da limpa consciência o mor extremo,
 E como esta no mundo pouco se usa,
 Encobrem com esta capa seus defeitos.
 Todos estes que vês de humildes rostos,
 Inchados corações e almas soberbas
 Encobrem com vil trajó, e parecendo

Que avorrecem mandar, mandar procuram,
Mostram nada querer, tudo possuem,
Fingem zelo comum, mas é só próprio,
Fazem-se persuadir que dão remédio,
E por seu interesse tudo estragam.
E pois que esta primeira porta viste,
Nas três verás também de que te espantes,
E nelas acharás diversas vias
E modos com que o mundo vive agora.
Folgara acompanhar-te, mas não posso
O caminho deixar que agora sigo,
Pois espero por ele alcançar cousa
Que por nobreza e esforço se me nega.»
Dizendo isto, se envolve num momento
Co'aquela gente hipócrita, nefanda.
Fica o Sousa espantado, vendo tanta
Cegueira nos que tal maldade aprovam.
[...]

Canto Décimo-Quarto

[...]

Para que me detenho nesta história
E vos canso co'a mísera pintura,
Que enfim vereis dos Mouros a vitória
Vereis de Portugal a desventura.
Todo seu resplendor, a fama e glória
Que teve com razão na mor altura,
Abatida, será vituperada,
E com geral opróbrrio desprezada.

Ora vede, Senhor (isto dizendo,
Os olhos a outra parte já virava),
A funesta visão do caso horrendo
Que o sangue nas entranhas congelava.
Vede um campo por onde vão correndo
Mil arrosios de sangue, que mostrava
Grande cópia de corpos estendidos
Polas crecidas ervas escondidos.

Outros vereis que se andam rebôlcando
Naquele humor sangrento, negro e frio,
Os cavalos e os homens ir tombando
Polas ondas de um alto e fundo rio.
Olhai que se vão todos afogando,
Olhai, e não vereis lugar vazio
Onde sobre os já mortos Cavaleiros
Não gritem negros corvos carniceiros.

Vão homens, vão cavalos submergidos
Por baixo da corrente impetuosa,
Cavalos e homens ficam estendidos
Na campanha funesta, sanguinhosa.
Vede ilustres varões todos caídos,
E a sua descendência valerosa
Entre canalha vil degenerada,
Sem diferença algũa ali abraçada.

Vede os confusos montes dos defuntos,
No mundo vede que tudo é possível,
Os vulgares e os nobres vereis juntos
Com estrago espantoso e mal terrível.
Neste dia cruel vereis trasuntos
Desta vida mortal, ó caso horrível!
Que o pobre, o rico, o fraco e [o] que é mais forte,
São todos em geral iguais na morte.

Vede o véu tenebroso e nuve escura
Que assombra e cobre a Lusitana terra,
Vede a pena mortal e aflição dura
Que em peitos femininos cá se encerra.
Vereis que liberdade se procura
E para o tal remédio o pacto se erra;
Não digo de ninguém, mas está visto
A tenção de quem teve a culpa nisto.

Vede cativos tristes, acabando
Em cativeiro duro e vida estreita,
E o que vai seu remédio procurando,
Tão vagaroso estar lá dentro em Ceita.
Vede o que pedem uns, outros negando,
E o que promete o preço, o Mouro o engeita,
Em tanto corre o tempo, acaba a vida
Do que esperando a tem já consumida.
[...]

Canto Décimo-Quinto

[...]

O que o Cafre promete, aceita o Sousa,
Torna-se a recolher, o tempo aguarda,
E enquanto a noite vai por seus espaços
Passando pontos, horas e momentos,
A triste fantasia solta e manda
Por partes perigosas e cansadas,
Traça no pensamento mil sucessos
Infelices, mortais e sem ventura,

Õa triste aflição lhe cansa o sprito,
Um prodígio funesto alma lhe passa,
Sente no coração ãa grave angústia
Que miserável fim lhe pronostica,
Não basta grande esforço, não lhe basta
Um ânimo que a tudo se ofrecia,
Não basta um coração robusto e forte,
Nem ãa opinião em tudo altiva.

A tudo vence ali ãa viva pena,
A tudo um pensamento desbarata,
E tanta força tem que os desvelados
Olhos de tenras lágrimas lhe banha.
Trabalha de encobrir esta fraqueza
Por que a sua Lianor não na entendesse,
Que muito mais sente ela vê-lo triste,
Que todo quanto mal passou e espera.
Assi está num mar de ânsias engolfado,
Vendo da cruel fortuna o frágil crédito,
Vendo da vária roda a ligeireza
E do perverso mundo a vã confiança.

As rodantes estrelas com luz turva
Polas nocturnas sombras reluziam,
Estando por passar a terça parte
Da calada, confusa, escura noite,
Quando daquele Rio a image Augusta
Por entre freixos e álamos se alçava,
Vestida de sutil e verde linho,
E de folhosas canas coroada,
Trazendo em corro Náiades belíssimas,
Pola corrente sesga, branda e fácil,
Que nas líquidas águas levantadas,
Este canto tristíssimo dezião:

«Capitão infelice, aborrecido
Do tempo e da fortuna rigorosa,
Onde te vás? Não vês que vás perdido?
Ah fuge, fuge a terra perigosa.
Onde te vás ah triste sem sentido?
Onde levas a cousa mais fermosa
Que o mundo encerra em si? Não tens piedade
Da sua florescente fresca idade?

O primeiro limite já passaste,
Este segundo vás perseverando,
O caminho mortal que começaste
Ainda o vás agora efectuando.
Ao furor libitino te entregaste,
Seguindo um mau conselho, o bom deixando,
Torna, cruel, atrás e tem piedade

Da indigna perdição de tal beldade.

Esperando-te está ãa horrível morte,
Mas primeiro verás determinada
A vida da belíssima consorte
Da qual será tu'alma traspassada,
Primeiro chegarão ao passo forte
Teus filhos, doce prenda desejada.
Torna-te atrás, cruel, e tem piedade
De ãa tão mal lograda mocidade.

Na terra ficará desconhecida,
O corpo tão fermoso sepultado,
E na deserta praia, consumida
A branca mão e o peito relevado.
Ai, para quanto mal te lá convida
O duro parecer que tens tomado!
Torna, torna atrás e tem piedade
De tal valor, tal honra, tal beldade.

Sobre o defunto corpo, mil clamores,
Mil gritos ouvirás na sepultura,
Verás o triste fim de teus amores,
Onde cuidas achar melhor ventura,
Verás cortado o tronco, e as tenras flores
Espargidas por terra. Ah sorte dura,
Ah tempo rigoroso e sem piedade,
Como foste cruel a tal beldade!

Por espantosas brenhas escondidas
Desemparado irás e aborrecido,
E vendo as esperanças já perdidas
Em vão te mostrarás arrependido.
Com lágrimas, com vozes afligidas,
Pedirás ao céu o pago merecido,
Em tigres acharás a piedade
Que tu mostras agora a tal beldade!«

O nobre capitão a noite passa
Sem que o sono ocupar pudesse os olhos,
E tanto que deixou Febo o hemisfério
Húmido, alterado e turbulento,
E as cabeças dos montes com luz nova
Feriu, se levantou, mas não como antes,
Porque o pressago canto lhe deixara
O juízo natural já trastornado.
Não que muito evidente se enxergasse
Aquela falta e perda recebida,
Mas quem nele atentara algũa mudança,
No diferente ser logo entendera.
[...]

Canto Décimo-Sexto

[...]

O rústico manjar, seco e bravo,
Polo cerrado mato outra vez busca
Com tanta diligência, quanta o nobre
Açor põe em buscar presa a seus filhos.
Vagando andava de ãa em outra parte
Com triste coração e ânimo aflito,
Seguindo qualquer via que no mato
Menos deficitil vê, menos confusa.
De dor penosa e grave traspassado
Vai por onde a fortuna o leva e guia,
Mete-se pola brenha, onde mais forte,
Mais espessa se mostra e mais escura,
C'os braços nus aparta os espinhosos
Ramos, fazendo um áspero caminho;
O veloz animal ganchoso salta,
Foge a lebre espantada do rugido,
Sobressaltado fica o varão nobre
Do estrondo e ramoso rebuliço,
Cuida ser, por ventura, algum soberbo,
Bravo leão ou fero, hircano tigre,
Já deseja morrer por se ver fora
De um tão penoso mal, tão insofrível,
Mas lembra-lhe Lianor e aqui não pode
Sofrer tão dura, grave e triste ausência.
Do vário imaginar já alienado,
Entra por um sombrio, espesso bosque,
Onde frondosas árvores impedem
Ao ar a entrada, a vista ao ledo dia.
Grossos, densos vapores represados
No côncavo arvoredado andam continos,
Envoltos com ar turvo que ali causam
Um mortífero bafo, húmido e frio.
Depois que o Lusitano varão neste
Lugar cerrado entrou, viu conhecida
A pálida figura do defunto
Filho que atrás deixou por seu descuido,
E ainda que a visão horrível teme,
Com lágrimas lhe diz: «Amado filho,
É certo que te vejo? Ah, filho amado,
É verdade ou ficção falsa e fingida?»
Dizendo estas palavras, corre aonde
A fantástica forma se devisa,
E cuidando abraçar o filho, abraça
A sombra que entre os braços vã lhe fica.

Três vezes procurou satisfazer-se,
Todas três lhe ficou o intento inútil,
E como sonho vão ou leve vento
Foge a sombra mortal, falsa e vazia.
[...]

Um grande espaço esteve sem mover-se,
Cortado o coração do triste anúncio,
Perdida a cor do rosto, e arrasados
Os olhos d'água, em terra os tinha fixos.
Volvendo e revolvendo vários casos
Na cansada e afligida fantasia,
Um tremor frio vai correndo ao triste
Polos cansados membros e por veias.
Deseja ver Lianor mas teme achá-la
Sem luz nos claros olhos e sem vista;
Deseja ir-lhe falar, mas imagina
Que a boca já mortal lhe veja muda;
Deseja ir ver a côr da fresca rosa
Polo rosto bellissimo estendida,
Teme achar-lha coberta de ãa sombra
Já fria, já mortal e denigrada;
Deseja ir ver a graça e o meneio,
Branda conversação e amigo trato,
E receia ver tudo convertido
Em hórrida figura e aspecto triste.
Ah quantas vezes prova atrás tornar-se,
Quantas o coração seu mal lhe avisa,
Quantas vezes, mudando o passo, intenta
Não prosseguir o mísero caminho,
E tomar por remédio ir buscar antes
De algum fero animal o bravo encontro,
Que ir ver morrer aquela, cujos olhos
Morte cruel já tinham dado a muitos.
Combatido de tantos acidentes,
Apenas mover pode o tardo passo,
Mas pouco espaço andou, quando viu certos,
Evidentes sinais do que timia.
Ao pronto ouvido chega um triste pranto,
Altos gritos, chorosos e carpidos,
Sobressaltado fica, mudo e frio,
Havendo já por certo o que receia.

Canto Décimo-Sétimo

[...]

Com trabalho se apressa por achar-se
Presente ao mal que teme e já vê certo,

E da penosa dor afadigado,
Quasi arrastando vai os lassos membros.
Um difícil anélito lhe seca
A boca já mortal, e os tristes olhos,
Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
De lágrimas piedosas se convertem.
Chega adonde Lianor ao passo forte
E ao termo tão tímido estava entregue;
Vê que a turvada vista rodeando,
A ele só demanda, a ele só busca,
E vendo que é chegado, esforça um pouco
O ânimo e procura despedir-se;
Levanta com trabalho os mortais olhos,
Quer-lhe falar... a morte a língua impide;
Firma-os cada vez mais no triste rosto
Daquele único amigo que já deixa,
Trabalha agasalhá-lo, e não podendo,
Com dor mortal na terra se reclina.

Calíope divina, agora é tempo
Onde me é o teu favor mais necessário.
Torna-me ao coração aquela força
Que em termo tão estreito tem perdida,
Concede-me vigor ao fraco espírito
Que co'a presente dor já desfalece.
A mão e a língua guia, que refusam
Prosseguir e tratar passo tão forte.
Dentro no peito geme est'alma minha,
Lastimada e doída do impio caso,
Do sucesso cruel e fim tão triste
Que aqui guardado estava a tal beleza.

Entregam-se a morrer aqueles olhos
Que mil mortes já tinham dado a muitos.
Ūa mortal angústia lhe rodeia
Aquele alegre e angélico semblante.
Já de todo lhe foge a côr-de-rosa
Do rosto tão fermoso, já s'esfria,
Já fica a branca mão sem movimento,
O peito ebúrneo fica sem sentido.
Qual da casta Diana a bela image
Se viu por mão de Fídias esculpida,
Que o soberbo edificio enobrecendo
Sentiu do tempo avaro a força e a ira,
Entre antigas ruínas jaz a ilustre,
Admirável figura despojada,
E ainda que perdeu estado e glória,
Dissenho lhe ficou, valor e estima,
Ali mostra um perfil medido e justo,

Nos membros proporção perfeita e rara,
Mostra fermosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo fermoso mas sem vida,
Tal na deserta praia fica o corpo
Mais que mármore ou branca neve branco,
De crespas febras d'ouro socorrido
Que com intento casto ali defendem.
Alça-se um alarido até às estrelas
Das criadas que em torno dela estavam,
Ferem com duros punhos rosto e peitos
Fazendo um triste som que rompe as nuvens.
Dos gritos e lamento outra vez torna
O côncavo rochedo ũa voz escura,
E correndo por baixo do arvoredor
Miseráveis acentos vai formando.
Quantas vezes o nome amado chamam
Com palavras do choro interrompidas,
Tantas Eco chorosa lhe responde
Co'a mesma dor, c'o mesmo sentimento.
O varão infelice, traspassado
De ũa terrível dor, já sem remédio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Sofrer a grave carga e peso triste,
Junto do amado corpo se reclina
Com semblante afligido, os tristes olhos
Com intrínseca pena os tinha prontos
Naquela já defunta fermosura.
Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bens se reduziram.
Cuida em contentamentos já passados,
Que agora muito mais o entristicam.
Ali (para mais dor) se lhe apresenta
O vário proceder de seus amores,
O princípio alterado, e o sucesso
Tão próspero, jucundo e tão felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro e tão amigo de mudanças,
E quando imaginava estar mais alto,
Viu da mudável roda a volta dura.
[...]

Elegíada

de LUÍS PEREIRA*

Canto VI: durante o relato que Pantaleão de Sá faz a D. Sebastião da viagem infeliz de Manuel de Sousa Sepúlveda, conta-se o encontro deste com um régulo africano.

Canto VII: uma mulher beirã conta a D. Sebastião a fome que grassa pelo Norte do país.

Canto X: um homem chamado Sancho conta a D. Sebastião a expedição ao reino do Monomotapa, expedição em que morreu o pai do autor da *Elegíada*, António Pereira.

Canto XVII: os últimos momentos da vida de D. Sebastião e sua morte.

Canto Sexto

[...]

62 Três meses sendo casi já passados
Que assi desta maneira caminhavam,
Quando, de meio algum, desesperados
De remédio, vão dar no que buscavam.
Lugares vêem, de cafres habitados,
Amigos no aspeito que mostravam.
Um rei negro rodeia a bruta gente
Que nos espera já alegremente;

63 O qual, com ledas mostras e meneios,
Quanto possível foi, nos assegura
(Sem fingida tenção) os arreceios
E o perigo que o temor nos afigura
— Corações de razão e mágoa cheios,
Em gente tão cruel que nos procura
Até 'li destruir, dando suspeita
Que era aquela vontade contrafeita.

64 Mas porque nos constringe o grande aperto
A tomar por remédio qualquer dano,
Enquanto nos não era descoberto
Nos servimos dos meios deste engano,
Não sendo tal; que o negro, por ter certo
Ser vencedor c'o braço lusitano
Contra outro rei com quem sempre peleja,
À conta do que espera nos festeja,

65 Mandando-nos trazer dos mantimentos
Com que a terra ao trabalho respondia,
Levando-nos a seus alojamentos
Com grandíssimas mostras de alegria,
Tendo seus costumados cumprimentos,
Onde os maiores leva em companhia
Para serem c'o ele agasalhados
E a seu uso ali banqueteados,

66 Dando-nos iguarias nunca usadas
Doutra gente, este rei, manso e benigno,
Aves doutro sabor das costumadas,
Em modo de serviço peregrino,
Onde, depois das mesas levantadas,
Espantado do luso desatino
Que a tal miséria traz os sem ventura,
A voz alevantou, grave e segura,

67 Dizendo, pola língua que interpreta:
«Ó cobiça, princípio de tais danos,
Ardente sede, que se não quieta,
Desta ambição em corações humanos!
Quando, por mais que afirme e que prometa
A fortuna de tronos soberanos,
Foi verdadeira? Quando a vida breve
Tem leis que a morte, enfim, tudo não leve?»

68 Como num fraco pau de tão remota
Região, por tão largo e tormentoso
Mar, vós outros seguís vossa derrota
Após dum sonho vão e cobiçoso?
Quem do doce repouso aqui vos bota?
Quem tanto perigo ordena trabalho?
Não é melhor que a vida se quiete
Que o que a malvada ambição promete?

69 Ó de esperanças falsas razão cega,
Que cuidem que mais fácil muito seja
Acabar co'a fortuna o que ela nega

* Manoel de Lira, Lisboa, 1588. Para resolver dúvidas de leitura, consultou-se também a segunda edição, de 1785. Ortografia e pontuação actualizadas segundo os critérios indicados na "Nota Prévia".

- Que negar ao desejo o que deseja!
Quando se um coração desassossega,
Que a razão c'o a cobiça vã peleja,
O que acabar não pode c'o inimigo
Ou amigo, o acab' o homem consigo!
- 70 Vós outros conquistar quereis aquilo
Que o Céu pudera dar-vos se quisera,
E por força tomá-lo e descobri-lo
Como se por vosso a outrem se dera.
Deus o da terra cá quis reparti-lo
Como quis e entendeu que melhor era,
E não quer que nenhum cego apetite
Exceda a jurisdição de seu limite.
- 71 Não indo mais avante, porque sei
Que isto todos melhor qu' eu entendeis,
Pedindo-vos que a vossa pátria e lei
Costumes c'o mais dela me conteis.
Contou-lhe então o Sousa de seu rei
O que vós melhor que ele inda sabeis,
E depois lhe pediu que não passasse
Avante até que ali se reformasse.
- 72 Não parecendo ao Sousa limpa e pura
Esta vontade, e assi se determina
A vida antes nas mãos pôr da ventura
Que o remédio na condição benigna,
Dizendo-lhe que ali muito segura
Bem vê que está a gente peregrina,
Mas que passar avante lhe é forçado
Por estar antre os seus determinado.
[...]
- Canto Sétimo**
- [...]
- 4 Já co' a nova luz do novo dia
Do observante templo e penitente
Abrigo, o lusitano rei saía,
De seu intento atrás não diferente,
E quando, suspenso, discorria
Vários caminhos, múmura corrente
Ouvindo, move o passo vagaroso
Contra o ruído rouco e sonoro.
- 5 Do pronto ouvido o desejo guiado,
Pouco e pouco descobre um fresco rio,
D'espessa e verde rama está toldado,
De branca areia mostra o fundo frio;
Ao pé dum grosso freixo, já gastado
Do longo tempo, côncavo e sombrio,
Ūa mulher sentada vê, chorosa,
Com traje pouco bom, pouco fermosa.
- 6 O triste rosto pálido sustinha
Sobre a palma esquerda, e, no direito
Braço, consigo apertados tinha
Três filhos, revezando o fraco peito.
De longe lhe parece que caminha,
Estreita vida mostra e amor estreito,
Chega-se o rei à já casi defunta,
E a terceira vez assi pergunta:
- 7 «Dize-me, ó mulher», já rodeado
De nova confusão, «que te desterra
Da pátria e repouso desejado
A mendigar assi de terra em terra?»
«Senhor», responde a voz que, no cansado
Peito, mil vezes a dor grave encerra,
«Necessidade só, poderosa e dura,
Faz com que tudo a tudo se aventure.
- 8 Fome jamais ouvida e desumana
(Que cuidou que ordenou culpa sobeja)
Da minha Beira lá, pátria serrana,
Me trouxe, que já choro que não veja¹.
Fecunda foi a terra lusitana,
Rica de tudo o mais que se deseja,
Agora pobre, avara, não dispensa
Ao rústico com justa recompensa.
- 9 Ceres e Tritolemo, conjurados
Contra a silvestre, lavradora gente,
Danos nunca de nós imaginados
Ordenando nos foram ocultamente,
Onde os tempos, já desordenados
Com modo esquivo e curso diferente,
Co' a ordem natural que preverteram,
Os elementos, cuidou, corromperam;

¹ É possível também a seguinte leitura deste verso:
«Me trouxe. Que já choro que não veja?»

- 10 Vendo-se lá as áridas searas,
Que fecundo tributo às gentes davam,
Negá-lo ao lavrador, secas e avaras,
Do que os rústicos nelas semeavam.
Já sustentar não podem as vidas caras
Que com tanto trabalho sustentavam;
Já não acham verdura em nenhum prado,
Por ser da neve então tudo queimado.
- 11 Mil maneiras de bichos infinitos
Pacem o que renova o lento orvalho,
Bandos de gafanhotos e mosquitos
Que fazem vão o rústico trabalho,
Podendo tanto os esquadrões malditos,
Que verde anzinha ou rústico carvalho
Não escapa da turba, imunda e crua,
Que faz a terra de verdura nua.
- 12 Como quando ao rei duro, obstinado,
Que os tribus de Israel tinha cativos,
Do mal nocivo, tão perseverado,
Nacem no reino males tão nocivos,
Mandando-lhe Deus, em pago do pecado,
Nos nilóticos campos, crus e esquivos
Bandos que comem as prantas, fruto e feno,
Estéril tornando o facundo terreno.
- 13 Anda em vários bandos esta imunda
Praga, cuja pérfida semente
Receio que na terra, antes fecunda,
Se aumente como em reino delinquente;
Em pena, enfim, a culpa nos redonda,
Como se vê na portuguesa gente,
Da qual, porque não sei se enfim o merece,
A d' antre Douro e Minho mais padece.
- 14 Padecem estes tristes mor castigo,
Tudo se seca, queima e nada nace,
Comem-lhe as aves em semente o trigo
E depois esta praga em erva o paze,
Ond' um rouba o vezinho, outro o amigo,
E a outro faz vergonha roxa a face,
Não podendo encobrir necessidades
Que corrompem vergonhas e amizades.
- 15 Qual d'ervas venenosas faz tesouro,
Outra nenhũa já no prado achando;
Qual vende a fraca égua ou magro touro; -
Qual vai todo o rebanho degolando;
Qual um peso de pão dá por dous d'ouro;
Qual, de animais nocivos sustentando
A família, co' eles cai enfermo,
Pondo-lhe a morte a tanta pena termo.
- 16 Ali filhos atrás das mães andavam
Polos áridos campos, apanhando
A seca espiga, que por dita achavam,
Ou raizes, sobre elas pelejando;
Da boca algũas mães então tiravam
A seca teta aos filhos que, chupando
O próprio sangue, já nada lh'importa,
Mamando eles na mãe depois de morta.
- 17 Achavam-se nos campos (de verdura
Avaros), por mil partes derramados,
Inocentes sem vida e sepultura,
Nos braços dos pais mortos apertados,
Tragando alguns a amarga e mal madura
Fruta, e outros muitos os bocados
De venenosos pomos engolindo,
Lh'estava pouco e pouco a alma saindo.
- 18 Deixando a gente tão deseparada
A terra (dos que sendo constrangidos
Da lei poderosa e necessitada),
Que não se achava herdeiro a bens perdidos,
O filho o pai, o pai a filha amada,
E esposas também deixam nos maridos;
Não se acham dous ou quatro que escapassem,
Que, sós, grandes aldeias povoassem.
- 19 Não com tanta razão desabitavam
O egípcio terreno os moradores
Dele, quando os prudentes se jactavam
Na fartura dos míseros temores,
Nem quando à doce Espanha atrás deixavam
De fome pura os próprios lavradores,
Nem quando mouros trocam a liberdade
Por pão, se viu tão grã calamidade.
- 20 Tudo eram gemidos dolorosos,
Tudo mortes cruéis de fome pura;
Mostram então o zelo os virtuosos
E os malvados a avareza dura,

Se não falta comer aos cobiçosos,
Falta-lhes a saúde por ventura.
Vede quanto melhor fica a virtude,
Pois sem ela não há gosto e saúde.

- 21 Enchiam-se os caminhos e as cidades
De fraca, pálida e faminta gente,
Onde se viam tais calamidades
Que a mágoa recitá-las não consente;
Não montam estados, obras, dinidades,
Que Deus castiga a todos igualmente,
E quem da fome escapa por dinheiro,
Nas mãos da morte cai por derradeiro.
- 22 Não escapa da pena, esquiva e dura,
Que as fúrias infernais voando andavam,
Inficionando ali a Esfera pura
C' o corruto alento que sopravam,
Dos corpos que, sem vida e sepultura,
Polas estradas já podres achavam,
Recolhendo os vapores fedorentos
Que depois recolhiam nos alentos.
- 23 A mor parte dos lusos, enfermado
Da pálida doença venenosa,
Poucas vilas, cidades escapando
Da repentina morte rigorosa,
Indo-se polas vidas ateando
Tanto, que a gente, com temor chorosa,
A Deus pede remédio deste dano,
Depois de não achar remédio humano.
- 24 Levanta ao Céu, chorando, altos clamores
C'os gíolhos em terra, assi obrigando
(Com promessas de emenda) os proteitores
Que estão por nós a Deus sempre rogando;
O qual, também ouvindo a pecadores,
Sofre que lhos estejam desculpando
Os que suspiros, lágrimas recolhem,
Que à divina justiça o furor tolhem.
- 25 Rogam por nós a Deus os padroeiros
Santos, e outros muitos naturais
Que escolheram estados verdadeiros,
Deixando casas, rendas, filhos, pais.
De Lusitânia muitos cavaleiros

Sairam, mas de santos muitos mais;
Estê da Fama o trono satisfeito,
Que o céu nos dá mais honra e mais proveito.

- 26 Fica livre, por eles, o culpado
Reino, da fome e mortes que padece,
Não otendo ser por rogos perdoado,
Que o erro antre as mãos mal se conhece;
Esquece logo todo mal passado,
Mas o passado bem mui tarde esquece,
Que, ou por ser breve, ou porque se estima,
Sempre enfim se suspira e se rumina.
- 27 Eis aqui te contei, em espaço breve,
De meu longo destêro a causa justa;
Assaz dói, pouco ter quem muito teve,
Pouco não cansa o que muito custa...»,
Isto dizendo, a fraca voz deteve,
No tronco daquela árvore vetusta
Encostando a pálida figura,
Quando os filhos das tetas dependura.
- 28 Turba-se o moço ali considerando
Da miséria comum a estreita lei,
Passar também por ela desejando,
Como a infelix, miserável grei;
Ser rico, pobre, o mal e o bem provando,
O fará ser, depois, perfeito rei,
Que quem do mal não prova o duro meio,
Mal poderá sentir o dano alheio.
[...]

Canto Décimo

- [...]
- 13 E de saber mais cousas desejoso
Daquelas partes, diz-lhe: «Sancho, conta
Da conquista da áurea e rica serra
E o triste fim da desestrada guerra».
- 14 Move em resposta Sancho a língua leve,
Que a palavra na voz forma, esgrimindo,
E conta longa estória em tempo breve,
Nos corações lugar à mágoa abrindo,
Dizendo assi: «Depois que já se atreve
A portuguesa frota a ir dividindo
O golfo do Oceano, e que do intento
Lhe prometia o fim propício vento,
[...]

- 23 Na ilha desembarcam que chamada
É de nós Moçambique; já pregoa
A Fama na província a forte armada;
Já a nenhum peito o temor perdoa;
A tromba belicosa, desusada,
A Melinde, Farão, Tirut atroa;
Já a Manopotapa a barba treme
E a inútil plebe chora e geme.
[...]
- 35 Senhoreando vão a terra ardente
Os lusos, sem temer dano futuro,
Contra tanto poder dous mil somente,
Quem viu levar caminho tão seguro?
Novo reino edifica a nova gente,
Já se quer rodear de largo muro,
Por não ser salteada destes brutos
Que vivem polos troncos já corrutos.
[...]
- 37 Não guardar o costume lhe é forçado
Dos mal cercados povos de Ogerano
E dos de Esparta, que é conselho errado
Ter sempre a ocasião aberta ao dano;
Buscam sítio fragoso e levantado,
Seguindo o conselho egipciano,
Mas a sede temendo, e provimento,
Mudam o duvidoso e incerto intento.
- 38 Chegam-se a lugares paludosos
E à navegação de um largo rio,
Considerando mal os vaporosos
Ares que dali saem no ardente Estio;
Descuidam-se em notar ventos nojosos,
Escondendo a cidade ao Norte frio,
O rosto não voltando a Oriente,
Erro que então se crê quando se sente.
- 39 Onde não co' a farinha ou grão que come
Volante esquadrão, quando desenha
O Macedónio, e dá princípio e nome
À cidade que o seu folga que tenha,
Nem co' a branca terra em que se tome
Pronóstico algum de bem que venha,
Como Lacedemônia costumava,
O novo muro ali se dessenhava.
- 40 Mas qual, c' o curvo arado, lá rodeia
Toscano feiticeiro olímpia ara,
Quando, c' o níveo gado, em terra alheia
Os muros de Urbs ou Roma assina e ara,
Assi rompendo vai a branca areia
A gente que inda assi se não repara
Das injúrias do tempo, sinalando
A cidade que vai principiando.
[...]
- 46 Aqui pois congregados lugar deram
A que o tempo mórbido chegasse.
O furor e vitória entretiveram
Não cuidando que o tempo lha estorvasse,
Ou porque c' o trabalho conheceram
Quanto a cobiça vã os enganasse,
Ou porque foi, enfim, alto decreto
Da justa Providência a nós secreto.
- 47 Eles dum podre ar, grosso e corruto,
Os calorosos peitos resfriando,
Cumprindo vão da morte o estatuto,
Figuras já de morte assemelhando.
O venenoso ar, fétido e bruto,
Não perdoa a nenhum, que derribando
A todos igualmente, não permite
Que tal cidade ali se estabeleite.
- 48 Vence a morte cruel os vencedores,
Morrem todos ali piadosamente,
E podem bem domar grossos vapores
Os que domando iam a Zona ardente:
São da cobiça vã justos penhores.
Cai o governador também doente,
Corta a Parca cruel, com ferro atroce,
O trabalhoso fio que retroce.
- 49 Recolhem-se as relíquias que ficaram
Da funesta jornada a Moçambique,
Onde Pereira está, c' o qual traçaram
Que o mórbido arraial se reedifique;
Outro novo caminho imaginaram
Que melhor galardão lhes certifique;
Outras minas buscar querem, mais ricas,
Dos naturais chamadas as Manicas.

- 50 Deixa o Pereira então (que governava
A parte cá da costa de Sofala)
A fortaleza a quem a bem guardava,
E com Vasco Fernandes junto abala.
No rio de Cuama se embarcava,
– Que é do trato do ouro a rica escala –
Vão os mais polo rio, outros por terra,
A dar o fim co' as vidas a esta guerra.
- 51 Não é oculto o intento à gente brava
Que outros novos estorvos determina;
Muito a cansa o temor, muito a agrava
O jugo que no colo já imagina,
E, como geração no mundo escrava
Da maldição do pai que alguns ensina,
De pérfido veneno enchem as fontes,
Prados, searas, rios, bosques, montes.
- 52 Vai da maldade oculta descuidado
O arraial que assombra a Cafraria,
Lavra o veneno, e o corpo já alterado
Ocultamente enfermo padecia.
Por armas está já desenganado
O negro rei do pouco que podia,
Por manha quer mostrar que, contra Marte,
Às vezes pode mais que a força a arte.
- 53 O rio cuja fonte e nascimento
É o lago que Zaïre se nomeia,
De sereias, tritões, recolhimento,
Se a voz da fama nisto não se enleia,
De cujo liberal repartimento
O Nilo em a mais principal veia,
Crocodilos também produz e cria
Que andam na terra e moram n' água fria,
- 54 Estes, pois, defendiam esquivamente
Também a antiga pátria, e cometiam,
Com vorace furor, à lusa gente
Que em vão aos feros dentes resistiam,
Escondidos por baxo da corrente
Barcos viravam, homens engoliam,
E nos rostos dos bois ocultos pegam
Quando ao mórbido rio a beber chegam.
- 55 Pois tendo já assi atrás deixado
Grande caminho os tristes lusitanos,
O dano que era já experimentado
Se veio a renovar com novos danos:
Turba-se o céu de grosso humor pesado,
Termo de intentos, voz de desenganos,
Que pouco e pouco acaba e desordena
A forte gente já de côr terrena.
- 56 Toca com fria mão a morte ardente
O peito do Pereira, antigo e duro,
Tão livre, tão leal como prudente,
Tão sujeito e feroz como maduro.
Sai aquela alma já, livre e contente,
Do cárcere terreno, breve e escuro,
E vai gozar, na glória prometida,
Polo meio da morte, nova vida.
- 57 Ó crua morte, ó dura lembrança
Deste filho tão triste, triste mágoa,
Viva e perpétua dor, morta esperança,
Olhos, não olhos já, mas fontes d' água
Onde amor jamais levanta a lança.
Língua cruel, porque acendeste a frágua
Com renovar o saudoso pranto
Que tanto tempo há que corre tanto?
- 58 Deixaras de cantar a triste morte,
De ti já tantas vezes tão chorada,
Pois não contaste aquele peito forte
Da razão suspeitosa, amedrontada;
Enfim determinaste, desta sorte,
Ficares só c' o mundo desculpada.
Tua justa cautela lembra, embora,
Que a dor chorará sempre o mal que chora.
- 59 Pois ficando os que ficam desgarrados,
Tornam poucos, se inda alguns tornaram.
Vês prosupostos mal considerados,
Como costumam sempre, em que pararam?
Estes são os tesouros desejados,
Estas as glórias vãs que lhe ficaram,
Este é o fim da guerra que esperavas
E os troféus, enfim, que imaginavas.
[...]

Canto Décimo-Sétimo

- [...]
- 116 Era a soma enfinita que rodeia
(Por todas partes) os desbaratados,
O vivo ali debaixo se meneia
E grita em vão, dos corpos trespassados;
Algum se quer valer de ajuda alheia
E vê depois os braços ir pegados
No cabo do cavalo que passava,
Que sem no arrancar lhos arrancava.
- 117 Outros aferram, c' o furor da morte,
As pernas dos cansados cavaleiros,
Vindo ambos a terra, desta sorte
A ser por força nela companheiros.
A boca a outros pisando algum consorte,
Calando vão os acentos derradeiros
Da triste voz, que a quem remédio brada,
Lhe acaba ali a vida trabalhada.
- 118 Onde o invicto Bastião esgrime
O ferro que a dar mortes acostuma,
Correndo ali do sanguinoso crime
Rios de licor negro e ardente escuma,
No coração do imigo espanto imprime.
Ó quem tivera aqui meónia pluma
Para fazer (no como aqui peleja)
Espanto a Aquiles e Alexandre enveja!
- 119 Façanhas faz o moço, mas, cercado
Dos mais bravos e fortes agarenos,
Está qual bravo touro agarrochado,
Precatado dos bárbaros acenos,
Onde o Távora, vendo-o em tal estado,
Se vai a eles, tendo ali por menos
Pôr em prisão perpétua a vida amada
Que ver a de seu rei tão arriscada.
- 120 E com humilde aspeito a voz levanta,
Dizendo: «Este é o rei dos lusitanos
Que tanto vos aflige e vos espanta,
Conhecendo seu ser por vossos danos.
Nunca se a lei magnânima quebranta
Antre heróis, por onde, mauritanos,
Não chegueis a provar o ferro agudo,
Pois não ganhando nada perdeis tudo.
- 121 Tesouros e estados vos seguro
Se todos imos hoje a salvamento,
O que por minha lei e meu rei juro
Assaz bastante e firme juramento.»
Responde aquele bárbaro conjuro
Que não tem por seguro fundamento
O que lhe diz, enquanto a brava espada
Não for do moço rei ali entregada.
- 122 Torna o fiel vassalo ao invicto luso
E o duro partido lhe pratica,
O qual se turba e rodeia confuso
Do que sem seu querer se comunica;
E, novamente de furor infuso,
A espada aberta e o cavalo pica,
Dizendo: «Doce morte é morte honrada:
Perder a vida si, mas não a espada.»
- 123 Ferido vai no rosto o moço irado
Quando já aos imigos arremete,
Vai inda de alguns seus acompanhado,
Por antre os dardos o cavalo mete,
Vencer um só a tantos é escusado,
Posto que o duro braço lho promete;
Leva na terza espada que meneia,
A sua própria vida e a morte alheia.
- 124 De negros corpos negras almas manda
À negra casa de perpétuo pranto,
Um de Mafoma o favor demanda,
Outro do Alcorão blasfema entanto.
Cercam-no já, por ùa e outra banda,
C' os rostos tintos de amarelo espanto,
E qual pelouro lança ou dardo atira,
Qual o comete e a rasto se retira.
- 125 Invicto anda, mas que lhe aproveita?
Que a rigorosa morte, endurecida,
Chegado tem ao fim a conta estreita
Da mal lograda e trabalhosa vida:
Um ombro desarmado um mouro espreita
E a espingarda aponta ali comprida;
Sai a bala cruel e ao moço acerta,
Deixando a sangue e a vida a porta aberta.
- 126 Não cai o rei, mas pálido se apeia
Do cavalo que escumando espira

Doutro pelouro, e com furor rodeia
Os golpes que já então sem força atira;
Onde, de fé a esperança cheia
(C' o coração no céu) a alma suspira,
Dizendo: «Ó bom Senhor, Senhor de tudo,
Quem se pode salvar sem vosso escudo?

127 Lembrai-vos deste povo destroçado
E desta alma, turbada e arrependida,
Pois quem perde por vós a vida e estado,
Não perde não, mas ganha Império e vida.
Isto dizendo, o Távora banhado
Em sangue, co' a cabeça ali partida,
Morto cai a seus pés, onde fazia
A outros companheiros companhia.

128 Cai outro corpo logo, sem cabeça,
E doutro, co' a cabeça, o quarto inteiro;
Doutro a pender o fígado começa
Do ventre que rompeu o arcabuzeiro.
Morte não há que ali se não padeça,
Onde o rei, no extremo derradeiro,
De real sangue já fazendo um rio,
O alvo rosto banha em suor frio.

129 Vai o duro acidente ali cobrindo
De mortal sombra a pálida figura;
A vista esconde, os alvos descobrindo,
Todos toldados já de névoa escura;
E a denegrida boca um pouco abrindo,
Reclinando a cabeça na armadura,
Saluça pouco e pouco, onde a ditosa
Alma sai triunfante e gloriosa.

130 Morreu Bastião. Ó morte, que fizeste?
Porque cortado em flor assi o levaste
Das mãos das esperanças? Que temeste
De poderes perder? Ou que ganhaste?
Que glória te ficou do que venceste?
Que gosto, da tristeza que deixaste?
[...]

O Primeiro Cercos de Diu

de FRANCISCO DE ANDRADA*

Canto XII: a cobiça de Suleimão; a viagem da alma de Baudur e da fúria Megera aos paços de Pluto; o sonho de Suleimão.

Canto XVI: o trabalho das mulheres no cerco; Vénus fica indignada; Marte acalma-a; viagem de Marte ao reino do Sono; Morfeu, deus dos sonhos, é chamado a despertar o vice-rei Garcia de Noronha sob a forma de António da Silveira, capitão-mor de Diu.

Canto Décimo-Segundo

[...]

- 74 E vendo que lá d'ũa terra estranha
E dum remoto Rei, assi lhe veio
D'ouro ãa quantidade tal, tamanha,
Sem guarda, sem perigo, sem receio,
Imagina que aquela que acompanha
No Reino o próprio Rei, será sem meio,
E que é lá muito mor a cópia d'ouro
Que a grande fama que há do seu tesouro.
- 75 Solta a rédea à cobiça e o desatina,
Já não acha lugar o aceso peito,
Já cego, vai seguindo o que imagina,
E da imaginação procura o efeito.
Oh cega condição, vil, baixa e indigna
De pessoa real, real conceito,
O qual (se não perverte a natureza)
É senhor, não escravo da riqueza.
- 76 Faz o Turco ajuntar mais dum navio
Com que ordena ãa armada grande e grossa,
- Porque o seu peito aceso torne frio
E dos Cambaios bens fartá-lo possa,
E para tomar da Índia o senhorio,
Senhoreada já da gente nossa,
Havendo isto por pouco duvidoso
Que por fácil há tudo o cobiçoso.
- 77 As novas desta armada e o seu intento,
Por alguns que a vida então deixaram,
Vão ao centro da terra, e lá no assento
Averno, em breve espaço se espalharam:
E duns noutros correndo, num momento
Ao Cambaio Baudur também chegaram,
Que estava triste assaz, por quão avesso
Tivera pola Inveja o seu sucesso.
- 78 Este, vendo que em vão fôra a passada
Obra da Inveja contra a cristã gente,
Sendo com isto nele então dobrada
A fúria e no peito o ódio em dobro ardente,
Com a cabeça baixa e derrubada,
Triste e da companhia sempre ausente,
Imaginando está que modo tenha
Com que o seu mau intento a efeito venha.
- 79 O sentido por cá, por lá derrama,
Mil modos de vinganças imagina,
Porém tanto a cristã gente desama
Que em nenhuma se assenta ou determina,
Porque o ódio insaciável que lhe inflama
O infernal peito, tanto o desatina,
Que nenhũa vingança acha que farte
Do seu menor desejo a menor parte.
- 80 Tanto que agora lá foi descoberto
O que contra Cambaia o Turco intenta,
Inda que o mal dos seus tem por mui certo
Contudo se alvoroça e se contenta;
Cuida que agora tem caminho aberto
De destruir a quem tanto o atormenta,
Dá-lhe da desejada sua vingança
A nova ocasião, nova esperança.
[...]
- 88 O 'Stigio Rei, que nunca repugnância
Para estas cousas tem, mas as acende,
Gabando-lhe outra vez a grã constância
Daquele ódio e vingança que pretende,

* *Obras de Francisco de Andrade*. Escriptorio da Biblioteca Portuguesa, Lisboa, 1852. Ortografia e pontuação atualizadas segundo os critérios indicados na "Nota Prévia".

- Chama outra vez Megera, e com instância
 Lhe manda que se vá lá onde entende
 Que Pluto se agasalha, e que lhe diga
 Que o Sultão obedeça nisto e siga.
- 89 De novo ante Plutão se prostra o espirito
 Pola nova mercê que lhe fizera,
 E menos triste já, menos aflito,
 Porque vingar-se largamente espera;
 Não lhe sofrendo o seu ódio infinito
 A menos dilação, pede a Megera
 Que ao que manda Plutão logo obedeça
 E nisto com a pressa o favoreça.
- 90 Parte-se com veloz curso ligeiro
 A fúria também nisto diligente,
 O espirito do Sultão por companheiro
 Leva também agora juntamente;
 O qual agora mais que de primeiro
 Alvorçado vai, ledo e contente,
 Porque leva ãa grande confiança
 Que ao seu ódio igual terá a vingança.
- 91 Mil vezes no caminho a fúria incita
 A que se desça à terra, imaginando
 Que em qualquer dos lugares que vê habita
 A Cobiça que então iam buscando;
 Porque segundo a todos solicita
 A sede d'ir o seu acrescentando,
 Crê não só que a Cobiça ali estaria
 Mas qualquer dos que vê crê que o seria.
- 92 Não se detendo a fúria, lhe responde:
 «Não me espanto de teres esse engano,
 Que o seu doce veneno Pluto esconde
 Em todo o peito que é mortal e humano;
 E mui poucos serão os peitos onde
 Não reine este apetite cego e insano,
 Isto faz tantas vezes enganar-te
 E cuidar que vês Pluto em toda a parte.»
- 93 Tanto nesta hora já tinham andado
 Porque qualquer ligeiro então voava,
 Que já o assento vêem que gasalhado
 Aquele que buscavam em si dava.
 Este nua alta cova está assentado
 Lá onde em maior cópia o ouro se cava,
 Pobre, mal apetrechado, mal composto,
 Mas tem em torno um forte muro posto.
- 94 Vê-se no meio dele ãa ferrada
 Porta, d'ũa matéria forte e dura,
 A qual o mais do tempo está cerrada
 Mas nem com isto Pluto se assegura,
 Tanto que a fúria aqui faz a chegada
 Dar fim a isto a que vem logo procura,
 Chega-se à porta, e bate quanto pode,
 Porém de dentro lá ninguém lhe acode.
- 95 Pouco se espanta a fúria, que este o antigo
 Uso é, do que naquele assento mora,
 Insta em bater de novo onde atrás digo
 Acesa já de si pola demora;
 Logo na porta abrir sente um postigo
 E viu um que a cabeça lança fora,
 E pergunta de lá que quer, quem era,
 Irada lhe responde assi Megera:
- 96 «Abre a porta, que a ti do alto e temido
 Plutão mandado sou, bem se conhece.»
 Treme Pluto somente em ter ouvido
 O nome de quem só teme e obedece,
 Cerra o postigo, e lá por escondido
 Lugar sai fóra, e ante eles aparece:
 Espanta-se o Sultão do que então via,
 Porém a fúria não, que o conhecia.
- 97 Vê-se-lhe ãa presença veneranda,
 Digna assaz de real ceptro e coroa,
 Com velhos trajos, vis e sujos anda,
 Mal ornado e composto na pessoa;
 Mostrando-se vem côxo d'ũa banda,
 Doutra se lhe vêem asas com que voa,
 Cego é de todo, e quem põe nele o tento
 Vê que às vezes lhe falta o entendimento.
- 98 Tanto que a fúria o viu, logo o preceito
 Do temido e infernal Plutão lhe disse;
 O Sultão (que isto já tinha por feito)
 Diz que a Constantinopla se partisse,
 E a Suleimão Baxá de si o peito
 Enchesse, e a fazer guerra o persuadissee
 Logo à gente cristã que em Diu tinha
 A fortaleza, e que isto lhe convinha,
- 99 E que ele e a fúria irão lá juntamente
 Por verem seu saber, sua veemência.

- Direita ao Céu Empírio, onde o superno
 Júpiter tem a sua alta morada;
 E tocada dum ódio novo e interno,
 Vai no amor de seu pai mui confiada
 Que a vingará da Portuguesa gente,
 A quem disto ela culpa põe somente.
- 47 Mas não tinha inda avante muito andado
 Quando ao caminho vem Marte encontrá-la,
 Que vendo nela o brando peito irado
 Contra os seus, procurar quer de aplacá-la,
 Temendo que se o pai dela, informado
 Conforme ao que lhe quer, quizer vingá-la,
 Que corre muito risco a gente sua
 Que de todo a consuma ele e a destrua.
- 48 E com semblante alegre, humilde e brando,
 Inda rendido a tanta formosura,
 Lhe disse: «Branda Vénus, que a teu mando
 Os corações sujeitas com brandura,
 Quem te vai de ti tanto hoje apartando
 Que te obriga a mostrar condição dura
 Contra ãa gente que isso não merece,
 E também de ser tua se engrandece?
- 49 Não te espantes se os fortes Lusitanos
 A um peso intolerável são rendidos,
 Porque como em mortais corpos humanos
 Têm postos os espíritos não vencidos,
 Que espanto é se uns contínuos, graves danos
 Os têm cansados já e enfraquecidos,
 Pois não pôde ser o ânimo constante
 Na carga corporal participante.
- 50 E se de ajuda são necessitados
 (Culpa do peso só, não dos seus peitos),
 De quem devem melhor ser ajudados
 Que daquelas a quem eles são sujeitos?
 Tendo do seus mesmos peitos esforçados
 Lhes foram quiçá sempre pouco aceitos,
 E se agora a ajudá-los se moveram,
 E pola honra, quiçá, que disso esperam.
- 51 Tua afronta não é, nem da formosa
 Gente tua, isto em que elas se ocuparam,
 Antes a hei por empresa gloriosa
 E com que (se ser pode) inda te honraram;
- Porque como da forte e valerosa
 Gente minha hoje o ofício elas tomaram,
 Ambas as honras têm elas somente
 A que eu à minha dou, tu à tua gente.
- 52 Isto não tira a grã e a neve ao rosto
 Com que os mais livres peitos desbaratam,
 E quem de jaspe o seu não tem composto
 Dói-se do que os cruéis fados maltratam;
 Bem é que de dar vida tenham gosto
 Aos mesmos que de amores elas matam,
 E antes queiram que os mate a formosura
 Delas, que a cruel fúria, imiga e dura.
- 53 Assi que tu não tens por que queixar-te
 De tomar o teu coro tal empresa,
 Nem menos tens razão para vingar-te
 Do que fez nisto a gente portuguesa;
 E pois servir-te quis, não anoiar-te,
 D'amor debes estar, não d'ódio, acesa,
 Guarda, guarda a vingança e a má vontade
 Para o que ofender tua magestade.
- 54 Torna-te ao teu governo, e o furor muda
 Tão contrário de tua natureza,
 Que honra tua é que a tua gente acuda
 Aos fortes que mostrando vão fraqueza;
 E se os meus não merecem tua ajuda
 Por seu alto valor e fortaleza,
 Polo que eu sei de mim, bem te convinha
 Que tu lha dês por serem gente minha.»
- 55 Quietamente a bela Cípria atenta
 O que Marte, então brando, está dizendo,
 E como inda não é de todo isenta
 Vai-se-lhe pouco a pouco enternecendo;
 Ver mostras d'amor nele lh'aviventa
 O fogo em que já andou por ele ardendo,
 E, pondo os olhos nele, inda se sente
 De fazer-lhe a vontade assaz contente.
- 56 Responder-lhe tentou... porém, do meio
 Da boca, a voz ao peito se recolhe,
 Que o passado erro seu, que então lhe veio
 Ao pensamento, a língua e a voz lhe tolhe;
 E como tem d'amor o peito cheio,
 Por a melhor resposta então escolhe

Fazer-lhe tudo o que ele lhe pedia,
Pois seu gosto também nisto fazia.

57 Logo cheia d'amor perde toda a ira,
E não somente muda o pensamento,
Mas lá no seu formoso coro inspira
Para o que faz um novo espirito e alento.
C'os olhos inda um no outro, se retira
Lá para o seu celeste antigo assento,
Contente cada um do que tem feito,
Pois tiráram d'aqui gosto e proveito.

58 Porém Marte, nesta hora contemplando
Que aquela gente sua do ordinário
Trabalho se ia tanto sujeitando
Que o favor feminino lhe é necessário;
Vendo-a em tamanho aperto, arreando
Que a grande contumácia do adversário
Em risco de cair ponha aquela alta
Constância, se o favor lhe tarda ou falta,

59 O caminho buscou com que mais perto
A nova disto em Goa fosse dada,
Para que o Viso-Rei a tanto aperto
Acuda com favor de gente armada;
Logo direito vai lá onde certo
Sabe que o Sono tem sua morada,
Porque por meio dele determina
Dar com grã pressa efeito ao que imagina.

60 Lá junto dos Cimérios ãa escura,
Profunda cova está, que do luzente
Sol nunca viu a luz, dourada e pura,
Ou seja Oriental ou do Ocidente;
Grossas névoas de si a terra dura
Exalando ali está continuamente,
Com que ãa incerta luz ali se espalha,
E aqui o inábil Sono se agasalha.

61 Ali da vigilante cristada ave
Não denuncia o canto a nova Aurora,
Nem do pato ou do cão soa a voz grave,
Nem da fera ou do gado, em alguma hora;
Os ramos de grão vento ou d'ar suave
Movidos, nem humana voz lá fora,
Fazem qualquer rumor, qualquer ruído
Com que o silêncio seja interrompido.

62 Não se sente ali cousa que inquiete,
Mas tudo tão calado se está vendo
Que ãa quietação longa promete,
E por brancos seixinhos vem correndo
Um ribeiro que traz águas de Lete,
Cujo brando rumor favorecendo
Não somente está o sono ao que dormia,
Mas convidando ao sono o que vigia.

63 Entre as portas da cova alta e profunda
A dormideira está sempre, e florece,
Doutras ervas ali a terra abunda
Com cujo sumo a noite se enriquece
De sono, que por toda a terra infunda,
Com que a gente descansa e se adormece,
E do mais que a dormir move e convida,
Se vê aquela terra bem provida.

64 Não há portas em todo aquele assento
Em que está o mole Sono agasalhado,
Para que da couceira o movimento
Não faça o seu ruído costumado;
Tudo o que pôde ser impedimento
Ao Sono dali estava desterrado;
E esta porta que estava sempre aberta
Nenhã guarda tem fiél e certa.

65 Aqui num leito sempre mole e brando,
Qual os seus moles membros o pediam,
Estava sempre o Sono repousando;
Junto dele jazer também se viam
Vãos Sonhos que o estão sempre acompanhando,
E em mil formas cada hora se variam,
Cujo número é tal que senhoreia
As Estrelas do Céu, da praia a areia.

66 Tanto que entra aqui Marte, e de diante
Os Sonhos com as mãos de si afastara
Que lhe impedem a entrada, a rutilante
Luz sua toda a casa tornou clara;
Nem das armas o estrepito bastante
Sendo então, ou a luz que nela entrara,
Para que o Sono sinta a menor parte.
Logo para onde o vê se chega Marte.

67 ãa e outra vez o bole, e o preguiçoso
Estende o braço e a perna, e inda dormindo

- Ergue os olhos, pesado e vagaroso,
 Mas deixa-se outra vez logo ir caindo.
 Bole-o Marte outra vez mais furioso,
 Ele o peito co'a barba inda ferindo,
 Os olhos co'as mãos esfrega, e esta hora
 Enfim a si de si se lança fora.
- 68 E sobre o cotovelo um pouco erguido
 Ergue o rosto para ele a vêr quem era,
 E sendo Marte dele conhecido
 Nas armas, e presença horrenda e fera,
 Com rouca voz, e mal inda entendido,
 Lhe pergunta o que quer e a que viera.
 Marte agora o furor usado esconde,
 E com aspeito brando lhe responde:
- 69 «Sono, em quem tem repouso toda a gente,
 De cuidados solícitos imigo,
 E os que a morada têm no Céu luzente
 Grão repouso também tomam contigo,
 Que ao corpo que o diurno peso sente
 Dás suave descanso, brando e amigo,
 A quem os Sonhos todos obedecem
 Que em diferentes formas aparecem,
- 70 Manda um deles a Goa, que encoberto
 Co'a figura do meu forte Silveira
 Ao Viso-Rei Noronha faça certo
 (Apressando a veloz sua carreira)
 Dos meus que estão em Diu o grande aperto,
 Porque mandar-lhes logo ajuda queira;
 Os quais a tanto extremo são chegados
 Que das mulheres ja são ajudados.»
- 71 Após estas palavras, se saía
 Da casa soporífera em que estava,
 Porque sofrer então já não podia
 O sono que de si ela espalhava;
 E sentindo que o sono que ali via
 Penetrá-lo por dentro começava,
 Com grã pressa se vai, e lá caminha
 Para o quinto orbe que ele a cargo tinha.
- 72 Mostra o Sono por obra quanto gosto
 Tem, de fazer a Marte o que lhe pede,
 Faz logo deixar Morfeu o mole encosto;
 Este a todos os Sonhos muito excede
- Em exprimir o andar, a fala, o rosto
 Da gente, e nenhum há que assi arremede
 Os trajos, os vestidos, os arreios,
 As palavras, os termos, os meneios.
- 73 A este agora encomenda disto o efeito,
 E já então outra vez a si tornado,
 A cabeça encostou no mole leito
 E outra vez adormece repousado.
 Morfeu voando a Goa vai direito
 A fazer o que lhe era encomendado,
 E sem que as asas façam quando voa
 Qualquer ruído, em breve chega a Goa.
- [...]
- 78 Tão próprio contrafaz Morfeu nesta hora
 A voz, do que no mais contrafizera,
 Que o Noronha, inda mal esperto agora,
 Em tudo imaginou que o Silveira era;
 E fim de si de todo lança fora
 O sono que até então em si tivera,
 E quanto no que viu mais imagina
 Mais mandar o socorro determina.
- 79 Tanto que foi manhã, não tarda ou cessa
 Em fazer prestes ùa grossa frota,
 Mas como o ouvido aperto o move e apressa,
 Logo quatro catures ao mar bota,
 Gente e o mais neles mete, e com grã pressa
 Lá de Diu seguir lhes manda a rota.
 Mas enquanto ele ordena a grossa armada
 À fortaleza faço eu a tornada.
- 80 O femíneo esquadrão, formoso e lindo,
 Que era de Ana e Isabel estimulado,
 E agora um novo espirito ia sentindo
 C'o divino favor nele inspirado,
 Consigo o grão trabalho repartindo,
 Também aos varões faz sofrer dobrado
 Trabalho, do que a força lhes sofria,
 Tanto a vergonha então os acendia.
- [...]

Santa Isabel Rainha de Portugal

de VASCO MOUZINHO *

Canto III: Isabel despede-se de D. Pedro, seu pai, e de Aragão, sua pátria; efeitos da presença de Isabel durante a viagem a Portugal.

Canto V: Isabel interpõe-se entre os exércitos de D. Dinis e do filho, o príncipe Afonso; Isabel exalta o amor à terra-mãe; os soldados largam as armas.

Canto Terceiro

[...]

- 39 Alçando os montes vinha aquele dia
Entre todos os dias sinalado,
No qual tanto prazer amanhecia
A Dinis, acabando seu cuidado,
E a Pedro, com ele, anoitecia,
Porque seu Sol não era o costumado,
Que seu Sol costumado trasmontava,
Quando aquele horizonte o Sol dourava.
- 40 E como o bem, do qual a perda é certa,
Quando logo se perde, menos dana,
Como também o mal que o arco acerta
Se logo emprega a seta desumana,
Por ver a dor de todo descoberta,
Que calados queixumes desengana,

* *Discurso sobre a vida, e morte, de Santa Isabel Rainha de Portugal & outras varias Rimas. Por Vasco Mousinho de Castelbranco, Manoel de Lira, Lisboa, 1596. Ortografia e pontuação actualizadas segundo os critérios indicados na "Nota Prévia".*

Faz do grande penhor depositários
Aqueles amorosos adversários.

- 41 E dando já os últimos abraços,
Impidindo-lhe a dor, a voz e a fala,
Os meneios, os olhos e os braços,
E as lágrimas dizem quanto cala;
E ela, que não tem os seus escassos,
Pois amor não fez nela menor cala,
Ao pai querido de tal sorte aperta
Que ali tivera a mão Gordiano incerta.
- 42 Depois que um largo tempo fez aparte¹
Os dous corpos que um mesmo amor ajunta,
Qual Rebeca do velho pai se parte,
Tal se parte do pai quasi defunta;
[...]
- 44 Todos saem com ela os olhos fontes,
A lágrimas os olhos sempre abertos
– Como quando os Rifeios horizontes,
Se de gelada neve estão cobertos,
Firindo o Sol mais quente os altos montes,
Vão-se em rios e ficam descobertos –,
Uns a seguem co' a vista, outros co' a alma,
Outros ficam sem alma e vista, em calma,
- 45 Qual, quando algũa nau solta da praia
Para navegação larga e comprida,
Não há pessoa algũa que não saia
A vê-la, e do alto monte se despida,
E quanto mais se aparta, mais desmaia
Dos fracos olhos a pequena vida,
Até que lhe confunde a luz que cansa,
O céu c' o ar, com ambos a esperança.
[...]
- 47 Por onde vai de graças mil semeia
E de mil glórias novas orna a terra,
De verde esmalte veste a triste areia
E os duros abrolhos lhe desterra;
Mais pura vai da clara fonte a veia
E mais ufana se levanta a serra;
Aqui para caminho se abre o monte,
Aqui se passa o rio a vau sem ponte.

¹ O m. q. *apartado*, particípio passado do verbo *apartar*.

48 Os animais das ásperas montanhas
Nos altos precipícios aparecem
E, perdidos por ver cousas tamanhas,
Para as estradas e caminhos decem.
Mostra o bravo leão brandas entranhas
E os tigres de seu furor se esquecem;
O cervo atento os olhos nunca tira,
Como se na espessura a fruta ouvira.

49 A cada passo nasce nova gente
Que os ditosos caminhos cobre e cega,
Como se Cadmo andara, dente e dente,
Semeando os irmãos que ao ferro entrega.
O lavrador da mão larga a semente
E o pastor ao gado o pasto nega,
Acha o pastor depois medrado o gado,
O lavrador o campo semeado,

50 Qual, quando, por milagre ou caso, passa
De Arábia deserta ao nosso clima
Aquele que, de geração escassa,
Encende a sepultura e morre em cima,
Não há ave que às nuves se não faça
Por verem a que tanto o mundo estima,
Deixando os bosques mudos e desertos,
Fechando os ares que estão sempre abertos.

Dourava o Sol os campos de Trancoso
Onde Dinis aquele tempo estava,
Quando outro Sol, mais belo e mais fermoso,
C' ãa nova manhã por ele entrava.
[...]

Canto Quinto

[...]

28 Estão os esquadrões de frente a frente
E longe cada qual o temor bota,
E já se vê, pelo ar de outro horizonte,
De abuitres feros sanguinosa frota
Que, ora assombrando o vale, agora o monte,
Espera pela mísera e triste rota.
Sente Isabel; e quão depressa pode,
A tamanho desastre logo acode.

29 Chegando ao duro campo, que coberto
De armada gente estava em próprio dano,
Não crendo tanto o mal que viu de perto,

Caiu no verdadeiro desengano.
Estende por aquele desconcerto
Os olhos tristes e, do peito humano,
Estas palavras lastimosas solta,
Com voz em brandas lágrimas envolta:

30 «É possível que veja o mal que vejo?
A isto me trouxestes, dias tristes?
Não me levareis num melhor ensejo
Quando algũ' hora alegre me sentistes.
Olhai em que parou um vão desejo,
Vós outras que também filhos paristes!
Desejei filhos, filho do Céu tive,
Que para minha pena e mágoa vive!

31 Qu' é isto, Portugal, que determinas?
Contra tuas entranhas te embraveces?
Quinas de Portugal, contra outras quinas
A ti próprio desamas e aborreces?
Não te move teu sangue. Não te inclinas
À tua piedade. Em sede creces
De tua desestrada, própria morte;
Contra ti mesmo te assinalas forte.

32 Que farás, triste filho, se te achares
C' o pai diante do sanguino braço?
E tu, pai, se c' o filho te encontrares,
Que farás nesse lastimoso passo?
Firir, crueza; e, quando atrás tornares,
Covardia; confuso, então, te faço.
Mas, ai, temo crueza nunca usada,
Que atrás não torna mais a nua espada!

33 Que dirão, quando virem que por nada,
Por um pedaço de pequena terra,
Que por morte há-de ser enfim herdada,
Amor e obediência se desterra?
Que seria, se fosse demandada
A parte que o Sol vê quando se encerra
No largo mar, e quando, do Oriente,
Mostra a dourada face a Ocidente?

34 E aquela também que longe toca
Com raio oblíquo, ou a gelada e fria
C' o Norte, ou a mais quente com a boca
Do Sul, ou quanto enfim conhece o dia,
Se a tanto isto tão pouco nos provoca,
Quão diferente então tudo seria!
Mas, ai, que digo, se co' a mesma sede
Um só ponto da terra hoje se pede!

- 35 Ó terra, aqui te chamo e te saúdo!
 Pondo os olhos em tão mortais extremos,
 Quero louvar-te! És, terra, mãe de tudo
 Quanto abaixo do céu criado vemos.
 O animal mais nobre e mais sesudo,
 Que por senhor de tudo em tudo temos,
 De ti se fez, como ficou memória,
 De teful princípio veio a tanta glória.
- 36 Em ti, como em depósito, tem posto
 Os homens que tanto ama o Deus benino,
 Para que assi mereçam ver Seu rosto
 E subi-los ao Reino cristalino.
 Em ti podem ganhar eterno gosto,
 Podem também perdê-lo de contino,
 E para no Céu terem doce vida,
 É necessário ser em ti perdida.
- 37 Pois de que graças, de que glórias nobres,
 De que lindos esmaltes, de que cores
 — Que, comparados, são baixos e pobres
 Os arreios gentis dos reis maiores —,
 De que riquezas mil te ornas e cobres
 Para prazeres de uns e de outros dores!
 Quão segura que estás em próprio assento,
 Andando sempre os céus em movimento!
- 38 De verde esmalte e naturais boninas
 Vestida no Verão nos apareces.
 Em mil rios e fontes cristalinas
 Toda te vás e toda desfaleces.
 De mil prezadas e preciosas minas
 De ouro e de prata fina te enriqueces.
 De mil suaves frutas, pomos belos
 Que havê-los folga o gosto e os olhos vê-los.
- 39 Quão fermosa e agradável que apareces
 Quando o Sol na manhã co' a luz te doura,
 Mostrando ao lavrador as louras messes,
 Soberbo dom de Ceres branca e loura;
 Por seu trabalho o dobro lhe ofereces,
 Muito pouco te deu, muito atesoura,
 E, por que a gratidão que tem lhe creias,
 A seus bois faz capelas das paveias.
- 40 E para que com tudo satisfaças
 E até nas silvas prestes e montanhas,
 Quantos animais crias, quantas caças
- De vários gostos, de feições estranhas!
 Para que a fortes exercício faças,
 Leões e tigres d' ásperas montanhas;
 E para que também aos mais agrades,
 De prato e mesa tantas variedades!
- 41 Em tudo liberal, em tudo larga,
 Que só de larga e liberal te prezas;
 Triste do que inventou carga por carga,
 Que vilezas causou e que pobreza!
 Que pesada lembrança e quão amarga
 Daquela idade em que as comuns riquezas
 Partiam entre todos igualdade!
 Bem governada e mal lograda idade!
- 42 Não foi a culpa tua, santa terra,
 Que tudo produzistes sem tributo,
 Mas ãa vã cobiça, que sempre erra,
 Foi causa de um governo infame e bruto.
 Um vão desejo, que a razão desterra,
 Pôs valia e balança no teu fruto,
 Fez que servissem uns, outros mandassem,
 Uns fossem deuses, outros adorassem.
- 43 Porque não te abres e sovertes, terra,
 A quem tiranizar-te assi procura?
 Iguale o vale co' a subida serra,
 E se eu sou, em mi caia a sorte dura!
 Já nenhum esquadrão se fecha e cerra,
 Nem d' armas, nem de espada ou lança cura;
 Soltam os elmos, largam as viseiras,
 De obediência mostras verdadeiras.
 [...]

Afonso Africano

VASCO MOUZINHO*

Canto II: apresentação do mago Eudolo; os seus recursos mágicos; contacto com Megera, fúria investida pelos infernos para o ajudar.

Canto III: despedida das naus de Afonso do porto de Lisboa; durante a viagem nocturna, catálogo das estrelas e constelações.

Canto IV: retrato de Zara; entrevista de Zara com o pai, rei inimigo dos portugueses; por intervenção da mãe, Zara foge com os seus velhos pedagogos, os eunucos Caot e Luzel, disfarçada de cavaleiro; guiados por uma estrela, vão ter ao acampamento de Omar, Tenebronte e Abdala; este recebe-os.

Canto VIII: a pedido de Zara, Abdala aponta-lhe o campo inimigo; Zara apaixona-se pelo príncipe D. João, o filho de Afonso; durante os recontros junto a Arzila, o cavaleiro com a insígnia das Ondas (Afonso de Vasconcelos) mata Ali, marido de Zafira; nessa noite, Zara decide ir ver D. João; Eudolo, com a ajuda de Megera, faz com que Zara imagine ver o príncipe passeando junto da tenda; ela segue-o até embarcar, ele desaparece; Zara fica sozinha no barco, no meio do mar, lamentando a sua sorte.

Canto IX: apresentação de Zafira e da personalidade de Ali; chega a Zafira a notícia da morte do marido; Zafira decide procurá-lo no campo de batalha; sai de noite com a serva Zaida e acaba por encontrá-lo; discurso de Zafira perante o corpo do marido e seu suicídio.

Canto X: um mensageiro de Omar propõe um acordo de paz ao rei Afonso; este explica-lhe porque o recusa.

Canto XI: Eudolo, entretanto convertido ao cristianismo, mostra ao príncipe D. João pinturas de feitos portugueses; o início da batalha de Alcácer-Quibir; os portugueses aproximam-se da vitória; o grito de paragem e a confusão subsequente; início da derrota portuguesa; mortes individuais: os Portugais, João Carvalho com o filho e D. Fernando de Mascarenhas (para salvar D. Sebastião); Eudolo conclui a narração.

Canto XII: Caot e Luzel entre os prisioneiros; abrem-se as masmorras de Arzila, libertando portugueses; um destes, partidário do infante D. Pedro em Alfarrobeira, recebe a retaliação de Afonso, mas o rei perdoa-lhe; último discurso de Afonso, sobre a virtude e o dever dos reis, ao armar cavaleiro o seu filho D. João.

Canto Segundo

[...]

- 41 Conta-me agora, ó Musa, enquanto abrindo Afonso vai o líquido elemento,
Que desvios se vão contra ele urdindo
Que possam perturbar-lhe o santo intento,
Que tempestades o ar vão confundindo,
Quem move os ares, quem conjura o vento,
E que mágico espírito engenhos usa
Que Arquimedes não forma em Siracusa.
- 42 Num monte cavernoso, que alça o colo
De Arzila pouco trânsito distante,
Nũa alta cova onde não chega Apolo,
Por mais que avive o raio rutilante,
Em clausura vivia o mago Eudolo,
Antigo sucessor do velho Atlante,
De maravilhas cheio, que alcançara
Parte por arte sua, e parte herdara.
- 43 Este era na arte igual ao grego raro
Que previu o destorso dos Troianos,
Das aves, que roubou do ninho caro
O Dragão fero, computando os anos.
Nem era nos augúrios menos claro
Que o que na guerra dos irmãos tebanos,

* In Manuel dos Santos Rodrigues, *O Afonso Africano de Vasco Mouzinho de Quevedo - estudo histórico-literário e edição crítica*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999 (policopiada), pp. 255-531. Retoquei esta versão ligeiramente, para uniformizar com os outros trechos deste boletim.

- Abrindo-se-lhe a terra, co'a ruína
O Reino amedrentou de Proserpina.
- 44 Este das asas do plumoso bando,
Ou cortem leves o ar, ou trepidantes,
Vários sucessos vai conjecturando,
Que à Mauritânia prognostica instantes.
Este com olho atento está notando
As entranhas das reses palpitantes,
Como que o que Deus tem determinado
Num animal esteja figurado.
- 45 Este observa as estrelas radiantes,
No mais alto silêncio e mais profundo,
Notando os movimentos das errantes,
E das fixas o cintilar jocundo,
Dos Signos, dos Planetas tão distantes,
(Que tanto podem no pequeno Mundo)
Virtudes e secretas qualidades,
Que inclinar podem, não forçar vontades.
- 46 Este das pedras cândidas e belas
A propriedade e natureza alcança,
E desvelado em conjunções de estrelas,
A cujos nascimentos conta lança,
Figuras espantosas abre nelas,
Com que as sombras do lago Averno amansa,
Qual em berilo, qual em calcedônio,
Qual em safiro está, qual em sardônio.
[...]
- 55 Nestas e noutras pedras transparentes
Mostrava Eudolo sua ciência e arte,
E segundo os efeitos diferentes,
Assi delas se ajuda, assi as reparte.
E vendo pelos vários acidentes
Do tempo e rostros de Saturno e Marte,
E pelas tradições de Atlante herdadas,
E figuras que ali deixou pintadas,
- 56 Que algum grave infortúnio se aparelha
A Mauritânia per oculto caso,
Aproveitar-se quer da usança velha,
(Para ver se vem perto ou tarda o prazo)
Das sombras tristes com que se aconselha.
E para isso tirou de um éneo vaso
Um lúcido diádoco, onde tinha
Figura aberta que à tenção convinha.
- 57 Um homem tem na esquerda ãa serpente
E um pequeno dinheiro na direita,
De alta estatura, e o Sol resplandesciente
Por cima da cabeça os raios deita,
C'os pés calca um leão feroz e ardente.
Em plúmbeo anel a pedra o mago afeita,
E debaixo da pedra fez emprego
De um pouco de artemisia e feno-grego.
- 58 Já nos braços de Tétis repousava
O flamívomo pai de Faetonte,
E a bela irmã por ele alumeava
O mais sombrio vale e erguido monte,
Mas c'um resplendor triste, que mostrava
Por entre um negro véu que tem defronte,
Que parte ferrugíneo aparecia,
Parte a vezes de todo se encobria.
- 59 Noite, custódia de qualquer segredo,
Para qualquer encanto aparelhada!
Caminha o mago sem temor e medo,
Que aquele horror pesado mais lhe agrada.
O poderoso anel leva no dedo,
E por ãa carreira desviada
A um vale desce, de árvores sombrio,
Por onde caminhava um triste rio.
- 60 E primeiro da noite as reverentes
Trevas, com voz humilde saudando,
«Noite alta», diz, «que aos animais e gentes
Repouso dás e refrigério brando,
Suspendendo o pesar aos descendentes,
O prazer aos alegres conservando,
Pois lhe impedes caminho à nova pena,
Que facilmente o dia traz e ordena.
- 61 Noite, que o caos hórrido e confuso
Naquele cego horror por filha cria,
Primeiro que este globo tão difuso
Manifestasse o resplendor do dia.
Chamam-te sombra triste e manto escuso,
Pois se encobre contigo e se desvia
O mundo e fealdade da luz pura,
Sendo tu graça sua, por escura.
- 62 Que a sombra do fresquíssimo arvoredado,
Que o terreno florido e verde cobre,

- Sempre o torna mais deleitoso e ledó
Que quando ao Sol sem toldo se descobre.
Noite demonstradora do segredo
Das estrelas, que a luz avara encobre,
Beleza e fermosura extraordinária
Do Céu, quando arde em tanta luminária,
- 63 Sê-me benigna neste temerário
Feito, se te mereço benefício,
Um grande favor teu me é necessário,
Augúrio algum me dá fausto e propício,
Que eu te fico que pelo curso vário
Do tempo negra rês em sacrificio
Te dê, cujo intestino coma logo
Com novo leite borrifado fogo.»
- 64 E calando co'a vista à parte donde
Trémulo vem o raio da triforme
Deusa, que ora aparece, ora se esconde,
Ora se mostra bela, ora deforme,
Com reverência externa, que responde
A d'alma, que ele sempre traz conforme
Nestas superstições, onde não falha,
Destarte rogo humilde ao ar espalha:
- 65 «Ó clara Deusa, assi no Reino fundo,
Onde estás venerada por Senhora,
Sempre vejas Plutão ledó e jocundo,
Qual o viste no monte a primeira hora.
Assi, quando enfadada o nosso mundo
Pisas, na caça sejas vencedora,
Nem javali furioso te resista,
Nem cervo algum jamais percas da vista.
- 66 Assi, quando no Céu bela e composta
Afinando a beleza com que acendes
O moço Endimião, aches disposta
Conjunção de gozar o que pretendes.
Assi nunca de enveja a terra oposta
Te eclipse a fermosura que defendes,
Que novas artes, novo engenho inspires,
E benévola a meu intento inspires.»
- 67 E posto sobre a ripa ali pendente,
Os olhos na água, cujo tom se ouvia
Correr tão carregada e tristemente
Que outra cousa e não água parecia,
- Que a profundeza grande da corrente
O murmurar de modo confundia
Que claramente não se divisava
De que era aquele tom que ali soava,
- 68 Assi soltou a voz de lá do espirito,
Que abalou o circuito em redondo:
«Eternos moradores de Cocito,
Lugar de espanto e temeroso estrondo,
Se bem vossos mandados exercito,
Vossa vontade a todas antepondo,
Se tenho a minha a todo mal disposta,
Ouvi-me agora e dai-me aqui resposta.»
- 69 Eis que súbito os ares perturbados
C'ũa sombra medonha carregaram,
E com rumor horrendo trastornados
Os ramos uns com outros se encontraram.
Cresce o furor e muitos são quebrados,
Outros c'os mesmos troncos se arrancaram,
O rio se alterou e cresceu tanto,
Que a novidade às ripas faz espanto.
- 70 E nisto sobre as águas aparece
Um monstro horrendo de mortal figura,
Que inda que algũa forma ter parece,
Nem parece animal nem criatura.
De cem cerastas a guirnalda tece,
Por remate de estranha fermosura,
Turba menor de ùa cabeça enorme,
Ornato em tudo igual ao mais conforme.
- 71 A férrea luz dos olhos, que se encovam
Num centro obscuro, sobe acima tarde,
As mãos de insígnias tristes se renovam,
Qual de hidro, qual com fogo rogal arde.
A boca de odor fero, onde desovam
As pestes, de que o mundo se resguarde,
Infirmidades, fome, sede e morte,
Rompendo a voz pesada desta sorte:
- 72 «Eu sou a triste e desleal Megera,
Universal castigo dos humanos,
De seu doce repouso Harpia fera,
Perturbadora dos melhores anos.
No mundo todo mal por mi se gera,
Eu sou causa de mortes e de danos,

Enganos traço, mil discórdias rejo,
Toda glória do Céu turbada envejo.
[...]

74 O que me queres perguntar te digo,
E da parte de Pluto te amoesto,
Arma-se contra nós um grande imigo,
Que só pretende nosso fim funesto.
É geral de toda África o perigo,
E se lhe não resiste, aqui protesto
Que se aparelha à lei que adora e segue
Quebra total por este que a persegue.

75 Não vem buscar metal fino e luzente,
Nem das riquezas segue a vil cobiça,
Mas um desejo férvido e ardente
De crédito imortal o acende e atiza.
A glória de um Profeta, a que esta gente
(Julgando outra por vã, falsa e postiça)
Atribue celeste divindade,
Pretende consagrar à Eternidade.

76 Portanto, Eudolo, mal tamanho atalha,
Por não vir ao mortal que se adivinha,
Enquanto pela terra não se espalha
E pelo bravo mar inda caminha.
Impedir-lhe a passage ali trabalha
Com teus encantos mágicos asinha,
Que quem não cura no princípio a chaga
A tardança depois co'a morte paga.
[...]

78 E porque nada teu intento acanhe
E saias bem com quanto pretendes,
Aqui me tens para que te acompanhe,
Que trago de Plutão grandes poderes.
Primeiro que este imigo o ferro banhe
Em teus alunos, parem seus prazeres
Fantasiados num desgosto puro,
Para exemplo e memória do futuro.»

79 Disse, e como se as águas da lagoa
‘Stige bebera, assi se assanha o mago.
Subindo nãa nuve obscura voa,
Dando por efeito o imaginado estrago.
Trás ele estrepidando a Fúria soa,
Que o quer acompanhar naquele trago,
E forjando consigo mil enganos
Aquela noite gasta em tecer danos.

80 A noite, antes que o Sol o raio estenda
E seus ensaios hórridos descubra,
Que para que o trabalho a salvo emprenda
A negra noite busca que lho encubra.
Quem há que se no mal tempo dispensa
Lhe não busquem remédio com que o cubra,
Mas com lhe parecer medonho e feio
O segue como belo e sem receio?
[...]

Canto Terceiro

44 [...] Davam sinal os cumes do alto monte,
Ledos co'as embaxadas matutinas,
Sair já pelo lúcido horizonte
Do leito áureo, que esmaltam pedras finas,
A esposa de Titono, ornando a fronte
De rosas, de jasmíns e mais boninas,
E orvalhando das flores, gota a gota,
A cor nativa que o calor desbota.

45 E porque já com sopro vivo e brando
Vinha o Amador da cândida Oritia
As Neptuninas águas encrespando,
Que a sazão desejada oferecia,
As âncoras das naus, que vão arfando
Co'as proas lá para onde nasce o dia,
Levando os nautas que estes cargos usam,
As velas dão ao vento e as vergas cruzam.

46 Ficam pelos lugares levantados
As matronas sem côr quasi defuntas,
Seguindo as naus c'os olhos alongados,
E trás eles mandando as almas juntas.
Fantasiam sucessos variados,
Entre si renovando mil perguntas,
Se é fácil a jornada, se comprida,
Se perigosa, se virão com vida.

47 Entre temor, suspeitas e esperança,
Alterna cada qual o pensamento,
Em semelhante extremo antiga usança
Dum peito que de amor não vive isento.
Amor num peito cria confiança,
Que adivinhar-lhe nega seu tormento,
Noutro, cria mil tímidas suspeitas,
De cousas tristes que já dá por feitas.

- 48 Qual de Amor seja mais intenso efeito
 Não sei quem facilmente o determina,
 Que o amante, que a temor está sujeito,
 O mesmo amor a recear o inclina,
 Que o bem que por amor foi dele aceito
 Por bem seguro nunca o imagina,
 E o julga por de vidro transparente,
 Que de um sopro se quebra levemente.
- 49 E se confia, por amor confia,
 Que, se não teme avesso ao bem que adora,
 É porque, se cuidasse que o teria,
 Esmorecera o coração nessa hora.
 Estes são os martírios deste dia,
 Que aquela gente ali lamenta e chora,
 Que entrega por penhor ao mar undoso,
 Qual o pai, qual o filho, qual o esposo.
 [...]
- 72 O carro ao Mar hespérico o Sol levará,
 A cada tirador soltando a roda,
 E a lâmpada furtando, ardente e clara,
 Das cousas confundira a forma toda.
 A noite o largo círculo abraçara
 Com sombra escura e tenebrosa nodá,
 Desterrando as afrontas do tirano
 Trabalho e dando vez ao sono humano.
- 73 Porém, nunca do Norte o sopro leve
 Assi desfez as nuvens deste clima,
 Nunca o céu mais sereno e puro esteve,
 Debuxando no mar raios de cima.
 Que estrela antigamente nome teve
 Que se não visse? O resplendor anima
 Das preciosas pedras a coroa
 Da que foi a Teseu piedosa e boa.
- 74 Vê-se o cavalo Pégaso e o caminho
 Lácteo por seu candor já manifesto,
 Vê-se a que Perseu livra do marinho
 Monstro, trocando em glória o fim funesto.
 Vê-se Perseu também ali vizinho,
 Vê-se Oriente, ao navegante infesto,
 Vê-se dos Argonautas a primeira
 Nau que rompeu a cércula carreira.
- 75 Vê-se Hércules, o colo o Cisne aclara,
 Vê-se Águia, vê-se a Lebre e o Serpentário,

Vê-se Cassiopeia e a celeste Ara
 No signo cintilar do Sagitário.
 Vê-se o marinho Ceto, e o curso pára
 O ligeiro Delfim no signo Aquário,
 Mostra-se a Hidra que, com bocas sete,
 Sete mortes no lago em vão promete.

- 76 Vê-se a grande Ursa, amada antigamente
 De Júpiter, em nome de Calisto,
 Com a menor envolta na Serpente,
 E de outra parte o filho é também visto,
 Que indo para matá-la incautamente,
 Júpiter com paixão e mágoa disto,
 O fez do Plauastro imoto Carreiteiro,
 O Cão na Libra, Céfeu no Carneiro.

- 77 Mas o piloto-mor, que a carga leva
 A grande armada, nunca já seguro
 Na mor quietação, que então releva
 Mais cautela quando o ar está mais puro,
 Na arte do mar tão primo, que se enleva
 Em mais glória que Tífi ou Palinuro,
 Olhando a terra, o mar e o firmamento,
 Viu sinais manifestos de água e vento.
 [...]

Canto Quarto

- 31 [...] entra Zara num ginete ardente,
 Que, mastigando o freio em branca espuma,
 Tanto que o peso reconhece e sente
 Se embrida e altera mais do que costuma.
 Dobrando as mãos a passo continente,
 Pelas ventas abertas sopra e fuma.
 Todos se alteram logo, e na estranheza
 Os olhos põem do traje e da beleza.
- 32 Não usa os atavios vãos do paço,
 Despreza as ricas jóias tão prezadas,
 A manga recolhida a meio braço,
 As trenças de ouro ao vento derramadas.
 As roçagantes roupas, que embaraço
 Fazem, num breve nó todas tomadas,
 Lançado aos ombros o arco e a rica aljava
 Com que das feras doma a fúria brava.

- 33 Tal de Harpálíce o traje, quando cansa
Os ardentes cavalos na carreira,
Que ao longo do Hebro furioso lança,
Cujá corrente inda é menos ligeira,
Despois que de seu pai favor alcança
A que nasceu do mar, desta maneira
Aparece a seu filho na espessura,
Que errando vai à voltas co'a ventura.
- 34 Era Zara o retrato mais perfeito
Que com mão destra fez a Natureza,
Se as condições se vêem do altivo peito
E juntamente as partes da beleza.
O mundo com seu nome tem sujeito,
Que inda é maior que toda redondeza,
E se de Cristo a Fé lhe não faltara
Pode ser que seu nome ao Céu chegara.
- 35 De mil procos ao pai era pedida,
Sem outro prémio igual, em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida
Não há cousa que lhe encha o pensamento.
E dizem que se tinha oferecida
À vida singular e casto intento
De Diana, e das mais Ninfas da terra,
Que pisam trás a caça o vale e a serra.
- 36 Neste exercício alegre em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa,
Seguindo os passos de ãa e de outra fera,
Té que a tiro lhe chega e ali a traspassa.
Ora emboscada entre alto mato espera,
Tendo só para a seta a vista escassa,
Que do arco despedida o cervo prega
Incauto, que c'o sangue o campo rega.
- 37 Também a cosso toma o leve gamo,
Tão ligeira trás ele se arremessa,
Despois que o enganou c'ò vão reclamo,
A quem acode com ligeira pressa.
Agora aponta ao pássaro no ramo
E antes de ser sentida o atravessa,
Ensaio breve, com que a mão se afouta
Para o porco, que fez dentro na mouta.
- 38 À vezes enfadada na floresta,
Quando arde a calma, quando o Sol se empina,
No regaço florido passa a sesta,
E na mão de alabastro a face inclina.
Ora os olhos à fonte clara empresta,
E brincando co'a água cristalina,
A veia se perturba e se mistura,
Porque ela se não turbe co'a figura,
- 39 Que a ver a image bela na água clara,
O lindo asseio e gracioso riso
(Se porventura risse), perigara,
Perdendo-se por si, como Narciso.
Mas ela é desta glória tanto avara
Que, por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma água se cia
Lhe fuja co'a figura, pois corria.
- 40 À vezes co'as donzelas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaxo do tecido das floridas
Árvores, danças mil airoso ordena.
Espantam-se das silvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena,
Os passos com som rústico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.
- 41 Ai! Zara, e que vida esta tão segura
Em bosque fresco de pesares falto,
Onde o maior tumulto é de água pura,
Das aves do ar o murmurar mais alto!
[...]
- 69 Porém, desconfiado o rei se sente,
E quasi seu total destorso espera,
Por quanto foi remisso e inobediente
Ao mago no perdão que a Zara dera.
Inquieto se mostra e descontente,
Ficando ela sujeita a morte fera,
E porque em sonhos já fora advertido,
Manda chamar o seu penhor querido.
- 70 Obedece ao chamado a humilde filha
E diante do rei logo aparece,
Qual da fénix a nova maravilha,
Da terra espanto, e do ar que a não conhece,
E c'ũa inclinação branda se humilha.
Triste do velho pai que se enternece
E quisera mudar ali sentença,
Tanto o move a bellissima presença.

- 71 Em semelhante aperto Perseu anda
E quasi a empresa férvida recusa,
Trazendo à voltas de ùa e de outra banda
O coração, que acusa e logo escusa.
Já se aplaca o furor, já se lhe abranda,
Vendo o gesto feroso de Medusa,
Que pouco a pouco lhe converte o peito,
Em pedra não, mas em piedoso afeito.
- 72 Mas forçado lhe diz o que retinha
N'alma, que a seu pesar à boca veio:
«Ó doce alívio da velhice minha,
Ó de minha esperança firme esteio,
Arrimo em que minha hera se sustinha
C'um amoroso nunca visto enleio,
Fonte perene no maior estio,
Donde água vinha a meu cansado rio.
- 73 Os poderosos tálamos, as tedas
De príncipes, que altiva e ufana enjeitas,
Os doces himeneus, as vodas ledas,
A cuja glória enfim te não sujeitas,
Em tempo estás que é justo que as concedas,
Se daquele que as pede o ser respeitas,
Que autor é deste singular sucesso
Aquele cuja Lei sigo e professo.
- 74 Mas inda que prazeres semelhantes
Na morte acabam, começando em vida,
Ele quer que comecem na morte antes,
Para que nunca tenham despedida.
Em sacrifício quer esses prestantes
Olhos, e essa cabeça oferecida.
Para a luz que há-de vir de novo dia,
Das jóias mais preciosas te atavia.»
- 75 Ela c'o sobressalto temerosa,
Que a sombra só da morte nos trastorna,
Um pouco a côr perdeu, qual bela rosa
Que o matutino orvalho afeita e adorna,
Se a mau vento e a mau sol foi odiosa,
Lânguida logo e descorada torna;
Ou qual púrpura fina que desbota,
Se de água lhe caiu pequena gota.
- 76 Mas logo em si tornando, qual respira
A mesma rosa, qual de novo cora
- Se algũa viração branda lhe espira,
Assi lhe diz, e seu destino adora:
«Esta morte, senhor e pai, sentira,
Se menos gloriosa e nobre fora,
Mas pois de mi se lembra quem ma ordena,
Bem é que me esqueça eu dela e da pena.»
- 77 Tudo repousa, e vela a mãe de Zara,
Que de um trespasso em outro anda inquieta,
E com extremos e sinais declara
A dor que já não pode ter secreta.
E qual ligeira cerva a quem passara
O pastor de Ida com aguda seta,
Os montes salta, os vales atravessa,
Buscando o salutar dictamo à pressa,
- 78 Tal discorrendo vai c'o pensamento
Trás o remédio desta pena esquiva,
Como possa enganar o fero intento
De um tirano, que assi de amor se priva,
Que cuida conservar o reino isento
Sé em sacrifício der a filha viva,
E não vê meio que isto melhor cure
Nem parte de segredo onde a segure.
[...]
- 80 Mas enfim se resolve e determina
Mandá-la para longe e desterrá-la,
Onde possa escapar da morte indina,
E com ela este caso trata e fala,
Que à vontade do rei, que não declina,
Desta sorte procura desviá-la,
Esperando que o tempo, porventura,
Cure esta chaga, pois que tudo cura.
- 81 E porque o caso pede confiança,
A Caot e a Luzel eunucos chama,
A que era Zara entregue por usança
E que ela como pais reverente ama.
Estes a confirmaram de criança
Na Lei que segue, e tem conforme a fama
A mestres tais que sempre a doutrinavam
E nunca de seu lado se apartavam.
- 82 Não trazem tão contínuo movimento
As três estrelas em perpétua guarda
Daquele Norte, cujo fixo assento
No mar undoso as cegas naus resguarda,

Que enquanto o natural e o violento
Curso dos leves Céus imoto aguarda,
Sempre lhe afigurando irão pelo ano
As partes principais dum corpo humano.

83 Estes do grão depósito encarrega,
Também lhes diz a parte e lha sinala,
Onde quer que lhe façam dela entrega,
E com dor quasi e sentimento estala.
Mil vezes lha oferece e mil lha nega,
Como quem mal de si pode apartá-la,
Enfim lha dá, mas aii, quanto encomenda
Que nada lha moleste, nem lha ofenda.

84 Qual aquática alción no ar incerta
(A quem negou a terra o doce amparo
Chegando de seu parto a sazão certa)
Anda, se entregue ao mar o ninho caro,
Agora teme a região deserta,
Onde não se acha ao vento algum reparo,
Ora o balanço da onda que recrece,
Mas enfim se aventura e a casa tece.

85 E porque a conjunção do tempo e guerra
Que por todas aquelas partes ferve,
Com armas assombrando o vale e a serra,
Para qualquer disface de armas serve,
Que mais segura vai por mar e terra,
Para que o garbo feminino conserve,
Se armas veste, de um elmo radiante
Orna a cabeça, e de aço o mais restante.

86 Tal quando a vã soberba conjurada
Foi dos Gigantes contra o soberano
Júpiter, que com mão de raio armada
Fabricado na forje de Vulcano,
Ajudado da lança e ardente espada
De Marte, em dano vem do Centimano,
Em favor do querido pai te abalas,
De todas peças guarnecida Palas.

87 Já se alongavam da cidade e muros,
Entremetidos vales, serras várias,
Onde já por distância dos escuros
Ares nem cala luz de luminárias,
Nem tom de vozes, vão porém seguros,
Mil sonos perturbando de alimárias

E mil repousos de quietas aves,
C'ò trepidante som das unhas graves.
[...]

99 Té que foram sair num vale ameno,
A quem faziam muro erguidos montes,
Donde para o fresquíssimo terreno
Manavam de cristal límpidas fontes,
Que divididas pelo verde feno
Em rios naturais, que escusam pontes,
Um prado formam, deleitoso e lindo,
Onde está sempre a Primavera rindo.

100 Ali vêem gente de armas que jazia
Pelo florente abrigo derramada,
E no meio, alterosa, aparecia
A quatro cantos ãa tenda armada.
Nesta o valente Omar se recolhia,
Capitão é geral desta jornada,
Noutra com sete filhos Tenebronte,
Abdala forte noutra ali defronte.

101 Este com leda e fácil cortesia,
Vendo gente de guerra autorizada,
Recebe a Zara em sua companhia,
C'os outros de que vem acompanhada.
Quanto lhe é necessário oferecia,
Para sem falta ser agasalhada,
E trás prática e prática que ajunta,
Da jornada lhe faz Zara pergunta.

102 O capitão discreto lhe responde
Que aos lugares marítimos acode,
Que a fama diz, a quem nada se esconde,
Que à vista já o imigo o mar sacode.
Ela torna, folgara saber donde
Sai esse imigo e quanto em armas pode.
Abdala satisfaz, e enquanto conta,
A noite passa e a bela Aurora aponta.
[...]

Canto Oitavo

1 Já pelos altos muros se estendia
A Maura gente, a resistir constante,
E o novo sol no fino aço firia,
Que o representa ao longe rutilante.

- Entre todos galharda aparecia
Zara, c'um elmo os raios do prestante
Rostro encobrindo, qual a nuve obscura
Do belo sol assombra a fermosura.
- 2 E pondo os olhos no concerto airoso
Da Lusitana gente, afeiçoada
Às grandezas do Reino valeroso,
(História por Abdala recontada)
E mais entregue ao nome deleitoso
Do príncipe D. João, nome que agrada
Por ser de graça cheio, e num sujeito,
Que de esperanças já lhe enchera o peito,
- 3 «Mostra-me, Abdala», diz, «o Rei sublime,
Que por cativo seu já conheceste,
E para que esta vista mais estime
Mostra-me o filho que me engrandeceste.
Que um fogo n'alma, que se não reprime,
De longe ardendo vem, tu mo acendeste,
Para arriscar com ele em campo a vida»,
E n'alma se sorriu da voz fingida,
- 4 Que outra tenção a move, e doutro faro
A luz seguindo vai, que a leva e guia,
Que a fama deste Príncipe tão raro
Nas almas, como a vista, efeitos cria.
Abdala lhe responde: «O firme amparo
Que esteia a Lusitana Monarquia
Aquele é, porque a todos apareça,
Que leva sobre todos a cabeça.
- 5 O Príncipe, qual choupo em vara verde,
Se ajunta à mão do pai, que mais se estima
Digno sujeito que as grandezas herde
Do tronco singular a que se arrima.
O mais lugar que o campo à vista perde
Cobrem fortes varões, correndo acima
Grandes senhores vão, como primeiros,
Despois fidalgos, logo cavaleiros.»
- 6 Mas inda que a beleza convidava
Das armas, das empresas diferentes
Dos guerreiros que Abdala lhe mostrava,
A fazer quaisquer olhos mais contentes,
Zara porém no Príncipe parava
- Que nele via cousas excelentes,
A que mais obrigada se rendia
Que a quantas pelo campo estranhas via.
- 7 E enquanto nele atenta com a vista
Toda embebe o cansado pensamento,
Õa flama invisibil a conquista,
Com que Amor lhe abrasou o peito isento.
Quer divertir-se, para que resista
A tão súbita dor e sentimento,
Mas quanto isto procura mais consigo,
Tanto se entrega mais a seu perigo.
- 8 Qual mísera avezinha, a quem armado
No campo tinha o moço diligente,
Que entre o ramo de indústria levantado
A varinha inviscou ocultamente,
Tanto que ela com voo acelerado
Fazendo pouso presos os pés sente,
Com as asas forceja e em vão se cansa,
Que mais se enreda e já de fraca amansa.
- 9 À vezes furta os olhos cautamente
Para outra parte, e logo nele os prega,
Torna a fazer-se força e já consente,
Agora se retira e já se entrega.
Já se deseja ausente e já presente,
Nestas indiferenças alma emprega,
E se aquieta um pouco, a sobressalta
Cuidar que é vista sua pena e falta.
- 10 E como a vista enamorada altera,
Quando em meio se vê dificuldade,
Fugir intenta a pena tão severa,
Inda que a outra maior se persuade.
Para outra estância passa, e persevera
Nesta imaginação e saudade,
E quanto divertir-se mais pretende,
Amor a envolve e seu cuidado acende.
[...]
- 60 [...] Os olhos pôs no campo e divisava
Um mouro na apostura e segurança,
Gentil em armas e gentil na fama,
Pela empresa o conhece, Ali se chama.

- 61 O estímulo da glória lhe esporeia
O coração, de seu alevantado,
E como águia real que, vendo a preia,
Esperta mais o voo acelerado,
E ou na lebre fugaz, de temor cheia,
Ou empolga no gamo amedrentado,
Sobre ele dá, que atravessado expira,
Co'alma na boca e n'alma com Zafira.
- 62 E os olhos todo pálido pregando
No vencedor, com voz amortecida
Lhe diz: «Um só favor peço e demando,
Em justo câmbio desta triste vida:
Este meu coração, que está clamando
Por ir ao centro seu nesta partida,
A Zafira mandai, porque Zafira
Por este coração chora e suspira.»
- 63 Mas o valente herói, que não cura
Das tristes mágoas que ele em vão despende,
«Morrei», lhe diz, «embora, e foi ventura
Acabardes às mãos de quem vos rende.
Têm-me tirado as armas a brandura,
E nada me enternece, antes me ofende
Vossa amorosa teima, nem me obrigo
Com petições tão frias de inimigo!»
- 64 Caiu a noite escura sobre o mundo,
Confundindo o que acerta e ordena o dia,
Calou c'os pexes logo o mar profundo,
Calou também a terra e quanto cria.
Cintilava contudo com jocundo
Raio a fermosa Cíntia, e prometia
Feliz sucesso a toda nova empresa
Que intentasse valor e fortaleza.
- 65 Mas deu o tempo Marte sanguinoso
A quem por Vénus bela o fez enfermo,
E torna Zara a seu termo amoroso
Por ver se em seu amor acha algum termo.
Viu em tudo um silêncio saudoso,
Sentiu o campo de almas vivas ermo,
Que o cego irmão da morte suspendidos
A todos em geral tinha os sentidos.
- 66 Sair ao campo assenta e delibera,
E ver a tenda de seu bem confia,
- Comunicar com ele alegre espera
Segredos, que alma a seu objeto guia.
Não teme a soidade, nem se altera,
Que a mor dificuldade amor desvia,
Nem teme avesso à sua honestidade,
Antes crê que com ela mais lhe agrade.
- 67 A Luzel comunica este segredo,
Que outros seus já de longe conhecia,
Sai com passo vagaroso e quedo
Por ùa porta oculta que sabia.
Caminha resoluto e perde o medo,
Que a deliberação que a comovia,
Tanto o espírito mais lhe assegurava,
Quanto mais do perigo perto estava.
- 68 Mas Eudolo, que lanço não perdia
Para impedir um bem, que fora grande,
Com Megera em seus tratos entendia,
Que já presente está para que a mande.
A forma de repente confundia
E faz imaginar que o Príncipe ande
Junto da tenda passeando a caso,
Chegando já tão doce e alegre prazo.
- 69 Sobressaltou-se Zara c'o sucesso,
Nem sabe como o preze e como o estime,
Nas feições conheceu seu bem expresso,
Que Amor lhas retratou, pintor sublime.
Já se aventura a cometer excesso,
Já chegando-se vai, já se reprime,
As primeiras razões consigo forma,
Já deixa estas, naquelas já conforma.
- 70 Quando o vulto enganoso foi saindo
Para a banda do mar em passo lento,
Também trás ele vai Zara seguindo,
Mais apressada um pouco em seu tormento.
Aquela novidade confirindo
Não pode imaginar-lhe fundamento,
Quer pedir-lhe a razão por que lhe foge,
Mas emudece e teme que o enoje.
- 71 Tinham chegado já perto da praia,
Onde ancorado um barco estava em nado,
E o Príncipe fingido, que se ensaia
Para este intento, nele salta ousado.

- Zara após ele, e súbito desmaia,
Que atentando para um, para outro lado,
Só se achou, e com sua própria mágoa,
Sujeita às duras leis do vento e da água.
- 72 Sentiu correr ligeiro o barco leve,
Sem se ajudar de remo, nem de vela,
Sentiu fugir-lhe a terra em tempo breve,
E pasmou de se ver tão longe dela.
Olha, busca, não acha quem releve
Tamanha dor, o sangue se congela,
Pálida a cor se torna, os olhos fontes,
De amantes graciosos horizontes.
- 73 De quem se há-de valer em tanto aperto
A triste, em companhia de altos mares,
Que já com furioso desconcerto
Arremessavam dentro ondas a pares?
Valer-se-há do comum seguro acerto
Das queixas, e abrandar espera os ares
Se lástimas disser, mas ventos e águas
Sempre se mostram surdas para mágoas.
- 74 Rompeu nestas razões com voz amara,
E co'elas serenara o mar e o vento,
Se só naturalmente se assanhara
E não por infernal encantamento:
«Ó bravos conjurados, se me ampara
Minha miséria agora e meu tormento,
Tende piedade algũa destas mágoas,
Que é bem que haja piedade em ventos e águas.
- 75 Se altivos sois, não vos mostreis irosos
Contra dous fracos míseros sujeitos,
Lá vos cortam navios poderosos,
Sejam por vós embora estes desfeitos,
Varões navegam neles animosos,
Que opõem contra a braveza vossa os peitos,
Mas sendo um batel fraco, e ãa donzela,
Dele que honra tirais, que glória dela?
- 76 Mas colijo de vosso brio altivo,
E verdadeiro espero achá-lo cedo,
Que me assombrais com esse termo esquivo
Só por me pordes, como a fraca, medo.
Mas não seja o furor tanto excessivo
Que dure muito em vós este segredo,
- Que se assi por meu mal perseverardes,
A vida perderei sem ma tirardes.
- 77 E vós, fermosas Ninfas, lá nas covas
Onde viveis de cristalino assento,
Ouvi desta miséria as tristes novas,
Que já desesperada vos presento.
Num peito feminil, que duras provas
Faz a fortuna! Tende sentimento
De meus temores e amargoso trago,
E os ventos refreai c'um brando afago.
- 78 Mas, que engano foi este? Foi engano
De algũa vã fantasma que me cega,
Que para me levar a eterno dano
À braveza do vento e mar me entrega?
Ou eu quis confundir o desengano,
Que esta imaginação de amor me nega
As cousas conhecer, e se contenta
Daquilo só que forma e representa?
- 79 Não era desvario e fantasia
Cuidar que, em alta noite e solitária,
Fora da tenda o Príncipe estaria
(Sucesso e novidade extraordinária)?
Mas quem me diz, a mi, que não faria
Este milagre amor, e a sorte vária
Me daria favor em meu cuidado,
Por ver em que sujeito era empregado?
- 80 Tudo podia ser, e ser podia
Que na entrada do barco eu o perdesse,
E o Príncipe na praia ficaria,
Para que meu intento conhecesse.
Mas tão cruel, tão áspero seria,
Que vendo minha dor me não valesse?
Dificuldades mil sobre isto vejo,
Nem determinar posso o que desejo.
- 81 Só me vejo num túmulo metida,
Onde mui cedo morte indigna espero,
Indigna morte de um amor nascida,
Brando no prometer, no dar severo.»
Isto diz já com voz desfalecida,
Porque o peso de seu tormento fero
Lhe oprimiu com tal sono o pensamento,
Que lhe fez menos fero seu tormento.

Canto Nono

[...]

- 9 E como para mães, para donzelas,
Foi esta hora a desgraças granjeada,
A maior parte e mais áspera delas
Foi na triste Zafira executada.
Esta dama, belíssima entre as belas,
Por sua gentileza celebrada,
Lustre de Arzila, desposada estava,
E o caro amante em partes a igualava.
- 10 Ao valeroso moço punha freio
Amor, que da batalha o retraía,
Mas a lembrança de honra com receio
De ficar infamado lhe acudia.
Neste amoroso, neste honrado enleio,
Os assaltos passou do triste dia,
Té que por si cortou, chora e suspira,
E parte alegre em nome de Zafira.
- 11 Mil esperanças vãs finge consigo,
Como tudo o que finge um cego amante.
Já cuida que vem, fora do perigo,
E que aparece a seu amor diante,
Já que vem com despojos do inimigo,
E será mais gentil, se triunfante.
Mas desvarios são e fantasias,
As que forma de suas alegrias.
- 12 Õa atrevida mão, lança homicida
– Oh morte indigna, oh mágoa que lastima! –,
Sem piedade lhe tirou a vida,
Que outra, que nela vive, tanto estima.
Chega a Zafira a nova entristecida,
Suspende-se, não crê, porque reprima
A dor primeira, para que se ensaia,
Mas logo se trespassa e se desmaia.
- 13 Torna em si para logo sair fora
De si tanto que nunca mais se veja.
Não se lastima, não suspira e chora,
Só suspirar e só chorar deseja.
A lembrança no bem que morto adora,
Inda tem para si que vivo seja.
Nestas tristes ideias jaz confusa
Aquela alma, que a causa e amor escusa.
- 14 Mas depois que a dor já a esforça e alenta,
Que alenta a dor e esforça, o rosto abrasa
De um vivo ardente fogo, e representa
Õa tragédia muda pela casa.
Logo um não esperado feito intenta,
Depois que da cabeça o ornato arrasa,
Descompõe os cabelos de ouro e deixa
O efeito para a noite, e segue a queixa.
[...]
- 64 Esperava Zafira que cubrisse
(Triste esperança) a sombra grande a Terra,
Para que ela remédio descobrisse
À grande dor que dentro n'alma encerra.
Que tanto que do amante a morte visse,
Pazes faria logo a tanta guerra
Co'a morte sua, e vendo a noite, chama
Zaida, sempre a seus gostos útil ama.
- 65 E diz-lhe que quer ver a sepultura
De seu esposo, e logo o determina.
A furto sai, e ao campo se aventura,
Na feição, traje, modo, peregrina.
Com a mesma miséria se assegura,
Que esta à vezes melhor o ânimo afina.
E como tem o maior bem perdido,
Que perda há na qual possa ter sentido?
- 66 Depois que lá se viu, co' a morta gente,
Õa tocha acendeu de que se ajuda,
Começa a revolê-la diligente
E de um lado para outro a vira e muda.
Inda a muitos doer-se e gemer sente,
Algum diz que lhe valha e que lhe acuda,
Mas ela passa avante, até que a sorte
A pôs junto da sua amada morte.
- 67 Não conheceu, mas ao passar diante
Parece que por ela alguém puxava.
Logo se perturbou no mesmo instante,
Sem mais poder mudar-se donde estava.
Fez volta, e acha passado o caro amante
Por um troço de lança que apontava,
Sobre ele se lançou e muda abraça
Este tronco, para ela inda com graça.
- 68 E logo em tenras lágrimas banhada,
C'um suspiro que d'alma arrancou triste,
Nestes queixumes solta a voz cansada,

- Que cansado a seu mal o espirito assiste:
 «Esta era, Ali, esta era a desejada
 Hora, em que tão entregue consentiste,
 Quando ser meu esposo prometias?
 Estas eram as vodas e alegrias?
- 69 Nisto parou aquele amor perfeito?
 Nisto aquela esperança que me davas?
 Tudo veio por terra já desfeito,
 Salvo a fé a que vivo me obrigavas.
 Morto te guardarei este direito,
 E com zelo maior do que esperavas.
 Mas se estais vivo, amor? Ai que respira!
 Despertar quer do sono em que caíra.
- 70 Sono é isto, meu bem, não morte crua,
 Que ser tão atrevida não podia,
 Possível é que tal vida possua?
 Não é, porque eu já viva não seria.
 Vive corpo sem alma? Não, da sua,
 Esta vida, que tenho, dependia.
 Ah, consequência vã, todo está frio,
 Eu sou a que me engano e desvario.
- 71 De ti posso queixar-me, doce amigo,
 Pela vida que incauto aventuraste,
 Pois imaginar posso que o perigo
 Pelo em que me deixavas só buscaste.
 Em balança puseste amor consigo,
 E de outra parte a glória, mas achaste
 De mor preço e valor a glória leve,
 Que quanto sempre amor com todos teve.
- 72 Não sei quem te moveu, ah sorte minha,
 Seguir as leis do rigoroso Marte,
 Pois à brandura e partes não convinha,
 Que a natureza em ti larga reparte.
 Se militar querias, também tinha
 O glorioso amor seu estandarte,
 Já te disse eu, e esta memória encerra
 O peito: «sigue amor, outros a guerra.»
- 73 Entre todos c'ò dedo eras notado
 Lindos moços de Arzila em galhardia,
 Polido traje, cortesão, dotado
 De aviso, de primor e cortesia,
 Gentil, de damas único cuidado,
- O sangue do melhor que África cria,
 A verde idade a graça acrecentava
 Que indignamente em armas se empregava.
- 74 E se tanto, porém, pôde contigo
 O desejo que só na morte pára,
 Ao campo me levaras do inimigo,
 Eu armado varão representara.
 Ao lado te seguira e, no perigo,
 Os golpes com fervor te desviara,
 E quando desviá-los não pudera,
 Eu própria a recebê-los me opusera.
- 75 E se, contudo, achando-me presente
 Ao triste e lastimoso sacrifício,
 Cáiras morto, (como estando ausente)
 De esposa e amante fiel fezera ofício.
 Um leito nestes braços diferente
 Teveras, amoroso benefício
 Te fezera na chaga, eu ta apertara,
 E com lágrimas minhas a lavara.
- 76 Ao menos esses olhos, que eram lume
 Destes cansados meus, em mi pregaras,
 Faltando a voz (que às vezes se consume
 Co'a pena) e por acenos me falaras.
 Podendo, últimas mandas por costume
 Deras e as minhas últimas levaras,
 Últimas mandas minhas, não da vida,
 Porém da morte a meu amor devida.
- 77 Esta, inda que a Fortuna e sorte imiga
 Por me não dar alívio então me nega,
 Sazão terá, que é bem na morte siga
 A quem da vida fiz total entrega.
 Nem quero que ser dívida se diga
 Em que me estás. A quem seu gosto emprega,
 Nada se deve; é para mi subida
 Glória a morte seguir, fugir a vida.
- 78 Vivi contente enquanto vida teve,
 Enquanto, digo, amor, vida tevestes,
 Vivi contente, que este tempo breve
 Para tratar convosco vós mo destes.
 Mas agora é razão que a morte leve
 Os despojos de ùa alma, onde fezeistes
 Vosso tesouro, pois levou dessa alma
 Os despojos a morte, em grande palma.»

79 Nestes queixumes pára, e por vingança
De seus cabelos corta o rico velo,
E a Zaida diz: «Co'as damas, certa usança,
Desse ornato parti que já foi belo.
Direis a cada qual que a esperança
Maior é vã e pende de um cabelo.
Mas descuidada andei: que me detenho,
Se acompanhar meu bem na morte venho?

80 Se pode ser que com meu próprio alento
Lhe torne a infundir alma se é saída?
Belo acerto, ditoso pensamento!
Que me canso, se em mi lhe tenho a vida?
Mas quero seguir antes outro intento,
Esta alma por aqui anda perdida,
Irei no alcance dela, espera, espera,
Não sejas tão cruel e tão severa.

81 Mas erro no que sigo. Que aproveita
Dar vozes por ãa alma? Desconhece,
Minha alma há-de ir buscá-la. Então respeita
A companhia e fácil lhe obedece.
Mas, como há-de sair? Aqui me aceita
Este ferro de lança que aparece.»
Mais dissera, mas já no peito abria
Franco lugar por onde alma saía.

Canto Décimo

1 Fugiam do céu róscido as menores
Luzes, co'a luz maior escurecidas,
De novo recebendo as próprias cores,
A seu estado as cousas reduzidas,
Abaixavam-se os vales, e os maiores
Montes se levantavam, guarnecidas
As húmidas cabeças de alva neve,
Que descalva o calor em tempo breve,

2 Quando subitamente os temperados
Atambores, tocando despertaram
Os ânimos, na noite inda alterados,
Que o sono e seu descanso desprezaram.
Os pífaros por cima concertados
Em consonância igual pelo ar soaram.
Por suprir do passado encontro a falta,
Os muros de repente o campo assalta.

3 Foi para os mouros este assombramento
Tão sobejo, que alguns determinaram
Com algum pacto bom e firme assento,
Entregar-se, e um sinal branco arvoraram
Por se reconhecer aquele intento.
Nesta fúria maior todos pararam,
Quando um mouro galhardo e grave sai,
E prostrado ante os pés de Afonso cai.

4 E logo com voz clara e tom formado,
Estas palavras e razões profere:
«Alto Rei, cujo império o Sol dourado
Deixa, quando no mar os raios fere,
E cedo o verá longe dilatado,
Como do valor vosso é bem se espere,
Cujas obras o reino Mauritano
Experimenta com tamanho dano,

5 Omar, príncipe insigne e valeroso,
A quem da guerra o peso é cometido,
Do sucesso das armas receoso,
Nunca de capitães bem conhecido,
Quer dar à vossa empresa um corte honroso,
Com que fique sem dano seu partido,
E convosco, ditosa sorte, a glória
De ãa segura, certa e sã vitória.

6 Permitti que despeje livremente
(O que fará sem nisso haver detença)
De munições a vila e armada gente,
Segura e sem temor de algũa ofensa.
E que a de paz e natural se isente
Do rigor que da guerra às leis pertença,
À fazenda não chegue adversidade,
Fique sem detrimento a liberdade.

7 E se tão liberal e honrosa oferta
Não aceitais, vos lembra, como amigo,
Que a fortuna da guerra é sempre incerta,
E pode ser de entrambos o perigo.
E pois a conjunção vedes aberta,
Que desejara vosso brio altivo,
Acerto é não perdê-la que, passada,
Tanto lastima como agora agrada.

8 Ele entre muros altos não se altera,
Deles rebate vossa confiança,
Vós no campo ao rigor e lei severa
Dos ares, sem reparo e segurança.

- Ele socorro cada dia espera,
E vós tão longe ainda da esperança,
Por glória um, pela Pátria outro pejeja,
Vede pois qual razão mais forte seja.
- 9 E se quereis ainda vos conceda
Seja certa a vitória duvidosa,
Não negareis, por mais que bem suceda,
Que vos há-de ficar assaz custosa.
E quando outro maior respeito exceda
Esta verdade pouco cautelosa,
Consolação será de seu tormento
O certo termo de arrependimento.»
- 10 Afonso, conhecendo a conta e preço
Em que podia ter tal embaixada,
«De vosso capitão», diz, «agradeço
A vontade por vós denunciada.
O conselho que dá por bom conheço,
Que a guerra nos sucessos foi julgada
Por vária sempre, mas inculca e prova
Cousa que para mi nunca foi nova.
- 11 E com razão receia adversa sorte,
E com razão remédio achar deseja,
Que o capitão que se prezar de forte,
Necessário é também que sábio seja.
Se pretende dar nisto honroso corte,
Temo nos seus meu corte agudo veja,
Que toda África dentro achar tomara,
Para que de um só golpe a degolara.
- 12 Bem sei do cauto rei ser justo intento
Não arriscar, se possa, ãa só vida,
Que só de ãa só morte o sentimento
Parece a glória da vitória impida.
Mas quando o rei tiver conhecimento
Que a glória têm na morte conhecida
Seus vassalos, o impedir-lhe monta
Para eles glória não, mas grave afronta.
- 13 E se entre muros altos senhoreia
Dos meus o brio e singular braveza,
Cedo lhe mostrarei que experto creia
Estar meu campo igual co'a fortaleza.
E se quem fora está, dano receia,
E quer abrigo a fraca natureza,
- Como Arzila daqui tenha mais perto,
Recolher nela os meus será mais certo.
- 14 Jacta-se a razão ser, que o força e move,
Mais forte que a que tem força comigo,
Prova é certa quão pouco um mouro prove
O deleite da glória de um perigo.
Inda que outra maior minha alma aprove,
Glória de um Deus que adoro, Deus que sigo,
E como nela só tenho o sentido,
Jamais poderei ver-me arrependido.»
- 15 Com isto se despede o mouro triste,
Os infortúnios n'alma adivinhando,
A quem nunca jamais arte resiste,
Nem força, quando o Céu os vem traçando.
Afonso, que animoso a tudo assiste,
Todo campo c'os olhos alegrando,
Olhos senhores, com que alento dera
A gente que menor fervor tevera.
[...]

Canto Décimo-Primeiro

- 1 Por largo espaço um campo dilatava,
Estendida planície e aberto seio,
E pelo meio um rio caminhava
De água emprestada já vazio e cheio.
Aqui co' a vista o Príncipe ficava,
Queria perguntar, mas um receio
Temeroso o detinha, enfim rebenta
Nas palavras que a dor lhe representa.
- 2 «Oh! não me passes em silêncio agora,
Eudolo, as maravilhas e altos feitos
Que vejo neste campo, que orna e cora
Sangue gentil de Lusitanos peitos.
Bem imagino algũa infelice hora,
Rota vai a batalha, vão desfeitos
Os fortes esquadrões, mas no perigo
Vejo grandezas do valor antigo.»
- 3 Eudolo então, como sentido e triste,
Assi começa, carregando a frente:
«Já que tanto destorso e estrago viste,
E mal se esconde o que se tem defronte,

- Prepara um coração grande, que abriste
Caminho a grandes casos, quando os conte,
Que a representação da amarga história
Me suspende os sentidos e a memória.
- 4 Estende os olhos, e verás pregado
Nũa alta Cruz um corpo sem figura,
Por mil partes aberto e mil chagado,
Para Cristãos de estranha fermosura.
Um sacerdote o mostra levantado,
E com palavras cheias de amargura
A todos animando a dar a vida,
Já por ele morrer nenhum duvida.
- 5 E prostrados por terra, num momento
Os corações e as almas inclinando,
C' um cristão e devoto sentimento
Por seu favor e ajuda estão chamando.
Qual lhe entrega somente o pensamento,
E co' esse muito mais lhe está falando,
Quando da parte da inimiga gente
Um grande clamor se ouve de repente.
- 6 Tal levanta algũ'hora o mar Tirreno,
De fera tempestade sacudido,
Tal pelo cume rompe do terreno
Que abala e move Encélado oprimido.
Não faz, porém, abalo no sereno
Ânimo de esforçados, que batido
Daquele estrondo, os corpos, que arrojara
A devação, com vigor novo ampara.
- 7 Mas quem sustentará valor e brio
Contra trovões de bronze, que forjaram
Pólvora e fogo, a cujo senhorio
As forças os mais bravos sujeitaram?
Solta-se a fúria contra quem desvio
Nem resistência val'. Quantos deixaram
A luz vital em noite eterna escura,
Dando aos corpos o vento sepultura!
[...]
- 22 Já neste tempo – os olhos lança e nota –
O esquadrão valeroso entrava ousado,
Não valendo contra ele malha ou cota,
Nem fortaleza de aço bem forjado,
Que a espada Portuguesa não se bota
- No poderoso escudo e arnês provado,
E como resistência não se achava,
A liteira do rei morto assombrava.
- 23 Cinco estandartes, que de verde coram,
Em sinal de vitória e de esperança
Animosos alférezes arvoram
Com galhardia, brio e confiança.
Olha, e verás como os que Cristo adoram,
À força do rigor da espada e lança,
Dous deles têm rendidos e a vitória
Se vai manifestando co' esta glória.
- 24 Que falta mais? Um breve e curto espaço
Que facilita a venturosa sorte,
Para que nele um valeroso braço
Do Moluco a cabeça inútil corte.
E aquele terror de África, ameaço
De Portugal, com tão ditosa morte,
Nũa haste levantada se publique,
E a desejada nova verifique.
- 25 Mas o Inferno, de enveja estimulado,
Como com tanta glória se alterasse,
Ou desse a algũa Fúria este cuidado,
Ou na língua d' algum a voz formasse,
«Ter, ter!», soou no campo um grande brado,
Para que este esquadrão se retirasse.
Ele parou naquela estranha fúria,
Sentindo a obediência como injúria,
- 26 Como, quando depois que o grande império
Soltou de Éolo os ventos, e passaram
Da cavernosa cova a este hemisfério,
Se por ele outra vez se encarceraram,
Este mandado têm por vitupério,
Sentindo o pouco dano que acabaram,
E da porta ferozes indignando
O peso, inda lá dentro estão bramando.
- 27 Tanto que este furor, que ia fervendo
C'o sangue quente suspendeu seu brio,
Logo houve confusão, cada qual tendo
C'o dano recebido o ânimo frio.
Os firidos desmaiam, conhecendo
Ser desvario não fazer desvio,
Outros, porém, que glória e honra desejam,
Inda vão d' avante, inda pelem.

- 28 Tal, quando o temeroso incêndio abrasa
As brenhas c'ò furor do irado vento
E altos carvalhos com violência arrasa,
Tornando em cinza o tronco mais isento,
Se um chuva caiu na grande brasa,
De algũa nuve grossa, num momento
Cessa o furor e só nas partes arde
Mais espessas onde água chegou tarde.
[...]
- 40 Mas que podem três mil, quando sentirem
Gentes sem conto o débil, fraco esteio
Do número, se juntos resistirem,
Lembrança funeral que enfim lhes veio?
Fezeram corpo para confundirem,
Por todas partes com sinuoso enleio,
Os poucos vencedores, que oprimidos
Poderão ser, mas não serão vencidos.
- 41 Tal pelo mar com vitorioso braço
Rompe o soberbo Nilo em sua entrada,
E caminhando dentro largo espaço
Fazendo ripas vai de água salgada,
Porém, lá mais avante em seu regaço
Vai cedendo a corrente arrebatada,
E pouco a pouco o mar, que o traga e come,
Em si o converte, e perde Nilo o nome.»
[...]
- 61 Ó forte Portugal, detém-te, pára,
Conde famoso, que é grande o perigo,
Mas que digo?, que a vida o desampara,
Enquanto esta palavra em vão lhe digo.
E salvar-se quão pouco lhe montara,
Pois não achara o filho então consigo,
Aquele D. Manuel que o mundo acanha
Co' a morte com que o pai forte acompanha.
[...]
- 75 Oh 'spectáculo triste, oh nunca ouvido
Caso jamais, como lastima e corta!
Mas é dia a desgraças referido,
Aberta a mágoas só temos a porta.
Andava pelo campo oferecido
Ao golpe derradeiro, a côr já morta,
As forças já quebradas, João Carvalho,
Buscando alívio no último trabalho.
- 76 Atravessado o peito esquerdo abria
De ùa lançada até que desfaleça,
Quando defronte o filho amado via,
Partida por três partes a cabeça.
Parou, e nele não se conhecia,
Inda que cousa sua lhe pareça,
Que a gentileza que seu rosto adorna,
C'ò sangue e mortal sombra se trastorna.
- 77 C'os olhos cada qual se comunica,
Que a língua c'ò espectáculo emudece,
Um noutro por espaço absorto fica,
Muito lhe quer dizer, tudo lhe esquece.
Vão-se aos abraços, que este nó publica
Afeitos grandes que alma em si conhece.
Juntos destarte, assi se ofereceram
À morte, e juntos desapareceram.
- 78 Ditoso pai, que tanto soube ao vivo
Gerar per natureza um semelhante,
Que nele retratou seu brio altivo,
Executado neste honroso instante.
Ditoso filho, pois em transe esquivo
Teve exemplo tão vivo e tão constante.
Ditosos ambos, pois num tempo e sorte
Vistes o galardão de vossa morte.
[...]
- [...]
- 88 Mas bem te vejo intrépido e constante,
Ilustre D. Fernando Marcarenhas,
E como estás à morte resoluto,
Deixarás de teu nome eterno fruto.
- 89 Estava Sebastião em grande aperto,
Cercado de infinita gente brava,
Que já com vitorioso desconcerto
Mil mortes prometendo se chegava,
Consigo este guerreiro fez concerto
De ver ùa das mortes que esperava,
E porque a do seu Rei dera mais pena,
A sua exp'rimenatar primeiro ordena.
- 90 Bate o cavalo, que conhece o intento
Do senhor obrigado de honra e de ira,
E correndo ligeiro como vento,
(Como que a sente) à mesma glória aspira.
Cai Fernando, a vista sem alento,

E c'os olhos no céu geme e suspira.
Em que peito de Rei não faz abalo
A lealdade estranha de um vassalo
[...]

100 Campo de Alcácer, nunca em ti se veja
Primavera gentil, mas seco Estio,
Nunca o céu, na sazão que se deseja,
De água te cubra, nem de orvalho frio!
O teu nome infamado sempre seja,
Que em ti perderam fortes lustre e brio...
Não pode dizer mais Eudolo, e sente
O mal futuro, como já presente.

Canto Décimo-Segundo

[...]

4 Neste tempo se ouviu grande ruído
Dos que a sorte a cativos obrigara,
Entre eles vem o número escolhido
Dos companheiros da famosa Zara.
Mas a Luzel, já d'alma convertido,
Com liberdade Afonso e honras ampara,
Obstinado Caot no erro primeiro,
Se condena a perpétuo cativoiro.

5 Soavam doutra parte amaros gritos,
Que sair pareciam das entranhas
Da terra, com gemidos infinitos,
Confusas vozes, opressões estranhas,
Dos cativos em cárceres aflitos,
Que em novidades raras e tamanhas
Dos golpes que sentiam publicavam
Os hórridos lugares onde estavam.

6 Não lhes dilata Afonso o repentino
Gosto da desejada liberdade,
Que ele tem seu quilate então mais fino,
Quanto menos alguém se persuade.
Nem sofre que um favor alto e divino,
Que lhe fez a suprema Majestade,
Àqueles tarde vá comunicado,
Que em tempo estavam mais necessitado.

7 Descer manda às masmorras cavernosas,
Cárceres de prisões e penas várias,
A dar aquelas novas venturosas,

Tanto neste lugar extraordinárias.
Entram muitos por bocas tenebrosas,
Abrindo-lhe caminho luminárias
Para poderem dar a cegos lume,
Que em noite já viviam por costume.

8 À nova luz os olhos levantaram,
Reconhecendo o bem que do Céu vinha,
E n'alma de alvoroço se alegraram,
Como em tão raro extremo lhes convinha.
Para o resplendor logo se chegaram,
Cada qual como força e vigor tinha,
Louvores dando ao Rei que, desta sorte,
Alumear os veio em viva morte.

9 Entre estes um, qual nóctua que se esconde
Dos raios do primeiro sol que aponta
Para as roturas de edifícios, onde
Não chega aquela luz tão viva e pronta,
Fugindo andava; chamam, não responde,
Que já da liberdade não faz conta,
E num recanto cego e mais escuro
Ali se foi meter, como em seguro.

10 Vendo um extremo tal, com zelo amigo
Chega um daqueles c'ũa tocha ardente,
Dizendo: «Inda que cru sejas contigo,
Eu só contigo quero ser clemente.
Como foges de mi como inimigo?
Venho a salvar-te, como est' outra gente;
Que tão afeito estás a más venturas,
Que nem de vida, nem remédio curas?»

11 Ele então, levantando a voz amara,
«Como queres», responde, «que obedeça,
Se agora co' essa luz vejo mais clara
Minha culpa e o castigo que mereça.
Como usar pode da clemência rara
O Rei benigno, quando me conheça,
Que eu sou aquele traidor ingrato
Que contra sua vida tive trato.

12 A causa de D. Pedro defendida
Por mi, fosse cegueira ou desvario,
A triste morte pouco merecida,
Que enveja tece até cortar o fio,
A forte obrigação de amor devida
A Príncipe tão justo, brando e pio,

- Me trastornou e confundi de sorte
Que tentei dar incauto a tal Rei morte.
- 13 Depois que da prisão dura e pesada
Por indústria escapei, que nunca fora,
Pode ser que estevera perdoada,
Se confessara a culpa que em mi mora,
Como nau de mil ventos arrojada,
Tive enfim de descanso ãa triste hora
Neste porto de mais dificuldades,
Do que foram passadas tempestades.
- 14 Que nisto comumente aqueles param
Que do Rei fogem, inda que ofendido
A quem se erros passados confessaram,
Teveram por amigo enternecido.
Mas quantos o perdão dificultaram,
Muito mal seguraram seu partido,
Que não há mor ofensa de um vassalo
Que chorada em tal Rei não faça abalo.»
- 15 «Oh! mil vezes feliz e mil ditoso,»
Ele lhe torna, «pois que vem buscar-te,
A esta tão benigno, tão piedoso
Esse, de quem fugiste em toda parte.
Confia, não te mostres temeroso,
Que em todo tempo podes melhorar-te,
Que esse de erros geral conhecimento
Caminho é certo de arrependimento.»
- 16 Com isto se assegura, e do sombrio
Lugar de penas saem todos fora,
Vêem novos ares, e com rogo pio
Cada qual o divino ser adora.
[...]
- 98 Em roda estavam já com ledos asseio
Aqueles Cavaleiros esforçados,
Parte tintos somente em sangue alheio,
Parte em seu próprio sangue inda banhados.
Sobre todos o Rei sublime em meio
Aparece c'os ombros levantados,
E c'os olhos no filho a tudo atento,
Desta maneira fala em grave acento:
- 99 «Alta mercê, dom grande da Bondade
Suma, nesta hora, ó filho, recebemos,
Não só na presa insigne da cidade,
Que com tanto valor ganhada temos,
Mas porque nos abriu comodidade,
Para que em justo título vos demos
Nome do Cavaleiro, que só cabe
Àquele que vencer primeiro sabe.
- 100 Hoje dele tereis melhoramento,
Por mão de um Rei e pai que não dilata
Prémio devido a seu merecimento,
Nem sem este também o disbarata.
Mas, porque a obrigação e nobre intento
Desta ordem, que exercita, de que trata,
É bem queirais saber, como imagino,
Declarar brevemente determino.
- 101 Virtude é, filho meu, esta excelente
De preço e de nobreza extraordinária,
Mesclada com império juntamente,
Segundo a natureza necessária
Para poder meter em paz a gente
E refrear a fúria temerária
Da cobiça cruel e tirania,
Quando os Impérios perturbar porfia.
- 102 O estatuto desta ordem vos obriga
A depor quaisquer reis de seus Estados
Que a justiça não tenham por amiga
E em vida estejam solta embaraçados,
E pôr em seu lugar outro que siga
Os perfeitos costumes e acabados,
E que enfim nada faça e nada mude
Que por molde não seja da virtude.
- 103 Também força a guardar um leal peito
A quem do Reino tem governo e mando,
C'o braço, seu partido e seu direito
Contra seus inimigos sustentando,
A vida cara com cristão despeito
Pela Lei, pela Pátria aventurando.
Aceitais, filho, encargo tão severo?»
O Príncipe responde: «Aceito e quero.»
[...]

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

- AAVV, *Vasco Mouzinho de Quebedo*, col. "Folhetos", n.º 1, ed. Câmara Municipal de Setúbal/Biblioteca Pública Municipal de Setúbal, 1993.
- Alves, Hélio J. S., "O poeta Luís Pereira, as suas influências italianas e o adeus a D. Maria de Portugal" in AAVV, *D. Maria de Portugal Princesa de Parma (1565-1577) e o seu Tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade/Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1999, pp. 49-67.
- Cirurgião, António, "O carácter moralizador de «O Primeiro Cerco de Diu» de Francisco de Andrade", *Biblos*, n.º 63, Universidade de Coimbra, 1987, pp. 73-96.
- Corte-Real, Jerónimo, *Obras de...*, intro. M. Lopes de Almeida, col. "Tesouros da Literatura e da História", Lello & Irmão Editores, Porto, 1979.
- Corte-Real, Jerónimo, *Poesia*, apresentação e notas de Hélio J. S. Alves, col. "Obras Clássicas da Literatura Portuguesa", Angelus Novus Editora, Braga - Coimbra, 1998.
- Costa e Silva, José Maria da, *Ensaio biographico e critico sobre os melhores poetas portugueses*, 10 tomos, Imprensa Silvana, Lisboa, 1850-1855.
- Denis, Ferdinand, "Une chronique et un poème. Le Naufrage de Sepulveda et de Dona Lianor de Sa" in Idem, *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal*, tomo II, ed. Ledoyen, Paris, 1839, pp. 79-131.
- Figueiredo, Fidelino de, "Relance sobre os Poemas Quinhentistas" in Idem, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, edição facsimilada, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1987, pp. 369-381.
- Garrett, J. B. Almeida, "Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa" in J. P. Aillaud (ed.), *Parnaso Lusitano*, vol. 1, Paris, 1826.
- Gomes, Luís Miguel Gil, *Vasco Mouzinho de Quebedo. A sua obra, a sua vida, o seu tempo*. INTERNET: <http://users.ox.ac.uk/~kebl0779/quevedo>
- Matos, Maria Vitalina Leal de, "Vasco Mousinho Quevedo Castelbranco", *Arquivos do Centro Cultural Português - Homenagem a Maria de Lourdes Belchior*, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, FCG, Lisboa-Paris, 1998, pp. 417-434.
- Moura, Gilberto, "Depois duma leitura da «Malaca Conquistada»", *Claro. Escuro. Revista de Estudos Barrocos*, vols. 6 & 7, ed. Quimera, Lisboa, 1991, pp. 93-97.
- Rodrigues, Manuel dos Santos, *O 'Afonso Africano' de Vasco Mouzinho de Quevedo. Estudo histórico-literário e edição crítica*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999 (tese de doutoramento policopiada).
- Saraiva, António José e Óscar Lopes, "O rasto de Camões na épica seiscentista" in Idem, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto (actualmente na 17.ª edição)
- Segurado e Campos, J. A., "Crónica ou poema? Observações sobre o «Segundo Cerco de Diu» de Jerónimo Corte-Real" in AAVV, *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, INIC/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992.

